

11

(Green view)

REVISTA TRIMENSAL

RIHGS
12
vol. VII

— 1919 —

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

Fundado em 1919, reconhecido
de utilidade pública pela Lei n. 001, de 9 de No-
vembro de 1915 e considerado de
utilidade continental pela Resolução n. 68 do Con-
gresso Americano de Bibliographia
e Historia de Buenos Ayres.

Annos XI e XII (1926-1927)

N. 12 - Volume VII

Redactores: *Dr. Rosendino X. de Argollo,
Nicanor Ribeiro Nunes e
Pedro Solero Machado.*

ARCAEM
Est. Graph. José Luis de Carvalho
1927

820028-55

ARACAJU - SERGIPE
RUA LIBERDADE, 41
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE

REVISTA TRIMENSAL

— DO —

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

.....

Fundado em 1917, reconhecido de utilidade publica pela Lei n. 694, de 9 de Novembro de 1915 e considerado de utilidade continental pela Resolução n. 58 do Congresso Americano de Bibliographia e Historia de Buenos-Ayres.

.....

Annos XI e XII (1926 - 1927)

Volume VII

.....

Redactores: *Dr. Ascendino X. de Argollo,
Nicanor Ribeiro Nunes e Pedro Sotero Machado.*

.....

ARACAJU
Est. Grap. José Lima de Carvalho
1927



DIRECTORIA ACTUAL

DO

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Biennio de 1927 - 1929

Presidente honorario—Coronel Manoel Corrêa Dantas
Presidente effectivo—Dr. Francisco Carneiro Nobre de
Lacerda

1.º Vice-presidente—Dr. Manoel dos P. de O. Telles

2.º Vice-presidente—Desembargador Lupicino Amyn-
thas da Costa Barros

Secretario Geral—Dr. Nyceu Dantas

1.º Secretario—Prof. Francisco da Graça Leite

2.º Secretario—Dr. Enoch Santiago

Orador—Dr. Edison de Oliveira Ribeiro

Thesoureiro—Epiphania da Fonseca Doria.

COMISSÕES

Fazenda e Orçamento : Desembargador João Maynard,
Dr. Alexandre Lobão e Desembargador Octavio
Cardoso.

Historia : Professor Florentino Telles de Menezes, Dr. Ma-
noel Candido dos Santos Pereira e Dr. Elias Montalvão.

Geographia : Desembargador Francisco Monteiro de
Almeida, Dr. Edgar Coelho e Dr. Prado Sampaio.

Admissão de socios : Coronel Jardelino Porto, João
Montalvão Mattos e Joaquim Lins de Carvalho.

Manuscriptos e Autographos : Dr. Manoel Peretti da
Silva Guimarães, Desemb. A. Teixeira Fontes e
Orlando Baptista Bittencourt.

Revista : Dr. Ascendino Argolle, Nicanor Ribeiro Nu-
nes e Pedro Sotero Machado.

Revista Trimensal

— DO —

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE



Coronel Manoel Corrêa Dantas

Honrado Presidente do Estado

e

Presidente Honorario do Instituto.



A quem se deve esta Revista

Motivos de ordem economica nos vêm privando da publicação desta Revista nas epochas normaes.

De tão difficil conjunctura nos veio tirar o Exm. Sr. Coronel Manoel Dantas, eminente Presidente do Estado.

Sabedor das aperturas em que nos encontravamos promptificou-se a custear por conta do Estado esta util publicação.

Espirito eminentemente liberal e constructor, não regateia S. Exa. auxilios sempre que se lhe depáram em difficuldades nobres e proficuos emprehendimentos.

Não fosse isso e o Instituto ainda desta vez não lograria ver publicada esta Revista.

E de accentuar que a boa vontade do honrado chefe do Estado não ficou neste auxilio; ella vai mais além; S. Exa. nos promette, depois de ouvido o Poder Legislativo, dar um terreno para a construcção de uma casa onde possa funcionar commodamente o Instituto.

Manda a justiça que ponhamos em alto relevo mais esse nobre gesto de S. Exa., o Sr. Coronel Manoel Dantas, cuja administração tem sido, em boa hora o dizemos, progressista e escrupulosa.

Não seria justo omittir aqui o interesse e bôa vontade que encontramos na pessoa do illustre consocio dr. Leandro M. Maciel a favor desta publicação. Moço, intelligente, operoso e devotado do engrandecimento da terra do seu berço, é o nosso digno consocio um dos mais activos auxiliares do governo actual.



Município e Cidade de Simão Dias

(Notas Historicas)

Por Carvalho Lima Junior

I

Situação Geographica — O Povamento — Primeiros donatarios

Primitivamente, o territorio occupado hoje pelo Município de Simão Dias, fazia parte integrante da freguezia e termo do Lagarto, uma das mais antigas villas da Capitania de Sergipe d'El Rey.

Geographicamente, acha-se a Noroeste da cidade do Lagarto, limitando-se ao Norte e a Leste com o municipio de Itabayana, a Sudoeste com a freguezia de Itapicuru de Cima, e a O., com terras doadas antigamente á casa da Torre. (1).

São incompletos os dados de que dispomos no momento para este resumo historico.

Contudo, podemos assignalar como primeiros povoadores dessa região do extremo Oeste Sergipano, entre outros, alguns cessionarios de sesmarias concedidas pelos Capitães Móres de Sergipe.

(1) Pareciam ignorar isto em 1757 os camaristas do Lagarto, quando na descripção de seu termo mandada ao Governo da Bahia, assignalaram os seus limites pelas « Mattas de Simão Dias » que vão além da setra do Capitão.

Taes são, pela ordem chronológica :

SECULO XVII

Capitão Belchior d'Affonseca Saraiva, Francisco Dias Prêgo e Desembargador João de Góes Araújo, por alvará de 15 de Junho de 1678, entre o Vasa barris e Lagarto, a começar nas cabeceiras de João de Aguiar Villas Bôas, indo intestar com os primeiros curraes de Francisco Dias Avila, tendo sido de 10 por 15 leguas o pedido, sendo de parecer o Procurador da Fazenda, que se devia conceder 3 leguas de comprimento por 1 de largo, ou 4 a 5 leguas, declarando a concessão confirmar a sesmaria de 12 de Maio de 1678.

Alferees Diôgo Nunes da Motta, por alvará de 7 de Outubro de 1692, entre o riacho do Saco do Sipó, que nasce na serra das Ilhotas, e corre pela dita serra e outras, e fim das serras das Cunjindas, começando do fundo das Candêas, buscando o rio Sergipe, caminho do sertão.

Capitão Antonio G. da Costa Barros, por alvará de 23 de Março de 1700, 3 leguas de comprimento e 1 de largo, do Vasa barris para o sertão entre as dadas á casa da Torre.

NO SECULO XVIII

Manoel Dias Bispo, por alvará de 27 de Novembro de 1711, 1 legua de largo por 3 de comprimento, do rio Salgado para cima.

Manoel Alves da Silva, por alvará de 25 de Outubro de 1713, 1 legua de largo por 3 de comprimento, no sertão de Vasa barris, da barra do rio Salgado ás nascentes do rio Jacoca, á serra do Coité.

Outra ao mesmo, por alvará da mesma data, com a mesma quantidade de terras no sertão do Vasa barris, lado do Sul, da estrada real á serra do Capitão, entre esta e a serra Prêta.

Capitão Ventura Moreira da Costa, por alvará

de 12 de Abril de 1731, 1 legua de largo por 3 de comprido, subindo o Vasa barris até a barra do Rio do Peixe, e d'ahi rumo do Norte.

Capitão-Mór Antonio Martins Fontes, por alvará de 29 de Janeiro de 1732, 1 legua de largo por 3 de comprido, no sertão do Vasa barris, nos rios do Peixe e Salina.

Capitão Mathias Carvello de Mendonça, por alvará de 29 de Agosto de 1733, 1 e meia leguas de comprido por 1 de largo, no rio Salgado, em Vasa barris.

Coronel Nicolau de Sousa Furtado, por alvará de 1 de Fevereiro de 1734, 1 legua de largo por 3 de comprido, no rio Tabua.

Felix Marques Correia, por alvará de 16 de Junho de 1734, 1 legua de largo, por 3 de comprido, no sertão do rio do Peixe, começando na barra do riacho Sipó.

Sebastião Pachêco de Londres, por alvará de 17 de Agosto de 1734, 1 legua de largo, por 3 de de comprido, na Fazenda de Dentro, no Vasa barris.

Capitão Antonio Francisco Carneiro, por alvará de 15 de Novembro de 1734, 1 legua de largo por 3 de comprido, no sitio do Limoeiro.

Manoel da Fonseca Araujo, por alvará de 12 de Agosto de 1746, 1 legua de largo, por 3 de comprido, no riacho Sipó, pelo rio do Peixe, até a barra do Campo Grande.

João Andrade de Moura, por alvará de 10 de Novembro de 1746, 1 legua de largo por 3 de comprido, no rio do Peixe, subindo o rio das Carnabybas.

Alferes Antonio Goncalves Collaço, por alvará de 26 de Agosto de 1748, 1 legua de largo, por 3 de comprido, por detraz da serra da Mandioca Brava, rumo do Poente e Sul.

Manoel de Sande Ribeiro, por alvará de 10 de Junho de 1753, 1 legua de largo, por 3 de comprido, no sertão de Vasa barris, a começar no riacho Causação, confluyente do Salgado.

Francisco de Sá Souto Maior, por alvará de 7

lea

de Dezembro de 1753, 1 legua de largo, por 3 de comprido, entre o Vasa barris, a serra do Banhau e o riacho Bedengó.

Capitão Bernardo da Gama Noronha, Alferes José Sotero da Gama, Manoel Fernandes Nobre e José Ferreira Nobre, por alvará de 8 de Novembro de 1759, 1 legua de largo, por 3 de comprido, entre as sesmarias do Capitão Pedro da Costa e seus filhos, onde finda o sitio Carnahybas, do Capitão José de Mattos Tavares, João Bernardes da Costa e Alferes Paschoal Mendes, e d'ahi ás cabeceiras do riacho Tocoaré por elle abaixo meia legua ao Sul, buscando o rio das Carnahybas, e desde meia legua para o Norte até o rio Piauhy.

E como estes, muitos outros que a extensão deste trabalho não permite mencionar, mesmo por insufficiencia de dados completos, fôram os desbravadores das matas dessa feracissima região, que, em sua mór parte, foi transformada em catingas pelo machado dos primeiros colonizadôres.

A colonização encaminhou-se para lá, de S. E. para Noroeste, subindo o rio Vasa barris, e o Piauhy, de suas nascentes, espalham-se pelo rio do Peixe e outros afluentes do Vasa barris, em procura dos sertões de Geremoabo e de Jacobina.

II

Origem do Nome Simão Dias — Sua Civilização e Evolução.

Até aqui temos fallado sobre a região outr'ora pertencente ao termo e jurisdição do Lagarto, não pedendo precisar positivamente o momento em que tomou o nome de Simão Dias.

O nome histórico, durante mais de cem annos, a partir da conquista da Capitania por Christovão de Barros até o fim do século 17.; era — Sertão do Vasa barris, — assim conhecido para além da barra do Salgado.

Assim também as *mattas*, que receberam depois o mesmo nome dado pelos povos, pela vizinhança do local em que se acha a actual e florescente cidade, designavam apenas uma vasta faixa de terras, vizinhas ao *Caiçá*, que se notabilisavam pela exuberância da vegetação e fertilidade do sólo, ostentando a sua imponencia com os primitivos collossos de sua flóra, que servia de marco das terras inferiores do Oéste, menos proprias para a cultura.

Diversas sesmarias, referindo-se a ellas como limites, diziam simplesmente — *umas mattas*.

E a razão é bem patente: ainda não existia lá Simão Dias, e quando este appareceu, foi tão obscuramente que só mais tarde, e depois de sua morte, fundáda a povoação, foi que ligou seu nome as celebres *mattas*, que o perpetuarão atravez dos seculos.

Como appareceu Simão Dias, quem foi elle, de onde veio, de quem descendeu?

E' o que convém averiguar, talvez com pouco resultado, por falta de elementos históricos de precisão, accordes com a tradição.

Muito demorado foi o povoamento da região, e lento o progresso de sua civilização.

A falta de recurso dos exploradores e o terror dos naturaes do paiz conquistado pelas armas de Christovão de Barros, concorreram para que durante alguns annos posteriores ás primeiras concessões de sesmarias, ainda estivesse despovoado o sertão de Vassa barris, emquanto que a parte ábaixo do Jacóca dava signaes de uma vida nova, embora de vez em quando perturbada pelos indigenas despojados de suas terras, e tratados como animaes bravios, razão porque não se conformavam com o estado de serviçáo a que fôram submettidos no seu paiz pelos invazores.

Foi preciso que o genio do Itabayanista, sem-aventurôso, tomasse a iniciativa de transpôr o Vassa barris, pela serra da Miaba, para levar a civilização

áquellas paragens, seguido depois pelos lagartenses, pois, a esse tempo, a Itabayana já tinha uma civilização relativamente adiantada.

Sabe-se que o nome da hoje cidade e do Município de Simão Dias, vai buscar a sua origem no nome do que primeiro exerceu influência legítima no Oeste sergipense além Vasa barris.

Comtudo, não é facil determinar o individuo assim chamado, por isso que trez appareceram na nossa historia colonial com o mesmo nome: *Simão Dias, Simão Dias Fontes e Simão Dias Francez.*

O primeiro acha-se fóra de combate, pois apparece em 1599 como cessionario, por carta de 16 de Agosto, de meia legua de terras em quadro, a qual por sua situação, nas cabeceiras das dadas a Manoel Amoré e Gaspar de Souza, localizava-se no Cabype, no rio Santa Maria.

Sôbre os demais — Simão Dias Fontes e Simão Dias Francez, — é que se estabelece a duvida.

Não parece que qualquer dêstes, tenha dado o nome a Simão Dias, antigo Districto e Curato do Lagarto, porque as suas sesmarias estão localizadas no Vasa barris junto a S. Christovão, e durante mais de meio século depois aquella região era conhecida só pela denominação de — *Sertão do Vasa barris.*

Attendendo-se, porém, a data, 27 de Fevereiro de 1607, da sesmaria de Simão Dias Fontes, localizada nas vizinhanças do rio Sergipe, parece fóra de duvida que, só com Simão Dias Francez é que nos temos de haver para explicar a origem do nome, que extendeu-se da povoação ás *Mattas* que tomaram o seu nome.

Nêste ponto estamos de accôrdo perfeito com o Dr. Joaquim de Oliveira em seas investigações sôbre o nosso passado.

Dos Apontamentos publicados no «Correio Sergipense», sôbre o titulo *Historias Perdidas*, pelo Dr. Joaquim de Oliveira, transcriptos depois no «Jor-

nal de Sergipe », de 12 de Outubro de 1867, aproveitamos, nestas notas, as informações que se seguem, sôbre o que elle próprio denominou:

« *A Historia de Simão Dias de carne e ôsso e a de Simão Dias de Pedra e barro* ».

« A Historia de um homem, e a historia de uma vida ».

Descrevendo o typo sympathico dêsse egregio sertanejo, que não deixou retrato, mas a tradição ouvida dos mais antigos pelo chronista, as vêzes romantizada, diz o citado autor que: Simão Dias era um sujeito alto e desempenado, vigoroso e bem nutrido, morador no Caiçá.

« Tinha olhos gázeos e sombreados por bastas sombrancelhas grisalhas, testa larga e espaçosa, ligeiramente enrugada por sulcos horizontaes e parallellos, tanto mais superficialles quanto mais proximos symciput, onde luzia uma calva respeitavel que lhe levava a melhor parte dos cabellos da frontaria.

« Contava então seus sessenta Janeiros, Simão Dias Francez, — era assim que o chamavam, — nascêra em Itabayana, em 1594, e ahi morára até 1637, época em que mudou sua residencia para as mattas do Caiçá em consequencia das correrias e extorções exercidas nas fazendas d'além serra pela soldadesca ao mando do Conde de Bagnuolo.

« A tradição contava que o nome de — Francez, lhe viera do pai, um dos poucos aventureiros que escaparam do morticínio de 1586. (2).

As velhas do Bairro, porém, explicando a tradição, diziam á bôcca pequena, que Simão Dias era filho bastardo de um Francez, que desertando das fileiras dos Indios de Muhapena, por occasião do assalto a esta aldeia por Christovam de Barros, em 1590, salvara a vida, refugiando-se nas grutas salitrosas da serra da Cahyba.

(2) Referencia a uma escaramuça na serra da Cahyba, entre os Indios e os aventureiros, que sahiram derrotados ao tempo das guerras da conquista.

Vivia elle de receber gados de partido, e gozava nome de honrado e zeloso na gerência e guarda da fazenda alheia.

« Pelo anno de 1637, era o dia 20 de Junho, estava Simão Dias sentado á porta de sua casa, fumando o seu cachimbo de excellente fumo, que o tinha de propria layra, quando apeou-se em frente um soldado, que, sem mais cerimonia, tirou do bolso um papel, leu-o, e dirigindo-lhe a palayra:

— « E' o Sr. Simão Dias?

— « Para o servir.

— « Da parte do Sr. Conde General do exercito, intimo vossa mercê para me entregar cincoento cabeças de gado dos curraes de Braz Rabello.

— « Ah! seja bem servido, Sr. infante, tornou-lhe Simão Dias. Vem de São Christovão, não é assim?

— « Venho.

— « Muitas novidades, heim?

Os escutas do Campo que novas trazem da Mauricêa? E' o Sr. Conde como passa? Bem valente espada na verdade.

Tenha-o Deus em sua guarda, e que venha lá esse valentão do Sigismundo arrotar bravuras!... E a propósito; posso saber o nome da pessoa com quem fallo?

« Manoel da Affonseca, soldado da companhia do Capitão D. João d'Estrada.

— Oh! O Sr. D. João d'Estrada é a glória do Regimento. E tambem, com infantes como o Sr. Affonseca, não ha cabo de guerra que desmaie, por ver chispar ferro inimigo em arnez de prova. Eu cá, por mim, o digo, que se tenho em mão boa aguiada, não temo a sanha do mais embravecido touro. Com que o Sr. Conde manda receber cincoenta cabeças de gado dos curraes do meu amo o Sr. Braz Rabello... Havemos de ver isto. Entretanto queira entrar e descansar...

— « Obrigado. Tenho pressa de voltar. Volto hoje mesmo conduzindo o gado.

— « Impossivel, Sr. Infante, é preciso juntal-o.

— « Levarei o que estiver á mão.

Seja assim.

—« E traz a ordem ?

—« Ordem de quem ?

—« De meu amo, está visto.

—« E' cousa que não me deram.

—« Então como entregarei o gado ?

—« A' ordem do Sr. Conde.

—« E tral-a consigo ?

—« Também não.

—« Essa é boa ! Então que contas darei de mim no dia da partilha ?

—« A que lhe aprouver.

—« Heim ?! Pois meu rico senhor Infante, em que me pèse, declaro que assim não levará o gado.

—« Pois levarei o Sr. Simão Dias.

—« A mim ?

—« Sim senhor.

—« Preso ?

—« Certamente.

—« E porque ?

—« Não sei : é a ordem que tenho : ou gado ou vaqueiro.

—« Enfim o caso não é para tanto. E' certo que devo dar boas contas de mim.

E' certo ainda que meu amo como bom vassallo, que é d'El-Rei nosso Senhor, deve concorrer para esta guerra dos holandezes...

Esclareçamos as cousas, meu charo Sr. Afonseca.

Em primeiro logar, quem me assegura, que vossa mercê pertence ao corpo de nossa gente de guerra ?

—« Minha farda.

—« Bem o vejo. E quem me affiança, que o Sr. Infante vem da parte do Sr. Conde ?

—« Minha palavra.

—« Muito respeitavel, não ha duvida. Mas supponhamos que vossa mercê era um desses sujeitos que commettam um grande crime á sombra de um grande nome, quem responderá por mim no dia da quarteada ?

—« Minha cabeça.

—« Ah! O Sr. Affonseca é homem ás direitas. Diz as cousas limpamente e sem torneios. Graças a Deus, não chegaremos tão longe. Comtudo, como pode acontecer que no dia de ajuste de contas com meu amo, vossa mercê tenha levado a farda, a palavra e a cabeça para a sepultura, preciso que me passe quitação do gado, que receber.

Duas horas depois desse dialogo o agente do Conde de Bagnuolo punha a brida em seu quartão, e dizia ao bom zagal:

—« Adeus Sr. Simão Dias. O Sr. Conde mandará cá pelas rezes que faltam.

—« E o Sr. Infante não deixa a quitação das que leva?

—« E' verdade; e quasi me ia esquecendo...

O soldado escreveu algumas linhas em um papel, que entregou a Simão Dias, e cavalgou, enlutando diante de si o gado que recebera, » (3).

Foi Simão Dias, victima de um acto de violencia do General hespanhol, do qual não se podia livrar, nas condições em que se achava, falta de garantias, sem a certeza de quem seria a victória no fim da guerra.

O alvitre que tomou de entregar o gado ao agente de Bagnuolo, foi pois, um acto de prudência, que em nada comprometteu a sua honra, como veremos mais tarde, por ter sabido acautelar-se com o recibo fornecido por Affonseca a seu instante pedido.

O que não é verosimil nesta noticia histórica, que nem por isto merece ser posta em dúbida, é que Bagnuolo tendo encarregado de uma missão espinhosa como esta, ao seu emissário, embora fardado, não o fizesse acompanhar de mais alguém que o guiasse por paragens para elle desconhecidas, e que o mesmo Affonseca, sozinho, mesmo que o tivesse

(3) N. 99 do «Jornal de Sergipe».

praticado como vaqueiro, fosse capaz de conduzir a S. Christovão, 12 leguas distante, o gado recebido de Simão Dias, sem encontrar obstáculos, atravessando mattas virgens, por pessimos caminhos mal e pouco transitados, fazendo o que ainda hoje não é praticavel, por um só vaqueiro.

O que parece, é que o citado autor não teve informações completas do facto, o que aliás não prejudica a história do acontecimento.

Em outro lugar, escreveu o autor nas suas «Historias Perdidas:

« Simão Dias, como todos os homens que lutam com a adversidade nos primeiros annos da vida, era provido e cauteloso; e ponde, á força de trabalho e economia, fazer uma boa fortuna para áquelles tempos de sobriedade patriarchal.

« Por occasião do seu casamento com Maria Damiana, em 1631, tivera velleidades de deixar a vida de criador pela de proprietário urbano, solicitado, como foi, pelos rogos da mulher nascida e criada em S. Christovão que não podia afeiçoar-se ás lidas diurnas do viver dos campos. Comtudo, ponde mais em seu espirito o affecto habitual da profissão da infancia, do que o amor complascente de noivo submisso em lua de mel.

E por fim de contas o bom senso de D. Maria, acabou por achar muito plausiveis as razões do marido, e resignou-se de bom grado a substituir a lançadeira do tecelão pela guia do pegureiro ».

Escrever a história do Municipio de Simão Dias, o que fazemos resumidamente, é escrever a história d'aquelle que lhe deu o nome, com a sua vida tão accidentada quanto a honrada memória ainda viva na tradição de dous municipios; aquelle a que deu seu nome quando simples arraial, e o de Itabayana onde teve o berço, quando ainda não era mais que uma simples fazenda dos primeiros colonos.

E' natural, pois, que continuemos a tratar desse

legendário, que immortalisou-se inscrevendo seu nome na primeira pagina da história de dous municípios.

Receiava Simão Dias que succedesse em sua fortuna particular, o mesmo que havia acontecido com o gado de Braz Rabello, de quem era vaqueiro, pois outra cousa não era de esperar, fôsse quem fôsse o vencedor na guerra: se as armas hespanholas, porque Bagnuolo em Sergipe só se occupou de arranjar provisões para o seu exercito a custa dos layradores e criadores sergipanos, chegando ao ponto de ordenar aos criadores de Itabayana, que retirassem seus gados para além do rio Real, sob pena de prisão e de confisco se o não fizessem dentro de 3 dias; se as armas hollandezas, que faziam o mesmo em represalia e por pirataria, e Itabayana por causa de suas criações e da fama do ouro de suas serras, seria o alvo desses ávaros ambiciosos. E neste caso deixaria de ter curraes e gados, seus principaes haveres.

Por isto e nisto pensando maduramente, lembrou-se de acautelar o futuro, segurando, contra provaveis assaltos, sob o pretexto de guerras, os bens adqueridos na mocidade para garantia do bem estar na velhice, e deu a sua mulher a agradável nóva, recebida com carinho, de sua resolução de vender o que possuia em Itabayana e S. Christovão, e mudar-se para as mattas do Caiçá ainda por desbravar, buscando assim a tranquillidade e o repouso, mais longe do convívio social.

Lá não seria tão facil ser perseguido pela cubiça dos exploradores do albeio.

III

Fundação de Simão Dias

Não fôsse a guerra hollandeza no Brasil seguida da invasão e sujeição de Sergipe em 1637, e a região do Caiçá, que tem hoje, o nome de Simão Dias, e a civilização no Oeste Sergipense teria sido retardada, não se sabe porquanto tempo, porque Si-

mão Dias não teria deixado Itabayana para buscar no retiro das florestas virgens, habitadas por iéras, o socêgo, que a civilização não lhe podia dar.

Simão Dias, pensador e previdente, não se havia enganado nas suas previsões do futuro proximo.

O problema a resolver, de sua mudança, consistia em dispôr como dissemos, dos bens que não podia levar consigo.

Assim, pois, combinou com sua mulher sôbre a venda das propriedades, que possuíam em S. Christovão, dentro dos 15 dias ultimos do prazo do edital de Bagnuolo, sôbre a retirada dos gados de Itabayana.

D. Maria Damiana lembrou-lhe para comprador das suas casas da rua de Baixo—actualmente rua de S. Francisco, o francez Alberto Guillet, de quem eram amigos, mas Simão Dias convenceu-a de que deviam dar preferencia a Gaspar da Cruz Porto Carreiro por ser *visinho de parede e meia*, e ser homem que *tem toalha de água ás mãos e por fim grande lettrado.* (4)

Foi um dos concessionarios por carta de 30 de Agôsto de 1625, de terras na serra da Tabanga, com Pedro de Figueirêdo e Domingos da Cruz Porto Carreiro. Pelo nome, parece ser irmão deste ultimo, e de Amaro da Cruz Porto Carreiro, que fôra Capitão Mór Governador da Capitania de Sergipe, alguns annos antes d'aquella concessão.

«—Os terrenos do Jordão poderemos vender ao francez ou a quem mais der» disse-lhe então Simão Dias.

Efectuadas as vendas, arrancarem os curraes, juntaram as criações, e eil-os—saudosos por deixarem a terra querida, caminho do Gêste, transpondo os rios Lomba e Vasa-barris, e chegando ao Caiçá, onde estabeleceram definitivamente o novo domicilio, e onde deviam passar o resto da existencia.

Não falharam as suas previsões, tendo se reti-

(4) Dr. Joaquim de Oliveira—*Historias Perdidas.*

rado Bagnuolo para o sul, no dia 17 de Novembro, por saber que o inimigo se approximava, com probabilidade de dar o assalto sem encontrar opposição. Tres dias depois, o General Sigismundo von Shoppe á frente de 3.500 homens transpõe a barra do Vasa barris e de surpresa occupa S. Christovão sem elementos para resistencia, tão diminuta era a guarnição da cidade.

E como consequencia da posse de sua prêsa, os flamengos, espalhados em piquêtes pelo interior do paiz conquistado, levando a ferro e fogo as populações, talaram os campos, as searas e as creações do valle do Vasa barris, sendo Itabayana a região mais soffredôra, por causa da fama das minas de ouro de suas serras, onde se deram ao exercicio de explorações.

Mas lá já não encontraram Simão Dias.

Com a sua presença no Caiçá, de relações cortadas quasi com o litoral, amando o retiro e a solidão como um ascêta, sem deixar de acolher com carinho, todos que desde logo se acercaram d'elle, que de Itabayana levava a fama de suas grandes qualidades, a matta diserta e inculta a pouco e pouco foi abrindo o seio virgem para receber o cultivo do sólo pelo trabalho do homem, em quanto os campos, abertos pela foice e pelo machado, fôram se povoando de creações de Simão Dias, e de outros visinhos, que á sua sombra desbravaram o mesmo sertão inhóspito.

A' proporção que a civilisação caminhava ao seu impulso, sempre para o occidente, fundia-se o elemento estrangeiro com o autochtone, que se associava ao modo de vida dos conquistadores, emquanto os mais bravios, negando-se á sujeição, internaram-se na noite das selvas buscando o alto Vasa barris.

Corria o anno de 1655, cerca de 22 annos do estabelecimento de Simão Dias no Caiçá.

Um acontecimento importante na sua vida de-

senrola-se então, fazendo realçar as suas virtudes em compensação dos seus grandes soffrimentos moraes.

IV

Simão Dias querellado por desvio do gado de Braz Rabello—Sua innocencia—Grandeza de sua alma

Demos ainda a palavra ao Dr. Joaquim de Oliveira, a quem deve a Historia as informações seguintes, da vida dêsse illus.re sertanejo dos tempos coloniaes.

«Governava a Capitania de Sergipe o Dr. Gaspar Rodrigues Seixas. (5) Era juiz Ordinario n'aquelle anno Gaspar Maciel Villas-Bôas.

«Simão Dias, gozando em paz dos fructos do seu trabalho, vivia nas mattas do Caiçá, como um velho patriarcha dos tempos biblicos. Era simultaneamente pastor e lavrador. Via-se em frente de sua modesta habitação, uma capelinha dedicada a Sant'Anna; aos lados curraes do gado, e o celleiro das provisões; e mais além dispersas nas quebradas da collina, umas vinte casinhas de palha, em que moravam alguns escravos e uma dezena de familias pobres, que se lhe tinham aggregado na quadra ingrata das incursões dos battavos. Corria o dia 2 de Junho. O céu era triste e carregado, o ar penetrante e frio, o sol velado pelas nuvens no horizonte. Era a hora do almoço quando Simão Dias vestido em um cumprido quimão de pataval usado, envolto em seu pesado capote de camelão azul ferrête, contemplava, da alpendrada de sua casa, levantada na pequena eminencia em que hoje assenta a Igreja Matriz, um grupo de cordeirinhos, que, sahindo do redil proximo, deslizavam-se, ou desejando aos saltos pela encosta do outeiro ábaixo, a encorporar-se, ao reba-

(5) Não apparece na *Historia de Sergipe* pelo Dr. F. Freire, da qual se deprehende que exercia o cargo Manoel Pestana de Britto, deposto em 2 de Outubro de 1655, não deixando substituto.

nho que pastava nas margens do ribeirão fronteiro. Um cavalleiro, que então chegava, e se apeára, disse-lhe cortezmente:

—«Por mandado do Sr. Juiz Ordinario de S. Christovão, o Capitão Gaspar Maciel Villas-Bôas, venho citar a vossa mercê, para fallar aos termos de um libello que lhe propõe Braz Rabella Falcão.

—«O que diz o Sr.?!

—«E' vossa mercê o Sr. Simão Dias Francez, morador no Caiçá, afazendado em cereaes e gados?

—«Não ha duvida, que o sou.

—«Pois então estou certo que não me enganei.

—«E quem é este Braz Rabello?

—«Um mercador de pannos.

—«Morador na cidade do Salvador?

—«Exactamente.

—«Ah! disse Simão Dias como se decifrasse um enigma.

E o que pode esse senhor?

—«Umaz cabeças de gado de entrega e multiplicação, que diz elle, foram extraviadas por vossa mercê, ha dezoito annos, na qualidade de vaqueiro de partido de seus curraes de Itabayana.

—«Oh! exclamou Simão Dias entre indignado e irónico, desfigurando a face, como se violenta commoção abalasse profundamente os centros sensitivos de sua organização trabalhada, mas ainda vigorosa.

—«Ao ouvir a imputação injuriosa, que lhe atiravam á face, não ponde disfarçar a surpresa, e abafar o sentimento de indignação que lhe dominava o espirito. Mas, em breve, chegou-lhe a reflexão; e o testemunho de uma consciencia pura veio serenar-lhe o animo agitado. E então, perguntou ao official de justiça:—Pode vossa mercê dizer-me, quem é a pessoa encarregada em S. Christovão, de tratar deste negocio?

—«E' um sobrinho do autor, chamado Christovão Rabello.

—«Ha de ser isto mesmo; disse pausadamente Simão Dias, como se respondesse a uma pergunta

interior.—E veio recommendado a alguém lá na cidade?

—«Dizem que ao Padre Vigario, ao lettrado João Soares Terra de Barbuda, e ao proprio Governador.

—«Ah! estes senhores provavelmente esquadrinham a causa não é assim?

—«É de suppôr.

—«E assistiram a audiéncia?

—«Pelo menos o Vigario e o lettrado.

—«É o sobrinho do mercador?

—«Esse é parte interessada e estará presente.

—«Para que dia está marcada a audiéncia?

—«Para 8 do corrente, no paço do conselho do Senado da camara.

—«Estou citado; pode certificar-o.

«Simão Dias como todos os homens d'aquelles tempos, tinha em bôa guarda os livros de contas, e todos os papeis relativos aos negocios em que entrara, ás transações que fizera. Muitos annos haviam que aquelles documentos emmassados não recebiam do archivista senão os cuidados da conservação e guarda. Desta vez porém soffraram uma busca rigorosa como não a sabe dar o mais pravecto escrivão a quem se offerce alguns centos de mil réis, por meia duzia de linhas tiradas dos velhos livros de notas. E tanto mexeu e virou, e revirou os maços de papeis empoeirados, que afinal achou alguns que, pelo modo com que lia e dobrava, pareciam causar-lhe a mais viva satisfação».

No dia aprezado para a audiéncia, não se fez esperar Simão Dias.

Divulgado e commentado como estava sendo o facto, tratando-se de um abastado fazendeiro geralmente considerado e acatado; e a circumstancia de ter logar a audiéncia do juiz ordinario, no paço do Senado da Camara, cujo prédio acabava de ser construido e decorado luxuosamente, chamavam a attenção da população para assistir a solemnidade.

Presentes, pois, o clero, nobreza e povo da

cidade, e as partes, representado o autor por seu procurador, e dado pelo sino da cadeia, como hoje por campainha, o signal de abertura de audiência. Sinão Dias, calmo e sereno, erecto, e magestoso pelo respeito que a todos infundiam as suas cans, tendo a palavra para produzir a sua defeza, começou fazendo o historico do seu nascimento havia 60 annos passados, em modesta casa ao lado de uma quixabeira lendaria, que existio até 1850 ao lado da actual matriz de Itabaiana (6), tendo se criado sem pai nem mãe, sem o amparo de ninguem, chorando de fome e frio, até que tornou-se homem, e dedicou-se honradamente a profissão de vaqueiro compativel com as suas tendencias e as circumstancias, trabalhando dia e noite sem cessar, conservando as suas economias até que tornou-se abastado e respeitado pela sua integridade moral, tendo sido depositario de muitas fortunas devido a confiança que soube a todos inspirar, como administrador de bens alheios, envelhecendo na temor de Deus e no amor do proximo, que não obstante chegou o dia em que foi chamado á juizo e accusado como estellionatario, mas que então se apresentava para lavar a nodoa de tão infame imputação ao pobre e honrado anciao a quem a justiça pedia contas como se fôra um ente vil e desprezivel.

E virando-se para os espectadores, perguntou por Christovão Rabello Falcão, sobrinho de Braz Rabello, que declarou-se presente, representando o tio.

—Graças a Deus que nos encontramos, e ha de reconhecer-me.

E passando, com licença do juiz, a interrogar o sobrinho de Braz Rabello, affirmando o que não podia negar e negando o que não lhe convinha affirmar, porque se compromettia; o publico perplexo

(6) Vid. Monographia Histórica de Itabayana por Carvalho Lima Junior, —1 «Revista do Instituto Histórico de Sergipe», anno II, Fasc. II, vol. II, 1914.

e silencioso assistio á exhibição das provas da innocencia e lizura de Simão Dias, e da culpabilidade de Christovão Rabello e seu irmão Francisco Gonçalves Rabello, que tomando conta da fazenda de seu tio em Novembro de 1637, inventariada, com a declaração de faltar as 50 cabeças de gado extorquidas pelo Conde Bagnuolo, dissiparam o deposito que lhes havia sido confiado; que disto foram testemunhas presencias Sebastião Carvalho, Manoel de Souza e Garpar da Silva.

E acabou esmagando a calumnia, quando para responder a certas negativas de Christovão Rabello, ao ser por elle interrogado, leu, e pediu que se juntasse aos autos, a declaração escripta e assignada pelos dois sobrinhos de Braz Rabello Falcão, de terem recebido de Simão Dias o gado de seu tio, e de terem sido as 50 cabeças em questão, levadas pelos agentes de Bagnuolo, ficando disto os competentes recibos.

Diante de taes provas esmagadoras, que o publico numeroso testemunhou, declararam-se os patronos de Braz Rabello em favor de Simão Dias, e dois dias depois o juiz ordinario (10 de Junho de 1655), publicava a sua sentença absolvendo Simão Dias, e condemnando o autor nas custas.

Christovão Rabello desistio da appellação, e indo ao cartorio pagar as custas, soube com espanto, pelo Escrivão, que já estavam pagas, tendo sciencia afinal, que o pagamento fôra feito por Simão Dias por intermedio do Vigario da freguezia, amigo e interessado por Braz Rabello.

Maior foi a sua admiração quando de partida para a Bahia despedindo-se do Licenciado João Soares, recebeu deste os agradecimentos pela generosidade com que pagou-lhe os honorarios, sabendo depois que a nobre acção nunca praticada por qualquer outro mortal, fôra obra do proprio Simão Dias Francez, sob sigilo pelo mesmo Vigario a quem disse:

«Senhor Cura, quando eu tinha doze annos ajoelhei-me um dia, olhei para o céu e disse: Senhor, se me guardes na vida pelos caminhos da ver-

dade, voto que perdoarei a offensa que me fizerem e pagarei ao offensor os gastos della.

Bem sabeis que fui offendido.

Esta carta satisfaz a primeira parte do voto.

« Esta bolsa contém o necessario para o cumprimento da segunda. Não me pergunteis como se fará o que vos peço; rogai a Deus que vos inspire. »

— E desapareceu sem dar tempo a resposta, diz o Vigario a Christovão Rabello e ao patrono acrescentando:

« Depois disto que fazer? O que fiz. Principiei cumprindo a segunda parte do voto, e agora cumpro a primeira entregando-vos esta carta. »

Abrindo-a, Christovão Rabello leu:

« Sr. Christovão Rabello. Muito meu Sr. a quem venero.

— A mim contaram que vossa mercê desistia da acção que me propoz o Sr. seu tio. Fica-me no coração este favor. Rogo a vossa mercê, que accetando o papel incluso, mande-o lançar em livro de notas e remetta o original ao Sr. Braz Rabello.

« Seja a paz do Senhor com vossa mercê, que espero me dará muitas occasiões do seu serviço. — E sou de v. m. muito seu creado e venerador. — Simão Dias Francez — S. Christovão, 10 de Junho de 1655. »

Christovão abriu o papel, e viu nelle uma declaração de perdão, que rezava assim:

« Por este por mim tão somente assignado, digo eu, Simão Dias Francez, por mim e como procurador bastante que sou de minha mulher Maria Damiana, que de minha livre e boa vontade dou perdão ao Sr. Capitão Braz Rabello Falcão mercador da Bahia do Salvador, de qualquer offensa ou agravo que delle tenha tido, não só pelo amor de Deus como por affecto a sua pessoa e assim lhe dou este perdão de hoje para todo o sempre, de sorte que em nenhum tempo por mim nem pela dita minha mulher, herdeiros e successores, lhe possa ser pedida ou demandada qualquer reparação ou restituição, e me obrigo em meu nome e da dita minha

mulher, herdeiros e successores, a ter e manter para bom firme e valioso, este dito perdão e não ir em todo e em parte contra elle, e peço ás justiças de sua Magestade que sendo caso que pela minha parte haja alguma querella ou denunciação contra o dito Braz Rabello, é minha vontade que lhe deem favoravel livramento, porquanto é esta minha vontade, e quero que valha o dito perdão com todas as solemnidades de direito em certeza do que foi este por mim feito e assignado em Sergipe d'El-Rei, aos 10 de Junho de 1655.—Simão Dias Francez » (7).

Ignora-se quando falleceu, e onde descansam os seus ossos—se na antiga capella, hoje Matriz, se em outro qualquer logar sepultado nas trevas de mais de dous seculos.

Pela phraseologia de qua se servira Simão Dias Francez,—segundo o citado chronista,—não sendo homem de cultura intellectual, expressando-se com tal ou qual correcção, á linguagem de hoje, deixa-se ver que o Dr. Joaquim Oliveira romanticou o facto histórico, deprehendo-se, porém, que não alterou a substancia, e que inspirou-se em fonte legitima: os autos da denuncia encontrados em S. Christovão nas suas pesquisas, talvez quando estudou a questão de nossos limites do O'este, em 1864, a mandado do Presidente da Provincia Antonio Dias Coelho e Mello. (8)

Ha uma antiga lenda que recorda a de Romulo, fundador de Roma, criado por uma loba: a que se refere Simão Dias, que se diz ter sido amamentado por uma cabra ao pé da quixabeira secular de que falamos atraz. (9)

Verdade ou não, a criação e educação de Simão Dias continua a ser um mysterio, que elle pro-

(7) Dr. Joaquim de Oliveira.—*Historias Perdidas—jornal de Sergipe.*

(8) Mensagem do Dr. Josino Menezes, de 1904, á Assembléa Legislativa de Sergipe.

(9) Carvalho Lima Junior, Rev. do Inst. Hist. e Geographico de Sergipe.—Vol. cit.

prio occultou em suas declarações na demanda, dizendo apenas, quanto a sua infancia e juventude, que perdera pai e mãe dentro do primeiro anno, ficando *orfão e abandonado, chorando de fome e de frio.*

Pela data do seu nascimento, que remonta ao anno de 1594, não sendo elle em nossa historia colonial o primeiro que apparece com o nome de que usou, forçoso é crer fosse filho de Simão Dias que, já sendo casado e habitante na Capitania, quando obteve a sesmaria de 1599, e sendo esta localizada no Cahyze, junto ao Rio Santa Maria, naturalmente chegou até Itabayana com outra concessão, tendo sido provavelmente o primeiro povoado da região quando nasceu Simão Dias Francez, e que este nome não tenha a origem achada pelo Dr. Oliveira, sendo oriundo, porém, por parte materna, pois haviam francezes em Sergipe por occasião da conquista.

V

Após a morte de Simão Dias

Depois da morte de Simão Dias, sem deixar descendentes conhecidos, a povoação por elle fundada nas matas do Caiçá, voltou a primitiva obscuridade, continuando a sua história a ser a história do Lagarto, como um dos seus districtos e Curato até 1835.

Cento e trinta e nove annos, depois dos successos acima narrados, mais de um século depois do fallecimento de Simão Dias, a modesta capelinha de Sant'Anna, existente nas proximidades de sua casa, servindo a crendice religiosa dos poucos habitantes da modesta aldeia, foi dotada com um patrimonio de terras e gados, pelo Capitão Manoel da Silva Carregosa e sua mulher, D. Anna Francisca de Menezes, que os havia obtido por compra aos moradores do Lagarto, tendo a escriptura da doação a data de 7 de Dezembro de 1784.

Uma descripção feita pela Camara do Lagarto em 1829, mandada ao Governo da Provincia, dando

conta das capellas filiaes á Matriz da respectiva freguezia, concorda com a mesma data, não dando, porém, a certeza de ter sido esta a da criação da capella.

Certo é, porém, que essa capella de Simão Dias, já existia com a mesma invocação, em 1655, como vimos da narração histórica do Dr. Joaquim de Oliveira, não sendo plausível que um povo christianisado pela catechese dos primeiros missionarios, tivesse atravessado dous séculos sem o conforto de uma pobre ermida.

Parece, pois, com maior fundamento, que a chamada erecção em 1784, (10)—referindo-se á capella com a invocação conhecida desde o século XVII, foi apenas uma obra de reconstrucção, inspirada pelo espirito de religiosidade da doadora, que tinha o mesmo nome da padroeira da capella primitiva.

Esta versão é tanto mais accetavel, quanto é certo, que o estado de civilização de Simão Dias se achava tão adiantado, que, ao tempo da doação do patrimonio, a região das *mattas*, com os seus arredores, era um districto e formava uma Companhia, chamada do — *Bairro de Simão Dias*, das 10 de que se compunha o Terço das Ordenanças do Lagarto, da qual era Capitão Antonio Martins Fontes.

VI

Ultimas Notas

De 1784 em diante, Simão Dias, quasi que não tem história ou não a tem conhecida, por fallencia de documentos. Continuou apenas a ser um districto do termo do Lagarto e Curato da mesma freguezia ecclesiastica que foi invadida em consequencia da Carta Régia de 21 de Novembro de 1817, mandando crear a freguezia do Bom Conselho dos Montes

(10) Padre Dr. João de Mattos — Sergipe-Bahia. « Questão de Limites, 1905 ». Empresa do « Estado de Sergipe ».

do Buqueirão, mas que não teve execução, cujo parochio veio até os quintaes de Simão Dias pescar as rendas dos incautos a pretexto de pescar almas para o céu.

Dêste modo invadiram a zona sergipense, caminhando até o Leste do Coité ou Malhada Vermelha.

Dêste acto resultaram futuras questões que ainda perduram.

Em 1826, os habitantes do Curato de Simão Dias, reunidos aos de Bom Conselho, pediram á Corôa a elevação da capella de Sant'Anna á freguezia, nada se tendo resolvido apezar de ouvido a respeito o Tribunal de Consciencia e Ordens, que teve informação favoravel dos Camaristas do Lagarto.

Sem duvida influiram para isto interesses politicos dos chefes bahianos predominantes n'aquella zona, a quem não convinha a jurisdicção sergipana, que os fazia perder a força eleitoral de que gozavam no Oeste da Bahia.

Como não obtivessem satisfação ao pedido, renovaram a pretenção em 1831, por intermedio da Camara do Lagarto em representação do dia 3 de Junho, fundamentando-a com razões as mais convincentes.

Ainda uma vêz a Assembléa Geral deixou dormir a representação, e em 3 de Junho de 1832, enviou-a á Commissão Ecclesiastica, que tambem dormiu 3 annos, para dar o seu parecer em 15 de Junho de 1835, mandando aos interessados que requeressem a Assembléa Provincial já entao instituida pelo Acto Addicional á Constituição do Imperio. (11)

Em 1835, porém, pela lei de 6 de Fevereiro do mesmo anno, a Assembléa Legislativa Sergipana creou a Freguezia de *Sant'Anna de Simão Dias*, desmembrada da freguezia do Lagarto levando os seus limites ao Oeste até as serras do Capitão e do João Grande, e deixando fóra uma grande facha do territorio Sergipense, ao poente das nascentes do Rio Real, abrangendo a freguezia do Bom Conselho por já ter sido esbulhada pelas forças politicas da Bahia.

(11) Dr. Felisbello Freire — Historia Territorial do Brasil, pag. 324.

Em seguida o Presidente da Província, José Joaquim Geminiano de Moraes Navarro, em officio de 12 de Fevereiro, fez enviar por cópia o acto da Assembléa sancionado, ao Arcebispo da Diocese, para os fins de direito.

Não demorou-se D. Romualdo Antonio de Seixas, em dar sua approvação á nova Lei.

Em consequencia, ordenou ao Vigario Geral de Sergipe, que fizesse cumprir e publicar a nova Lei, que creava a freguezia de Simão Dias, não obstante não ser ouvido antes do decreto, como era de Direito, e autorizou-o a nomear Vigario encommendado para a nova freguezia, marcando-se um prazo razoavel ao nomeado para submeter-se a concurso na Bahia, (12 de Março de 1835).

Feito o concurso o Arcebispo propôz ao Presidente Navarro, para Vigario collado de Simão Dias, antigo Curato o Vigario encommendado, Padre José Francisco de Menezes, unico oppositor e que foi nomeado.

Pela Lei de 16 de Junho de 1847, foram traçados os limites desta com a freguezia do Lagarto.

A Lei de 15 de Março de 1850, elevou Simão Dias, á cathegoria de Villa com os mesmos limites da freguezia.

Com a criação da Comarca de Itabayana, por Lei de 9 de Julho de 1854, passou a pertencer-lhe como termo o seu Municipio.

Uma nova Lei bahiana, de 1871, investiu contra a linha divisoria da Lei sergipana, de 6 de Fevereiro de 1835. Comtudo favoreceu Simão Dias deixando-lhe desempedida a povoação do Sacco.

Do mesmo modo a Assembléa de Sergipe, no Governo do General Siqueira, *criou uma cousa que já estava criada, sem nada tirar nem pôr*: — a lei nova, que traçou os limites de Simão Dias; e uma outra sem razão de ser, que mudou-lhe o nome, que, por fôrça, queiram ou não, ha de continuar vivo enquanto não nascer quem tenha o poder de desmentir a História.



O Quatorze de Julho de 1789

Conferencia lida no Instituto Historico e Geographico de Sergipe pelo
Dr. Helvecio de Andrade.

Exmo. Sr. Presidente do Estado.

Exmos. Srs. Directores do Instituto.

Exmas. Senhoras.

Exmos. Senhores.

Antes do objecto que aqui me conduz devo confessar quanto me peuhora e commove a honra insigne de ser ouvido por tão numerosa e selecta assistencia.

E' natural esta satisfação a quem ha muito não apparece na tribuna publica e não tem os dotes que fazem desejados os seus frequentadores.

Vêdo que torturantes duvidas assaltam o homem que consente em sair da sua voluntaria e grata obscuridade!

Se pequena a comparencia, fallece-lhe a coragem que pode sustentalo em aperturas taes; se grande e distincta, como ora succede, invade-lhe o temor do fracasso.

Sêde generosos; e, á falta de eloquentes e bellas phrases, que encantam o ouvido, attendei a

que o que vou dizer é o proprio sentir de quem ama a verdade, ou o que suppõe ser a verdade, sem sacrificio dos principios reguladores das relações humanas, mas tambem sem sacrificio de opinião pessoal.

Espero que levartis em conta a sinceridade do meu dizer para desculpar os senões de que vai cheio.

Nunca é demais repetir que o novo não existe; o que se diz — novo — não é mais que o antigo revestido de roupagem nova.

A sentença é velhissima; mas necessaria aqui.

Que houve de extraordinario na data que hoje celebramos para merecer as honras da consagração popular, como se vivessemos na paz dos anjos, descuidados e felizes?

A chacina do Terror! Com cabeças decapadas cada dia, vinganças, clamores, protestos! Onde e em que tempo se não ouviram brados taes de agonia?

Commovem-nos tanto as victimas da sanha revolucionaria, como as do despotismo do poder... Morrer de qualquer modo é sempre morrer... O passado se afasta, o presente agita-se em convulsões assassinas; e todavia o futuro nos sorri á esperanza e ao sonho!

Que é, pois, o homem no turbilhão desta vida? Folha sêcca que o vento arrasta? destroço de nau que o mar atrai á praia desconhecida?... Entretanto o homem tem uma função; tem um destino, destino superior, na vida universal.

Comparal-o-nos melhor ao fio a prumo que, desviado da vertical, volta á mesma posição; ou

no navio que, pezar das correntes contrarias, obedece ao leme e demanda o porto desejado.

A sociedade precisa de rumo certoiro.

Foi o que faltou á França, em 1789.

Partiu-se o leme á sociedade franceza, e o barco desandou sem norte, espalhando destroços, até que abançado o mar das paixões desenfrejadas, rumou de novo ao porto sonhado da Liberdade e da Fraternidade, ainda hoje não alcançado, vai isso para 136 annos, que digo? para 20 seculos!

Porque, seuhores, o doce e manso Jesus tambem pregou a Igualdade e a Fraternidade, mas foi crucificado entre dois ladrões!...

E o homem continúa a montar o homem, juguete das suas e alheias ambições.

Como definiu-o?

Brada por justiça e nega-a quando em jogo seus interesses; reclama a verdade e mente quando quer esmagar o adversario; proclama o imperio da lei e falseia-a quando dispõe de uma parcella de autoridade!...

Mas lia o phenomeno e a lei que o rege; o acontecimento e a idéa que o ordena; a humanidade e o espirito que a dirige.

Se as contingencias da lucta incessante e formidavel arrastam-n'o a procedimentos abominaveis, sombras em que se occultam os bons principios, como o sol sob a nuvem negra do temporal a cair, o espirito guarda a essencia desses principios immortaes por os quaes propende para o aperfeiçoamento moral...

A revolução franceza foi aquella espantosa

tormenta humana em cujos abysmos desappareceu a antiga sociedade com todos os seus crimes. O despotismo legal, o despotismo de direito, afogado em sangue, abriu caminho á igualdade da lei, á valorisação do trabalho e do merito, á todos os desenvolvimentos e progressos.

E' esse espirito triumphante, pezar de tudo, que aqui nos reúne para recordar e sandar a aurora fulgurante e rediviva daquelle inolvidavel dia civico da queda da Bastilha. cujos principios, ha 19 seculos, ditara Jesus no nunca igualado sermão da montanha.

Encontro-me, senhores, em situação bem estranha. Ainda agora me pergunto como e porque accitei tão difficil tarefa.

O mundo todo treme, agita se, contorce-se, estriquinisa-se se assim posso fallar, sob o impulso irresistivel de uma ancía sem nome por uma formula que lhe defina o presente e mostre uma nesga do futuro por entre as nevoas espessas da tempestade solta em que receia sossobrar.

Estamos aqui para commemorar uma revolução da qual nasceu a sociedade atual, mas esta sociedade nunca esteve tão insatisfeita; algo quer, mas não sabe o que!..

Estamos aqui para commemorar a revolução franceza, e condemnamos a revolução geral que nesta hora abala o mundo em seus mais solidos esteios... Desse apparente paradoxo resulta o desalinho da minha palestra, a que não pude ou não soube fugir.

Estou como o viajor perdido no mais denso de serrada selva, que, não encontrando a estra-

da do seu destino. aproveita todas as veredas para escapar ao labyrintho.

Desculpai-me o vacillante andar..

Entendem o sr. almirante Amythas Jorge, presidente do Instituto e meu excellente amigo, de trazer-me á tribuna deste cenaculo, onde se apuram competencias historicas e sociologicas.

Não pretendo algum desses titulos, mesmo porque ha na Historia muitas exaggerações, muitas phantasias, e até casos que não merecem registro, nada edificantes.

Cada dia mais se me apega o espirito ás altas representações da intelligencia, ás doces e intimas contemplanções do ideal. Dos factos mais brutaes da humana natureza procuro separar a essencia creadora, desviada da sua nobre significação por vicios ancestraes, sem os quaes o homem, no dizer de Rousseau, viria ao mundo puro e innocente. Nestas disposições venho fallar-vos do acontecimento historico de 14 de Julho de 1789, em França, assim como estaes vendo, ao correr do pensamento, quasi sem plano formado.

Senhores! Sinto necessidade de dizer-vos que o 14 de Julho não desperta hoje o interesse de ha algumas dezenas de annos passados. Bem me lembra o enthusiasmo, o fervor, que fazia nascer em todos os corações jovens e liberaes essa data historica, no tempo em que era sonho, aspiração, una democracia de justiça, de amor, concordia e paz.

Então eram os verbos inflammados de Ruy Barbosa e Manoel Victorino trovejando nas praças publicas e theatros de Bahia, erguendo em cada

peito moço um altar aos manes de Felippe dos Santos, Tiradentes, frei Caneca, Bento Gonçalves, e outros grandes vultos precursores da victoria democratica, robustecendo a fé nos novos destinos da patria sob o patrocínio dos grandes principios de 89, verbas cujos écos, transpondo valles e montanhas, iam acordar nas mais invias zonas territoriaes do Brasil a velha alma colonial affeita á veneração da realza, para o trabalho, para a sciencia, para a iniciativa e o progresso.

— Eram os destemerosos republicos paulistanos lançando o manifesto de 1870, convite aos patriotas para os prelios da soberania popular.

— Eram os doutrinarios riograndense do sul, Julio de Castilho, Cassal, Demetrio Ribeiro, pleiade illustre arregimentada em escola, diffundindo por toda a parte as excellencias do regimen republicano federativo...

Mas, senhores, peza-me dizel-o, os vicios de antanho revistiram novas formas quicá mais seductoras, grangearam maior numero de adeptos, ampliaram-se, diffundiram-se, qual o transbordo de um dique, inundando todas as camadas sociaes. E isso sem o contrapezo de algumas virtudes publicas exercidas e fiscalisadas pelo regimen decaido... Contudo são bem vivas as nossas esperanças; a alma nacional é bastante jovem para possuir forças potenciaes, que não de reagir no momento preciso, fazendo nascer da desordem apparente a ordem manifesta, pela harmonia das intelligencias, dos sentimentos e das vontades constructoras.

— As nações têm o seu ritmo como os homens de real valor sua linha de conducta inconfundivel.

A somma de intelligencias e de vontadês moralizadas, impulsionadas pelo dever de construir uma nacionalidade sabia, honesta e productiva, irá augmentando, crescendo, até que a maioria dos bons e sinceros brasileiros domine na imprensa, nos comícios, nos congressos, nas administrações, e então um surto formidavel de expansão economica de que já temos alguns bons exemplos, e de restauração moral e social, levará este nosso bello e querido paiz de sol e grandes riquezas nativas á altura dos que mais valem.

Senhores! As exterioridades illudem muitas vezes; não nos deixemos arrastar por ellas... O siberiano, li athures, é selvagem nos costumes e no fallar, devido á miseravel vida que leva; mas, dizem muitos viajantes, sabem ser gratos e até generosos. Assim, não nos amesquinhe o animo o espectáculo das nossas desgraças continuas, das nossas fraquezas moraes, cujos factores podem ser combatidos, modificados, eliminados, pela instrução e pela educação, desde que um verdadeiro espirito pedagogico nacional presida e dirija a organização de um cosino capaz de integrar-nos em nós mesmos, de dar-nos individualidade propria, desde que uma selecção justa e meritoria assista á escolha dos dirigentes responsaveis, desde que uma opinião corajosa pela consciencia do seu valor encaminhe a marcha dos negocios publicos, arrancando-os á influencia do empirismo e dos propositos malsãos.

Será isso irrealisavel?

Não, não é; e Deus nos livre que o fosse...

Para chegarmos a esses resultados que é preciso?

É preciso que nos decidamos a ser sérios e diligentes em tudo o que tentarmos em favor da família, da patria e da humanidade;—que instituamos a moralisação intelligente dos costumes publicos, sem tolerancias conniventes, impondo mesmo o culto dos exemplos dignos e nobilitantes; (1)

—que incluamos no programa das escolas a educação religiosa pelo conhecimento dos seus principios e dos mais puros typos da moral christian;

—que disponhamos de verdadeiros professores seleccionando entre os melbores e mais dedicados os orientadores do ensino;

—que tudo isso obedeça a um plano geral seriamente estudado e que o organismo educacional mova-se inteiriço em mãos competentes, independente de influencias extranhas aos seus fins;

É preciso, enfim, que a imprensa pelo seu immenso poder divulgador ponha-se inteira ao serviço desse plano salvador, não *pro formula*, mas sinceramente, devotadamente, cerraado antes de tudo suas portas ao escandalo qualquer que seja o seu grau, natureza ou origem, corrigindo-o no entanto com superioridade, sem esmiuçar-lhe as particularidades, quando possam por mais de leve ferir o recato publico.

Faça-se a pedagogia do exemplo e, se me permitem—da raça. O brasileiro não é—immoral, como dizem alguns superficiaes apreciadores dos seus costumes e indole, o brasileiro é amoral e

(1) Em uma correspondencia de Hamburgo pelo consul brasileiro Rdefonso Fação, para o Imparcial de Bahia li o seguinte: o nosso exportador cuida que a arte de commerciar é a maneira grosseira de enganar o proximo. Assim a maioria do nosso commercio.

amoral sem freios. Basta estudai-lhe as origens ethnicas para nos convenceremos disso. O colono, o escravo, o indio, tiveram por ventura outra moral que não a inspirada pelo ganho, pelo sensualismo e pela indiferença quanto ao futuro da terra explorada?

E que fez a nação para substituir esse miserio substrato organico em um seculo de independencia?

Senhores! Succedeu com o advento da Republica um facto de capital importancia, a meu ver, inda não attendido pelos directores do regimen, e vem a ser a fusão brusca de todos os elementos sociaes em uma só classe por assim dizer, na qual predominaram desde logo os até então excluidos da gerencia publica.

A onda semi-anonyma, crescendo em numero e pêsso, venceu a fraca resistencia da classe superior pelos seus talentos e educação, á qual coubera até então a direcção do paiz, impondo-lhe seus processos violentos de conquista.

A lucta teria sido efficaz se, bem avisada e apparelhada, procurasse a resistencia por meios legaes e educativos manter a parte mais capaz nos limites dos seus merecimentos.

Tal, porém, se não deu; a Republica de-cu-rou completamente do problema, confiando-o ao tempo. E' o que estamos vendo no apressado empenho actual de extinguir o analphabetismo, de sanear o littoral, na propaganda do voto secreto e de outras medidas moralisadoras.

Não ha, pois, que desanimar.

A maior das verdades humanas disse-a Pas-

cal. « O pensamento é a verdadeira grandeza do homem ».

É preciso pensar muito e bem. Só as individualidades distinctas pela intelligencia podem resistir aos movimentos envolventes da grande massa de esportos e de ambiciosos mediocres.

Em livro recente e de muita observação o professor Huxella traçou os fundamentos de uma anatomia social, comparativamente com a anatomia humana. A sociedade, diz, é um composto de células nobres e de células subalternas, como o organismo humano. Desde que um parasita ou uma intoxicação fere as células nobres, estas perdem o predomínio e são vencidas, esmagadas pelo numero das secundarias.

É, *mutatis mutandis*, o phenomeno da agglutinação dos microbios num caldo de cultura. Assim as nações, quando as individualidades distinctas por seu pequeno numero, ou por desvios de conducta, se deixem esmagar pelas massas pesadas de ignorancia.

Os livros santos dizem: « Orae e vigiae; isto é, sede attentos ás investidas do mal. A verdade é que não nos vigiamos bastante; deixamo-nos invadir pelos maus exemplos e adormecer nos maus habitos...

O 14 de Julho não é, senhores, uma data nacional, mas uma data universalmente acatada, especialmente pelos povos que praticam ou dizem praticar a Republica, reconhecendo os direitos proclamados naquella data sem par na Historia por uma assembléa nunca vista antes nem depois, diz um historiador.

Por mais que queiram condemnar a grande revolução pelos seus excessos, jamais conseguirão tirar-lhe o caracter impessoal, popular, dos seus princípios e das suas victorias sobre o negregado passado de ignorancia e oppressão, imposto pelos Neros coroados, os quaes, no dizer de V. Hugo, trazem na frente a mão ensanguentada da historia.

A queda da Bastilla, prisão de Estado em cujas masmorras a realza guardava, ás vezes para sempre, sem forma de processo, os infelizes que lhe caíam em desagrado, foi a queda do poder absoluto que durante seculos em nome de Deus, fonte perece da justiça, amor e perdão, manietou o pensamento, esmagou a liberdade, opprimiu os mais generosos sentimentos; do poder absoluto que cerrou a bocca a Galileu e levou á fogueira milhares de creaturas innocentes; do poder absoluto que espotejou Tiradentes e deportou poetas e letrados por meras suspeitas de rebelião, mas cujos crimes não deviam ser devassados; do poder absoluto que inundou Pernambuco de sangue dos patriotas que sonharam a conquista de uma patria nova, livre e independente; desse poder, enfim, que em todos os tempos, por processos differentes, mas com o mesmo espirito de avassalamento e dominio inverté as regras do direito e faz da justiça o instrumento de suas falsas prerogativas condemnadas nos tribunaes de Deus e da civilisação.

Falle agora a historia.

«A antiga sociedade baseava-se na desigualdade de classes. Havia o clero e a nobreza, clas-

ses privilegiadas, gosando de todas as regalias e licenças, e o povo. A este cabiam todos os encargos da nação e constituia o —terceiro estado.

Acima de tudo, estava o rei, absoluto e arbitrário, podendo dispor das pessoas e bens dos seus súditos ou governados.

O rei e a sua corte ostentavam um luxo immoral. Suas cavalariaças, diz o historiador português, general Celestino de Souza, continham mais de mil cavallos e cerca de duzentas sarruagens; custavam ao thezouro publico 20 milhões de francos por anno. Imagine-se quanto não custariam a meza do rei, as roupas do rei, os creados do rei, os cães do rei, etc.

Enquanto isso havia fome e frio em França; as finanças eram deploraveis.

«O rei resolveu convocar os —estados geraes, — assembléa que devia sancionar todos os seus caprichos e desmandos, e que desde Luiz XIV não se reunira. As eleições em Paris começaram em Fevereiro e terminaram em Maio. Por sobre a anarchia administrativa pairava a anarchia politica!»

A 5 de Maio abriram-se os estados geraes—, e logo após, 17 de Junho, os deputados do povo repellidos pelos da nobreza, que não queriam o reconhecimento de poderes feito em commum, audaciosamente reuniram-se em local differente e declararam-se em —Assembléa Nacional».

«A luta annunciou-se decisiva e tremenda.»

E foi. Luiz XVI designou para o dia 22 de Julho uma sessão real e exigiu que os deputados não se reunissem antes desse dia.

Foi desobedecido.

Então a maioria do clero e a minoria da nobreza adheriram á facção popular.

Era a sôberania do povo fronteirando a soberania real.

Reunidas as tres classes numa só assemblea estava feita a revolução politica; a monarchia absoluta tocava ao seu fim.

A 8 de Julho foi nomeada uma commissão para elaborar a constituição do reino, declarando-se a assembléa em «Constituinte». Mas o rei e a côrte planejaram um golpe de força. Foi então que o povo revoltado tomou a defeza da assembléa.

Reunido em grande massa no Palais Royal, inflammado pelo verbo dos oradores revolucionarios, preparou-se para a luta contra o thrôno, luta formidavel!»

Diz o historiador citado: «Era meio dia; discutia-se a demissão de Necker; Camilo Desmoulin subiu a uma mesa, arrancou da espada e bradou: A's armas! Vamos ser atacados! Arvaremos um laço pelo qual sejam os patriotas reconhecidos!»

A 13 de Julho a revolução dominou todo o Paris central. Alguns eleitores reuniram-se no *Hotel de Ville* e constituiram-se em commissão permanente com o fim de governar a cidade, provê-la de viveres e organizar a milicia civica, origem da Guarda Nacional.

No dia seguinte começou o ataque. Na vespera, diz Michelet, Paris, preparou a defeza, a 14 de Julho tomou a offensiva.

Ao amanhecer desse dia memoravel, conti-

nua o grande historiador, uma voz, não se sabe de quem, bradou: Vamos tomar a Bastilha !..

Era insensato, mas a Bastilha foi tomada, a formidável fortaleza, provida de todos os meios de defesa, com muralhas de 10 pés de espessura, cercada de profundo fôssco, isolada por ponte levadiça !

A capitulação da Bastilha foi seguida da capitulação do rei « Isto não podia subsistir áquillo ». E Luiz XVI, recebendo o laço tricolor, diz Latino Coelho, recebeu o baptismo de cidadão francez.

A vista de taes successos a França inteira convulsionou-se; applaudiu Paris, e vingou-se dos seculos de oppressão invadindo os castellos e queimando os velhos pergaminhos feudaes...

Os acontecimentos do interior repercutiram vivamente no seio da assembléa nacional.

Na noite de 4 de Agosto a assembléa procurou corresponder aos protestos do povo francez em meio de grande agitação; foi quando um dos deputados da nobreza propoz que fosse debellada a crise pela suppressão de todos os odiosos direitos feudaes.

Até manhã do dia seguinte, num delyrio indescriptível, escreve Celestino de Souza, foram abolidos todos os privilegios, e a França dos vassallos e senhores tornou-se a França dos cidadãos livres e iguaes perante a lei.

Esta primeira phase da revolução terminou com a declaração dos direitos civis e politicos, que abriram ao mundo uma nova era de liberdade, de expansão e de trabalho: igualdade perante a lei, liberdade de opinião, liberdade de commercio, de industria, de cultos.

— Foi um dia primitivo da vida de França?

— Não. O absolutismo estava morto; todos os povos iam confirmá-lo transformando-se em monarchias representativas e republicas liberaes.

— O que a revolução não pôde fazer, fê-lo Napoleão levando nas armas francezas o espirito francez a todos os pontos da Europa e substituindo as formas arbitrarías do governo por outras mais humanas e mais livres.

— Por tudo isso V. Hugo disse que a Revolução Franceza foi o maior passo da humanidade depois do advento do christianismo.

— Tães, senhores, os factos principaes da grande Revolução e do seu instante culminante — a tomada da Bastilha em 14 de Julho de 1789.

— Meditemos. . . Quantas vezes aquelles formosos principios têm sido enleados e sacrificados á sanha da ambição e da protervia?

— São sombras espessas que por momentos empanam e sol da liberdade, mas que o sôpro vivo do sentir universal varre e desfaz.

— Felizmente. A sociedade, como o fio a prumo desviado da vertical, volta ao equilibrio das instituições livres baseadas na Justiça e no Direito.

— Justiça, Direito, Liberdade! Eis o principio, o meio e o fim da civilização, da marcha humana para o aperfeiçoamento.

— Felizes os povos que reconhecerem e respeitarem as coisas sublimes que essas sublimissimas palavras exprimem.

— Disse — reconheçam, porque, senhores, em verdade, não sei apontar-vos um para exemplo, isento de reparos.

— Acaso deixou de existir o mal social?

Então consubstanciava-se na desigualdade de classes, nas injustiças clamorosas a que davam lugar odiosos privilégios. O mal social sem duvida diminuido pelo reconhecimento e pratica de alguns principios geraes impostos pela revolução, em breve resurgiria desfarçado em mil ficções; e resurgiu terrivel, calamitoso, sob a forma economica.

Ainda e sempre a desigualdade e as injustiças que della emanam, substituidos apenas os pergaminhos de nobreza pelos titulos do capital acumulado e protegido pela lei...

Instruamo-nos e eduquemo-nos. Perguntareis em que pode influir a escola nos acontecimentos sociaes.

Não pode tudo, mas pode muito. Quando digo—escola—quero dizer educação. O bom viver social não depende todo da escola; mas esta depois da familia prepara para aquelle. E' pela educação que o homem adquire a resistencia moral aos males que o cercam. Entrando na sociedade, diz moderno escriptor, o homem de hoje é atacado de um mal a que pouca attenção se presta—o nervosismo do viver, isto é, de alcançar tudo rapidamente por qualquer meio. O homem moderno é um agitado, um immoderado; esquece-se do que se deve e do que deve aos semelhantes; e assim se faz mau se é bom de natureza, ou peor se é mau.

Deve o homem reeducar-se cultivando insistentemente tres forças ou qualidades moraes, esteios da boa e san conducta, rectidão de juizo, firmeza no querer, comprehensão clara do licito e do honesto.

Servirão essas representações mentaes de guia na vida social quando adquirida na familia e na escola.

Mas, senhores, será o homem tão só a cadencia de um relógio bem regulado, o palpitar de um coração forte, o rhythmo de um systema nervoso perfeito?

Não é; não pode ser. E' tambem alma que pensa, isto é, que liga o passado ao presente e este ao futuro; e vai além, sóbe às regiões elevadas do Ideal Supremo de Belleza, de Arte de Sciencia...

Sem esse ascender de Intelligencia ao Absoluto, ao Infinito, illuminando-se dos seus reflexos, a Arte declina, a Belleza desprimora-se, a verdade não explende de todos os seus raios.

Não posso comprehender a Justiça relativa sem a visão da Justiça Absoluta...

E' por desconhecer ou fugir á influencia tutelar desses postulados d'alma, á hygiene moral desses cimos purificadores da intelligencia, ao estranho encanto dessas realidades subjectivas, a cujo contacto os sentimentos se apuram, se subtilizam, se perfumam das mais fragrantas flores do coração, que a sciencia se comprime nos limites de um convencionalismo estreito, e a Arte já não tem expressão; é incharacteristica, uma arte sem escola, toda individual.

O sr. Jose Ingenieros, brilhante escriptor argentino, referindo se á uma exposição de arte que assistira em Italia, não faz isso muitos annos, disse que a impressão colhida naquelle concurso foi de superficialidade e insinèeridade: «A arte italiana, commentou, já não é italiana; não tem

o estylo de uma escola, que nasce do temperamento do artista e da influencia do meio physico*.

Até a musica, senhores, a arte das artes, tão natural, tão espontanea, porquanto a natureza toda canta pela voz dos passaros, pelos echos e rumores dos seus rios e florestas, até a musica soffre dessa desoladora esterilidade.

Já se não ouvem os cantos de saudade das nossas Divas, languidos e melancolicos, mas ple-nos de magia e de sentimento nacional. Para ouvi-los é mister embrenhar-mo-nos nos sertões adustos, onde não chegaram ainda os tremelica-dos fox-trots e os bataclans retumbantes, de em-prestimo. E' a arte das ficções vulgares e das illusões verbaes, que atordosm o ouvinte, mas ne-nhuma impressão distincta lhe deixa. De sorte que os verdadeiros valores moraes, os traços de-licados do espirito delindo-se num meio amorpho e confuso, ou evitando-o, perdem-se na massa das phantasias adventicias, sem resonancia n'alma na-tiva, ou abafados pelo estrepito de costumes licen-ciosos com os quaes apprendem os novos a confun-dir as virtudes da liberdade civil e moral.

E como não ser assim? Tira-se ao pensa-mento todos os seus encantos, obrigando-o a des-cer dos seus cimos; despe-se o espirito dos seus mais delicados atavios; renega-se o passado como se pudesse haver um dia sem outro dia proce-dente; esquecem-se as mais respeitaveis tradições de ordem, hierarchia e funeção; tudo se mecha-nisa, ou quere-se mechanisar, intelligencia e senti-mentos! A espontaneidade abriu fallencia; é o calculo que triumpho de tudo...

Tudo é commercio, é troca, é barganha.

Pequenas coisas, diz-se, sem importância: abstrações, devaneios, sem significação pratica... Quaes são as grandes coisas de hoje? «A nuance faz a vida e o esplendor da natureza; é o estylo na arte, a especialização na sciencia. Juntae ás coisas vulgares uma idéa grande e luminosa e ellas volver-se-vos-ão bellas e sublimes, escreveu o immortal Hago. Lembra-me, senhores, citar uma passagem desse espirito formidavel que tantas coisas bellas pensou e escrever: «Entreí um dia na cathedral de Seus, historia viva dos seculos idos. Enquanto souhava e admirava entraram na immensa nave dois grupos, um levava um esquivo curto e estreito, outro uma creuça ao baptisterio.

Eram duas innocencias: uma que entrava na vida, outra que entrava na morte. Os dois mysterios se defrontavam. Na sombra—duas mães, uma alegre, outra angustiada... segui a creança que levavam para a terra e, ficando só, escrevi na lousa que cobria a cova os seguintes versos:

Filho, como eu te tenho inveja!
Tua barca nova vai chegando ao porto.
Que pois fizeste em toda a tua vida,
Para que tão cedo tenhas sido morto?...

Que nos dão hoje em troca? O desejo da vida intensa?

Que é isso da vida intensa? Uma phrase, só uma phrase, desde que não supprime a dôr aniquille no entanto o sentimento do Ideal!

As coisas são o que são e não o que nos parece serem. O contrario é tomar as apparencias

pela verdade, as ficções pelas realidades mais positivas, o que nos leva a conclusões e procedimentos lastimáveis. A variedade dos juízos sobre o modo de ser dos phenomenos não affecta os factos em si, nem a percepção clara delles.

Podemos aventar dez hypotheses sobre a causa da morte de um homem, mas não podemos conhecer o facto da morte senão como elle é, real, positivo, insofismavel. Variam os «como» e os «porque», mas os factos são como são. O não ver as coisas como ellas são, leva-nos ao desprezo das melhores principios, ás acções menos justas, ou illusórias, á complacencias deploráveis, tão características do nosso tempo. Nem o amor, na sua mais pura e terna significação, o amor materno, escaparia ao desvalimento. Se não existissem as lembranças, bem estariam os que fracamente fogem á verdade, mas o homem não esquece, porque o esquecimento é a morte ou a loucura, nem talvez a loucura...

Se eu pudesse ao eterno esquecimento
Relegar queixas, magoas dolorosas...

gemo o poeta

E Camillo plange nas torturas da saudade:

Constantemente vejo o filho amado
Na minha escuridão onde fulgura
A estatica pupila da loucura
Sinistra luz dum cerebro queimado...

Na propria illusão, que encanta, ha o justo,

o honesto, o verdadeiro a que pode ater-se o homem recto.

Senhores: O meu tempo está a passar, se é que já não passou.

Veiu do tempo em que havia certa correspondencia entre os homens e as coisas. Lembra-me como exemplo, que os da minha classe trajavam sobrecasacas desbordantes dos joelhos, como juizes d'alta côrte. Veiu o fraque amenizar o sombrio traje doutoral e depois o simples paletó de toda a gente. Hoje os caixeirinhos imberbes vestem doutoralmente, e são os doutores que se aligeiram, pobremente, no vestir, algo perdendo dessa como aureola sacerdotal que lhe circunda o caracter scientifico...

Esse reviramento de costumes acompanha idéas e princípios destoantes dos que a grande revolução estatuiu. Igualdade não é confusão, não é desordem; é ao contrario a ordem apoiada na justiça que firma o direito e cria o dever, fóra do que tudo é arbitrio e prepotencia.

Não é de espantar que o carro social caminhe deante dos bois. Se as novas vistas sociaes acham pequenas essas grandes coisas, hem se comprehende que é preciso pedir á educação os meios de defesa á retidão de consciencia contra os arremessos brutaes do egoismo e das ambições desenfreiadas.

Quero dizer, senhores, que a humanidade atravessa uma tremenda crise de psychismo e de moral; que as soluções de ordem economica não vencerão, crise que muito ha de custar a passar, maior talvez e mais profunda que a de 1789,

porque então o povo sabia o que queria e era de inteira justiça o que pedia.

Nunca poderá equilibrar-se uma sociedade sem a base solida de uma moral a cujos ditames se submettam voluntariamente os homens com as suas propensões e designios.

Penso não me affastar muito da verdade historica descobrindo approximações ou correspondencias, tanto é certo que a historia se repete, entre certos factos da revolução franceza e os que ora affectam o mundo inteiro. Tomo ao maior pensador do seculo passado as idéas que se resumem nas seguintes palavras: De seculo em seculo a humanidade tenta galgar o cimo do progresso; avança, recua, para alguma vez, avança de novo por aclives abruptos. Muitos ficam no caminho; são os martyres dos principios.

Mas a onda humana, vencendo as difficuldades da subida, chega ao apice da montanha, desferindo hymnos de victoria!... Pura illusão!...

Quantas ascensões terá ainda que fazer?!...

O Sinai, O Calvario, a Renascença, a Bastilha, marcam essas etapas tormentosas, mas immortalmente gloriosas, do heroismo, em busca da grande luz da perfectibilidade...

A philosophia do seculo XVIII, filha da Encyclopedia em que culminavam Voltaire, Rosseau, Diderot, teve como consequencia logica a derogação dos principios que apoiaram o throno.

O dogma civico da igualdade triumphante pela revolução, plasmou instituições, codigos e costumes sociaes novos, sob os quaes brilhou de intensa luz o seculo passado, de que o actual é a sequencia. Mas se as liberdades conquistadas ti-

veram largo apoio e compensadora acceitação, as desigualdades sociais fizeram-se quiçá mais violentas e mais funestas.

E' esse mesmo ideal de igualdade no direito aos bens da vida, que nesta hora sáche o mundo todo a pedir uma solução.

Tocam-se assim os dois momentos historicos como os termos de um silogismo.

Aqui, senhores, seria a vez da questão social, se della fosse o caso que nos reúne nesta grandiosa assembléa. Se a grande revolução extinguiu a gleba, criou por sua vez a buguesia, em cujo seio formou-se o operariado. *Mutatis mutandis* a questão é a mesma; é em definitiva uma questão económica, que pode e deve ser resolvida por leis organizadoras do trabalho e das relações económicas entre patrões e operarios factores do seu progresso e fortuna. Infelizmente por sua feição politica e especulativa, aguçada pela intolerancia dos dominadores, tem originado theorias e doutrinas incompontaveis, como demonstram os fracassos de Babeut, S. Simon, Luiz Blanc, Ferri, Marx e outros.

E' que sem subordinação, base da ordem e do methodo, não ha organização possivel. Mas não é impossivel, antes natural e equidoso ia conciliar a subordinação com a participação nos lueros da fabrica ou industria; e no dia em que leis justas e sabias realizarem essa transformação estará em principio solvida a magna questão.

O capital—dinheiro e o capital—intelligencia—é que nunca deixarão de existir, queiram ou não, como condição essencial do progresso. Diferença julgo eu existe entre—questão social,

em si, e socialização dos productos do trabalho. Medidas como esta ultrapassam as possibilidades humanas no que ellas têm de razoavel na ordem inalteravel em que se move a sociedade.

Dizem escriptores sociologos de nota que o socialismo entrou no periodo positivo da sua evolução. Quero crer que sim; mas não será por processos de desvalorização do homem, da sua intelligencia, do seu genio, dos seus motivos e esforços desinteressados, que tocará á meta desejada possivel.

Socialização dos productos do trabalho! Merece reflectida attenção. Os productos da sciencia e da Arte são trabalhos, e trabalhos distinctos, elevados, de especial nobreza, em concepção e execução.

Que será da emulação, do poder do genio e da vontade de crear e executar melhor e mais bello, na téla, no marmôre, no brouze, nas paginas, na sciencia, se o artista e o scientista perdem o direito, o justo e legimo orgulho de rever-se na sua obra, de nella perpetuar-se, de personificar-a por assim dizer, no sabel-a desclassificada na grande massa dos productos da actividade humana?

Para que institutos, academias, museus, concursos de arte? Concebe-se acaso um futuro sem passado, onde só vivem e fallam as glórias do labor humano, que são a razão mesma de ser da sociedade?

O artista de valor verá sem desanimo o seu nome delir-se na onda indistincta dos socializadores?

O sapateiro que produz um sapato por dia

valerá tanto ou mais que o artista do cinzel que gasta annos na realisação de uma obra-prima, ou o scientista que consome a existencia na descoberta de um dos segredos da embriogenia ?...

Eu vejo, senhores, se me permitem o ar-rojo, no fundo de toda essa agitação, que vai pelo mundo, a força intangivel de uma idéa, que triumphará um dia, talvez, regulando as coisas de modo que o homem possa fruir sua plena liberdade pessoal, sua maxima independencia individual, sem todavia esquecer os laços de solidariedade humana, respeitando a na liberdade de cada um.

Segundo diz Guizot, no seu esboço da civilisação européa, a liberdade deffendida pela grande revolução, a que nós mesmos deffendemos, foi a liberdade politica, a do cidadão, parte componente do gremio, a que deve dedicar-se até o sacrificio e a que chamamos — patria. Aquelle nobre sentimento de independencia individual, que me parece o ultimo e definitivo estado da civilisação, limitada apenas pelas crenças e convicções moraes e pelo respeito absoluto ás crenças e convicções alheias, historicamente vem de muito longe, data da invasão dos barbaros, pois que reside no intimo de cada ser, então desviada do seu trilho por forças superiores occasionaes, no evolver dos seculos. No inicio da nossa civilizaçào a sociedade politica era limitada ao municipio, á cidade. A destruição do imperio romano produziu a dispersão das gentes, partindo, fraccionando a cadeia que as ligava num todo vasto todo organizado. Foi a sociedade christian, opina o historiador citado, em seu forte desenvolvimento, que de simples

agregação de crenças communs, passou a ter preponderancia sobre os elementos sociais esparços e conseguiu reuni-los sob uma disciplina e um código de regras moraes unificadoras.

Da organização christã nasceu o feudalismo pela necessidade de unir-se aos príncipes, feudalismo que só muitos seculos depois foi destruido pela grande revolução de 1789. Eis ali um exemplo — da repetição da historia. O homem começou solitario, reuniu-se em tribu, em cidade, em povo. Segundo Custel de Coulange, na sua « Cidade antiga », o homem já então avançado em civilização, considerava a casa, o lar, o fogo dos seus maiores, como a base da sociedade.

Evoluindo, a sociedade, chegou, ou julga ter chegado, ao ultimo estadio do seu desenvolvimento; e ei-la propendendo á fruição da maior liberdade e independencia individual.

E' a formula cidadão livre no Estado livre, em transição para a formula-homem livre na humanidade livre. Mas esse progresso não se fará a custa da destruição do passado, dos vinculos de homem para homem, de familia para familia, de povo para povo. E são os primordios, ainda vagos e confusos, desta marcha para a maxima independencia possivel para a qual nos achamos incompletamente preparados, que ora assistimos perplexos e receiosos.

Esse sentimento de independencia pessoal, apenas esboçado em épocas tão remotas não escapou aos pensadores do seculo XVIII; vemos-o claramente formulado por Jacques Rousseau no seu systema de educação segundo a natureza; vemos-o mais tarde corporificado em escola litero-

philosophica individualista, que só se nos antolha falsa quando tomada do ponto de vista absoluto.

Talvez que a semelhança da lei biológica, segundo a qual as espécies degeneradas por hereditariedade tendem a recuperar o typo primitivo, não indo os effeitos daquella causa além da 4.ª geração, socialmente inclina-se a humanidade á sua independencia inicial, mas então já preparada para fruirl-a conscienciosamente, sem offensa aos direitos de cada um.

Não será esse individualismo brutal, tal como o supõem e pintam os nietekistas, ultrapassando o mestre, mas um individualismo honesto e são, superior, generoso, altruísta, baseado no máximo respeito e no máximo apoio reciprocos. Então a noção de patria se alargará até os mais dilatados horizontes da fraternidade humana, onde não caberá o espectáculo deprimente da opulencia escandalosa ao lado da miseria a mais pungente. Uma grande força moral semelhante a que aggregou o corpo social dissolvido pelos barbaros, regulará por uma disciplina suave, espontaneamente acceita e obedecida, as relações humanas, então desopprimidas da tyrania, do orgulho e do inveja...

Tive, senhores, o gosto ineffavel de ler, ha poucos dias, as mais bellas palavras que um coração de mulher intelligente e culta pode ditar.

Siato não conhecer a sua autora para um dia, quando possível, voltando a S. Paulo, jóia da federação, solicitar a honra de manifestar-lhe a minha admiração e o meu mais profundo respeito. A eximia escriptora, defendendo, em um artigo de imprensa, a liberdade na sua mais liti-

ma demonstração, a liberdade de viver, que não se compra, não se troca, não se imita que se recebe como dadivosa graça do Creador, exclama :

«Porque dar a morte ao semelhante num paiz de tanta luz, de tanto ineditismo, de tanta poesia e amor, ainda o mais brutalizado pelo vicio ou pelo crime ?

Quanto odio dispersado entre os carcerees ! E quem peasa em matar o delinquente já imaginou algum dia no mysterio das almas ? Já pensou no milagre de uma pequenina violeta escondida entre os raminhos e dando-nos, de graça, o seu perfume ? Quantos seculos para que o ar se impregnasse de perfume de uma flor ? Quantos no maravilhoso de uma semente que germina, e cresce, e se multiplica ? Quantos milenios para que a perola sorrisse no fundo do mar e o bôto apprenhesse a salvar os naufragos ? Quanto milagre na Natureza que nos ensina a Liberdade e o Amôr ?

E o portentoso milagre de uma alma ?

De onde viemos ? Que direito temos de tirar a vida ao semelhante, essa vida que é uma etapa da sua evolução transcendental ! Que prometheus portentosos foram capazes de fazer brilhar n'um corpo esta faulha do Kosmos ?

E como peasar em destruir friamente, conscientemente, o que de mais perfeito e mais divino na Natureza ?... »

Conheceis algo mais bello, mais encantador, e ao mesmo tempo mais elevado e generoso, dito por bocca de mulher ? Uma raça, e esta é a conclusão a que quero chegar, uma raça cujas mulheres sentem, pensam e escrevem taes sublimidades, em que a mais fina e subtil observação ença-

se com o mais nobre e consolador idealismo, em que a visão da máxima perfectibilidade moral nasce dos factos positivos do convulso presente para muitos desanimador, esta raça muito promette e muito dará á constituição da futura humanidade, quando esgotadas as fontes creadoras da sociedade em transito.

Eis porque, senhores, não ha desanimar, nesta America portentosa creada para crescer, brilhar, subir...

Vibra ainda forte, senhores, a velha alma ancestral, sonhadora e amorosa, mais varonil e altiva, que Gonçalves Dias e Alencar prescrutaram nos seus mais recouditos escaninhos. De grossos troncos vetustos podem brotar rebentos rigorosos, contanto que bons lavradores saibam tratá-los, libertando-os das plantas daninhas que lhe corrompem a seiva

Abramos os braços a todas as conquistas felizes do progresso, mas procuremos preservar a alma nacional do cupim dos vícios physicos e moraes que lhe minam o vigor e os naturaes impulsos para o bem.

Que á sombra dos melhores principios da Grande Revolução, floresçam instituições que salvem e dignifiquem o Brazil e o façam nosso, caracteristicamente brasileiro, justo equidoso, respeitado, menos pela força do que pelo culto da Liberdade e da Justiça, e no qual tenham acolhida todos os estrangeiros sãos, limpos, dignos e activos, que lhe reconheçam o valor, a grandeza e a generosidade.



A Poesia e os Poetas Sergipanos

Conferencia realizada no Instituto Historico e Geographico de Sergipe pelo dr. Prado Sampaio, em 6 de Agosto de 1925

Meus senhores e minhas senhoras :

O Instituto Historico e Geographico de Sergipe, no louvavel intuito de reverenciar os feitos que constituem o nosso passado e são a garantia do nosso futuro, abre as portas do seu salão na noite de hoje, e nos congrega para dizermos, consoante o ritual do nosso amor á terra bem amada, todo o evangelario da nossa crença e da nossa fé. Ferindo a gamma dos sentimentos que ora nos domina, avassalando almas e corações, permitti que a nota vibrante do meu patriotismo eu a transforme em hymno de glorificação ao povo sergipano, procurando fazer o estudo de sua psychologia por aquillo que elle possui de mais bello, de mais elevado e de mais puro — a sua poesia.

Meus senhores :

Penso ser tarefa de facil execução o estudo da lyrica sergipana sob o ponto de vista da critica impressionista. De facil e bella execução, porque é de ver logo, ao primeiro lanço de vista, o encanto da paysagem que nelle se reflecte, todo um mundo de

sonhos e deslumbramentos a se desdobrar sob um pedaço de céu escampo. É dest'arte, maravilhados, chegamos a sentir o que sentiram os nossos poetas, deixando iastillar em nossas almas a dor que os cruciou, enquanto ao derredor a natureza, em sempiterna primavera, canta com passaros pelo azul lavado dos ceus infindos, a alegria do viver.

É todos somos poetas e todos somos criticos...

Mas, meus senhores, estudar a poesia sergipana, a mais encantadora floração da alma do nosso povo, estudal-a com criterio anthropologico e, como organismo vivo, tracar-lhe a philogenese, não se me affigura emprehendimento desnecessario nem de facil execução.

Desnecessario não o julgo de certo pelos problemas ethno-psychologicos que nelle se concerram e nos dão a razão de ser da nossa poetica, do sentir do nosso povo, da nossa espiritualidade enfim, nem me parece tentamen de facil execução, descobrir o filão emocional que através de camadas superpostas de sentimentos varios, sedimentadas pelo tempo, ora aflora na alma inculta dos nossos trovadores, ora nos versos dos nossos poetas, mas sempre opulento e grandioso.

E comungo na crença d'aquelles que julgam trabalho precioso do critico literario, ao enfrentar qualquer problema da literatura brasileira, descortinar, através da intelligencia indigena, a vitalidade da nossa raça, a consciencia da nossa nacionalidade, para restabelecer até que ponto os dois momentos evolutivos -- o momento humano e o momento nacional, se achem em harmonia ou dissonancia, afim de firmar se tem havido connexão ou falscamento na corrente evolutiva das ideias geraes.

É, assim sendo, interrogo eu:

— Como comprehender a poesia sergipana sem levar em conta os primeiros lampejos da psychologia brasileira no seu lento processo de differenciação e integração, ao longo do qual nos falam os mythos oriundos dos adustos sertões d'Africa, choram as saudades da patria que foge ás aventuras guer-

reiras dos autocthones errantes, e suspiram nas *serras* pela terra longinqua os degredados povoadores do novo mundo?

Phenomeno de adaptação pela influencia do meio, que é a força diferenciadora das literaturas particulares, bem cedo se revelou portentosa a vocação das nossas gentes nas composições poeticas do seu *folk lore*, como nol-o attestam seus cantos, contos, novellas e lendas que d'ellas possuímos. O estudo dessas lendas, bem ou mal feito, foi objecto de commentarios a que procedi em conferencia nesta casa e, manda a verdade que o diga, o unico es-corço tentado até agora sobre o assumpto. E delle o que se evidencia é a preponderancia do influxo luso mesmo nas lendas de criação indigena, *verbi gratia* na referente á genese da serra de Itabaiana e do rio Sergipe.

Quanto á poesia, porém, que é o particular de que ora nos occupamos, quer nos versos dos trovadores *pé de viola*, quer nos dos rhapsodistas, em formas de abecês e de bemdictos, quer nas quadras octosyllabadas, chamadas de *versos geraes*, ella se ostenta sempre cheia de espontaneidade e de inspiração, e reflecto, em seus varios matizes, a preponderancia dos elementos ethnicos que lhe deram nascimento.

« A grande zona occidental sergipana, diz o dr. Oliveira Telles, é notavel pela preponderancia do mestiço indo-portuguez, ao passo que as faixas central e do litoral são geographicamente o dominio de outro ramo do mestiçamento ».

E' uma observação digna de ser elevada á altura de principio de critica anthro-ethnographica applicavel á genese da poesia sergipana.

Eu bem sei, meus senhores, haver quem negue interesse esthetico e psychologico ás creações do *folk lore*.

Como, porém, negar interesse esthetico e psychologico á espontaneidade da imaginação criadora do povo, quando a belleza de suas creações são aproveitadas pela imaginação de um Goethe e nos

dão a razão de ser do « Fausto »? pergunta Sylvio Romero.

Quero todavia crer sejam do ponto de vista psychologico que taes criações assumam o maximo interesse como reveladoras do elemento ethnico, o agente preponderante na differenciação e integração do typo brasileiro. Assim não o fôra e a expressão *folk torismo* não teria significação alguma.

Entretanto, a despeito de reiterados tentamens, embalde a critica anthropologica ha procurado, concatenando tradições mal esfumadas e indecisas, descobrir os primeiros lineamentos de nossas lendas e canções populares.

Quaes os *primeiros romances, contos e canções* de origem portugueza transplantados para a colonia? Quaes os *primeiros contos indigenas e africanos* assimilados por nossas populações mestiças? Quaes os *primeiros* de origem puramente nacional?

São interrogações, essas, a que não é possível responder, a não ser com o criterio evolucionario, no entender dos competentes, criterio applicavel ás raças e ás literaturas.

E', pois, á luz geral do desenvolvimento que poderemos entrever os primeiros alcores do genio nacional ao longo do *processus* da poesia, do canto, da musica e das demais manifestações d'alma collectiva.

Interrogada, a historia nos diz que, no seculo 16, crenças e tradições provenientes de tres povos, representantes de tres raças, levadas ao crisol da saudade, fundiram-se num só molde a lingua portugueza, originando as primeiras criações do nosso *folk lore*, e nos mostra que essas criações permaneciam ainda espargidas no seculo 17 e que somente nos dois seguintes, nos seculos 18 e 19, se foram cruzando e amalgamando, até que um dia conseguiram definitivamente integrar-se, individualisadas. Mas, não obstante o nosso fuscionamento de quatrocentos annos, visivel, todavia, a apposição de brancos, aborigenes e negros puros no seio da população brasileira, como inconcussa, no tocante á mestiçagem de

nossas crenças e tradições, a sobrevivencia de algumas extremas de qualquer mescla.

Seja como fôr, a verdade inconstatavel é que tão bella quanto a musa popular da Espanha e de Portugal se nos apresenta a poesia popular no Brasil, ostentando-se nella, como parcella consideravel, cheia de graça e de sentimento, a poesia popular de Sergipe.

Vejamos, agora, meus senhores, o como e o quando surgiu a poesia culta sergipana, o que importa indagar da sua razão de existencia e do seu momento historico inicial.

E' sabido que o seculo 16 só deu um poeta ao Brasil. Foi o pernambucano Bento Teixeira Pinto, o primeiro que na ordem chronologica descreveu as galas da nossa natureza e os costumes dos nossos aborigenes. Mas este não surgiu como a expressão e o órgão do espirito da nacionalidade que se ia formar. Sob este ponto de vista, *A Prosopopeia* não vae além de um poema incolor e insignificante, nada que nelle se nos revele a feição nacionalista, a qual só mais tarde surgiu com Gregorio de Mattos, em torno de quem deve girar todo o movimento literario de um seculo, não porque tivesse sido elle uma verdadeira alma de sonhador ou de artista, mas por se haver feito a encarnação nitida de uma epoca, «uma triste epocha de rude formação de nossa vida nacional».

E' natural, pois, que em Sergipe a poesia não surgisse sinão após o florear da *archadia mineira*, ao longo do seculo 18.

No seculo 18, a cultura nacional desloca-se do norte, nomeadamente de Pernambuco, durante o dominio hollandês, para o Rio de Janeiro, e vae florescer nas fabulosas terras de Minas-Geraes, «onde o veio de ouro da imaginação dos seus poetas haveria de offuscar o veiro das jazidas opulentas».

Foi na segunda metade do seculo 19, que a poesia sergipana appareceu com Constantino José Gomes de Souza, o decano dos nossos poetas e presen-

dores, o qual já surgiu, armado cavalleiro, poeta primoroso e prosador vibrante.

Os Hymnos de Minh'Alma vieram a lume no Rio de Janeiro em 1851, mas por tal modo repercutiram em terra sergipana que sagraram immediatamente o seu auctor o propulsor da primeira corrente litteraria em Sergipe.

A poesia era, então, ao norte commandada por Muniz Barretto, o grande repentista bahiano, e vivia ainda envolta nas faixas do romantismo piegas, que lamuriou em plagas brasileiras até 1860. Engrinalhada de novas ideias, a lyrica de Gomes de Souza foi-se, a breve trecho, imbuindo dêsse presentimento da poesia social, politica e humanitaria de Hugo e Quinnet, como nol-o diz o eminente escriptor da «Historia da Litteratura Brasileira».

E' nessas alturas que devemos collocar o poeta d'*Os Hymnos de Minh'Alma*, o romancista d'*O Desenganho* e o dramaturgo da *Filha do Salineiro*.

Penso com Vincenzo Grossi, eminente professor italiano, que, quando se fala de corrente na litteratura contemporanea, a primeira cousa que acode ao espirito do critico e do leitor é indagar, antes de mais nada, quem seja o auctor ou propulsor dêssas correntes. O povo nunca forneceu, nem pode dar origem a verdadeiras *correntes litterarias*: pode, tão somente, concorrer para formar ou, no maximo, offerecer ao homem ou homens dotados de faculdades especiaes, campo e materia para criar *correntes litterarias*. De modo que, como igualmente a Fortunato Rizzi, o estudo das correntes da litteratura contemporanea se me affigura consistir exclusivamente em procurar os individuos que maior influencia tenham exercido ou exerçam no mundo actual.

Assim tambem o comprehendeu Sylvio Romero que, tratando de poetas e poesia sergipana, classificou os primeiros em grupos, attendendo á evoluçao da segunda, do modo que se segue, a saber:

1.º Grupo, que, constituido por Constantino Gomes, que o preside, Pedro de Calazans, Bittencourt Sampaio, José Maria Gomes, Elzeario Pinto, Eusta-

chio Pinto, Joaquim Esteves, Joaquim de Calazans, Severiano Cardoso, Geminiano Paes, Eutichio Soledade, Leopoldo Amaral e Symphronio Cardoso inicia-se com as roupagens semi-classicas da poesia bahiana da pleiade de Muniz Barretto, abraçileira-se na descripção dos nossos quadros com Bittencourt Sampaio, torna-se espontaneo com Pedro de Calazans, original com José Maria Gomes, maravilhoso com Elzeario Pinto e campesinamente sergipano com Symphronio Cardoso ;

2.º grupo, que, constituido por Tobias Barretto de Menezes, que é o chefe, José Jorge, Pedro Moreira e Justiniano de Mello, abre uma nova era na lyra nacional, a poesia condoreira ;

3.º grupo, que, compondo-se de Sylvio Romero, que o dirige, Felinto do Nascimento, Lima Junior, Jason Valladão, Joaquim do Prado, Joaquim Fontes e Manoel dos Passos, cria a eschola scientificista, a qual serve de transição do romantismo para o parnasianismo ; e, finalmente, o

4.º grupo, que, compondo-se de João Ribeiro, Carvalho Aranha, Costa e Silva, João Barretto, Deodato Maia e Damasceno Ribeiro, já deixa transluzir a moderna musa symbolista, decadista ou nephelebata, e do qual é chefe incontestado o notavel poeta dos *Dias de Sol*.

A esses devemos addicionar os nomes de Fausto Cardoso, Garcia Rosa, Nobre de Lacerda, Arthur Fortes, Costafilho, Hermes Fontes, Mayiael do Prado, João Cabral e outros, alem do mais moço dos novos poetas—Cleomenes Campos, talvez o mais sergipano de todos por sua maneira de ver e de sentir sergipanamente. E note nos logo, para gaulio nosso, que não temos *futuristas*, os mysticos da poesia, como já os denominara Max Nordau em sua «*Degenerescencia*», eschola que ora surge como novidade pelo sul do paiz !

Traçando, desta modo, o resumo schematico que ahi fica, notou o colleccionador do *Parnaso sergipano* que todos os estylos da poesia brasileira do seculo findo ali se acham representados, desde o

semi-classismo de Constantino de Souza até o symbolismo de Deodato Maia, e bem poderia elle concluir affirmando igualmente que, em dois momentos da musa nacional, — na phase condoreira e na phase scientificista o genio sergipano tornou-se — o porta-bandeira do movimento poetico brasileiro.

Abeiremo-nos do assumpto.

Contemplemos de perto a via lactea dos sonhos e deslumbramentos da alma sergipana.

Meus senhores :

A descobrir vestigios de cidades lacustres sob zonas de estratos anti-diluvianos, a estudar a natureza de rochas taladas que scindem massiços siluricos e vastos tractos graniticos e a sondar depressões que lembram atlantidas submersas, assim, a fragmentos, repassa o sabio moderno a historia da terra que habitamos, num rapido, mas deslumbrante trecho da vida universal. E a seus olhos rolarão de novo pelo infinito os fluidos, o calor e os atomos regidos pelas leis immanentes á substancia cosmica, a qual, impellido pela mechanica mollecular, se congloba em nucleos de irradiações, dando forma ás massas planetarias, de cujo seio, para os ceus combustos, blocos petrificados levantam braços collossaes, resurgindo, pelo ceu do pensamento contemporaneo, ainda mais nitida e radiante, a visão gloriosa da sciencia.

Entanto esse bello intellectual que flue dos recantos dêsse incommensuravel passado, emergido do fundo á tona das convulções naturaes, ou que irradia do desmoronamento das velhas crenças á luz albente das concepções philosophicas, não é, ao certo, a verdadeira belleza intuitiva que aproveita ao artista, e que nos faz entrever a natureza ao através da nuvem, deixando-nos sentir, o que elle então sentiu, — o pontuado de um sonho, o furta-côr de um colorido, o mundo inteiro da mocidade e do amor.

Que aqui, de repente, a memoria se nos invade da lembrança do primeiro peccado envolto na doçura do primeiro beijo, e uma a uma, por uma successão de ideias que se corporificam, desdobram-se scenas de amor, ninamente veladas pela classica

folha de parra, recortada sobre a nudez eburnea de Eva na meia atmosphera religiosa dum renque d'arvores paradisiacas, de folhas d'ouro, banhadas de sol primaveril, em frescas emanações de lyrios de valles floridos, de cennamomos e sandalos redolentes.

E a gente, sem mesmo o querer, mas dominado por essa evocação polychromica, repete com Leopãrdi em delicioso pessimismo :

«Due cose belle ha il mondo:
Amore e morte».

E' certa e preferentemente mais um fluido fecundo do amor a obra sempiterna dos poetas sergipanos.

Filhos de uma terra, a menor do Brasil e a mais prejudicada de todas, elles, os nossos cantores, houveram alquanto em lyrismo o que perdemos nós asphyxiados pelo convivio da vida politica das grandes provincias do Imperio.

E a poesia sentimol-a e começamos a cultivall-a como um natural derivativo de dores recalçadas no intimo, não raro feito lagrimas que inda irrigam o fundo estavel da ingenuidade e do acanhamento, que constituem o inamalgavel do nosso character. Assim nasceu e se manifestou a Gomes de Souza a poesia sergipana, envolta em roupagens religiosas de preces e carinhos, quando, de joelhos, elle invocava, no extase do sonho, a visão adoravel de seus amores :

«Eu lhe dizia : — Por Deus,
Mulher celeste sé minha,
Que nos rudes versos meus
Hei de cantar-te rainha,
Será tão grande o meu canto,
Hei de requintal-o tanto,
Tão alto farei que assome,
Que todo o mundo assombrado,
De meu canto extasiado
Ao céu levará teu nome ».

E, empolgado pela onda venturosa da existência, Pedro de Calasans aceita a lucta, mas confessa não poder vencer o seu acanhamento, e fazer do amor o que as fraquezas em regra delle fazem, no dizer de Taine, — *un joli festin arrangé avec goût*. Mas, nobre, soffredor e valoroso, o vate, amaro de tristuras, exclama em meio da tempestade do coração que a paixão lhe suscitou:

Se para amar-te fôr mister martyrios,
Com que delirios sãberei soffrer!
Se de altas glorias fôr mister a palma
Talvez minh'alma possa alem colher.

E a ser amado, se é mister o incenso,
Que sobe denso dos salões aos tectos;
Serei altivo, mas não vou de rastos,
Com labios castos mendigar affectos!

.....

Dá-me o teu odio por fatal sentença,
Que a indiferença me será peor,
Que um sentimento por mim sintas nalma
Dá-me essa palma de um soffrer melhor ».

Essa poesia, que sagra um poeta, revela que o auctor foi a seu tempo um typo acabado de sergipano na lucta pela gloria, sempre cheio de audacias em frente dos preconceitos, e de nobre rebeldia em face do enigma do seu destino.

Com Bittencourt Sampaio — o auctor da *Divina Epopeia*, deslocado ainda moço do meio nativo, a lyra sergipana estúa de vozes, e fala a natureza, onde as notas, os gorgeios e os modulados se arrastam e se repetem frementes na grande ebriez do amor humano. E, com a harmonia de uma docura inexgotavel, o poeta das *Flôres Sylvestres* carmes entôa á vida e ao sonho. Eis do seu poetisar amostra da rica messe, onde ha tractos de terreno e recortes de ceus que nos pertencem e nos vestem a alma, filigranando, á luz dos saudosos crepusculos, a branca

e diaphana visão da saudade, a alma das immensas distancias ».

Camarada, toca avante
Que o sol se vai occultar;
Mais uma legua adiante
Devemos nós sestar.

Vês o ceu? está formoso,
Brilha a estrella do pastor;
O tropeiro vai saudoso,
Vai cantando o seu amor:

Lá deixei na minha terra
A mulher com quem casei;
Ao descer d'aquella serra,
Saudoso pranto chorei!

Que a morena é minha vida,
É na terra a minha flôr,
A minh'alma vai partida
Só me alenta o seu amor.

Quando voltar para a terra,
Para a terra onde nasci,
Subirei contente a serra,
Que tão triste hontem descí;

E nos braços da morena,
Gozando da vida a flôr,
Ai! direi: a minha Helena
É somente o meu amor ».

José Maria Gomes, relembrando, entre duas lagrimas de tristeza, uma nota do nosso patriotismo obscurecido, canta Henrique Dias, o heróe pernambucano:

« Ao rebentar das metralhas
Da guerra ao tufão que zôa,
Qual o genio das batallas » —

e levanta-se contra o hollandez em pról da liberdade de um povo. E de figura marcial e alma gloriosa, nos diz o epico :

« Negro no rosto, mas nobre
Nos brios como um Bragança ;
Sob a couraça de cobre
Uma alma d'ouro descança ».

Bem como Elzeario Pinto, o inexcedível evocador d'*O Festim de Balthazar*, José Maria Gomes é um extraordinario colorista de scenas grandiosas nas estrophes intituladas *Colombo*, as mais bellas sobre o assumpto, sendo, porem, que mais encantado e gentil nelle se me afigura, ao estradar do lyrismo, o delicioso pintor do *Chromo*, nos seguintes versos que vôm cantando, cheios de maga ledice :

« Tenho em meu lar tres auroras,
A cujos brandos fulgores
Sinto rarear, aos poucos,
De minha vida os agtores.

Um *trio* de pintasilgos
Alegres, doudos, gracios ;
Voêjam cantando amores,
Por meus joelhos senis.

São as minhas primaveras
Cheias de maga ledice
Que voltam, compadecidas
Das cans de minha velhice.

Cantam, riem, vociferam,
Bramem, brigam de continuo ;
Rompem das terras gargantas
Ora um rugido, ora um hymno,

.....
Taes as minhas primaveras,
Cheias de louras manhans,
Que voltam, compadecidas
Do frio de minhas cans ».

Elzeario Pinto fez-se o maravilhoso onomatopéista das vascas do deserto que se casam aos soluços do Iran, naquella portentosa lenda do velho rei allucinado das orgias profanaderas dos vasos sagrados do templo de Salomão.

E no assumpto não ha poeta que o exceda, porque não ha poesia que mais fiel e naturalmente nos possa traduzir, roubando cores crepusculares a legendas malditas, a completa dissolução do reino babilónico, sob o reinado de *Nabonida*, o Balthazar da Escriptura, pela tempestade Persa, prophectisada por Daniel Beltisasar, de

« Gesto grave, altiyo, acerbo,

.....

Soletrando o ardente verbo

Que mão de raio escreveu ».

No entanto, esse é o poeta da nostalgia, que confia á estrella do patrio ceu a historia da sua magua, todo um poema de dôres entretescidas de suspiros saudosamente enviados á terra bem amada, onde a rosa se desata ao alvor da primavera e o ceu sempre azul é todo um pontuado de rubins e perolas.

Então, ao lê-lo, uma grande emotividade se nos confrange e uma lagrima indiscreta, servindo de fala á dor emmudecida, nos envolve o intimo e nos mareja os olhos que acompanham *A Estrella do Norte*.

Astrosinho feiticeiro
 Que habitas o firmamento,
 Que giras o mundo inteiro,
 Sem paifar um só momento...
 Porque sempre no horizonte
 Da parte daquelle monte
 Te vejo á noite surgir?!...
 É logo, logo ao sol posto,
 Amstras teu lindo rosto
 Tão docemente a sorrir?!

Do norte acaso virás,
 Daquelle ceu bem azul,
 Como outro aqui não terás,
 Como não há neste sul?...
 Ai! dize! dize, astrosinho,
 Não encontraste em caminho
 Siquer um suspiro meu?
 Algum lamento sentido,
 Um ai saudoso... um gemido
 Em busca daquelle ceu?

E esse gemido pungente,
 Esse soluço, esse ai,
 Mandei-os eu reverente,
 Beijar os pés de meu pai,
 E após um longo suspiro,
 Nascido cá no retiro,
 Nascido do coração,
 Por minha patria soltei-o,
 Aos meus amigos mandei-o,
 Nas azas da viração.

Segundo o *canon* dos novos criticos, os mysticos do parnasianismo e do symbolismo na arte, *A Estrella do Norte* apparece hoje velada por grandes peccados de execução. Mas que de saudades, de amor e de lyrismo em tudo isto!...

Éstaquio Pinto foi pelo olhar o trovador de um sorriso, que lhe inebriou o intimo.

«De amor, de crenças, de sonhos mil»,
 e á cuja luz o vate exclama e exulta:

«Já tem o sol um resplendor mais puro;
 A terra inteira me sorri agora...
 Tu me salvaste, pois do meu futuro
 Mudaste as trevas em risonha aurora.

Mas o poeta dos olhos é Geminiano Paes, que entre nós os cantou, como Gonçalves Dias os seus

«Olhos tão negros, tão bellos, tão puros
 De vivo luzir:
 Estrellas incertas, que as aguas dormentes
 Do mar vão ferir»,
 que nada ultrapassam de encantos os olhos escuros e
 travessos de que nos fala o nosso bardo:
 «Lacinhos que prendem nos doces enlevos
 Os ternos amantes»,
 olhos que o fizeram assim sonhador:
 «Contei-te que em sonhos fitavam meus olhos
 Uns olhos assim!..
 Alegre, louquinha, scismavas, sorrias
 Vaidosa p'ra mim.

Tamanha ventura, nem dias ditosos
 Eu nunca souhei.
 Escuta: tu foges!—eu amo teus olhos
 Luzidos, brilhantes».

E tambem Manoel dos Passos, que desferiu na
 teoria o poema fugaz de uns olhos verdes:

«Como formosas paysagens,
 De tanta belleza aváros
 Lagos de errantes miragens»,

que dir-se-ão esperanças condensadas em sóes, an-
 tilhese dos brandos olhos:

«Não languidos de amor, porém já mortos
 Que semelham do céu dois astros bellos
 Que negra cerração esconde e apaga»,

olhos de *Navipa*, aos quaes Joaquim Esteves consa-
 grou a mais bella pagina de lyrismo, que comove e
 empolga o coração orvalhado de um scepticismo que
 não desespera, que não blasphema, mas antes real-
 ça e resuscita a lagrima que nelle se grava.

Todavia, o talento artistico mais communica-
 tivo que possuímos, foi Severiano Cardoso.

Duas ou três gerações sentiram com ele, que

veiu a cingir a melhor croa de poeta,—o tornar-se popular. Elle tinha incontestavelmente o dom da popularidade, dom que presuppõe da parte do artista a expressão de um sentimento de modo a todos o sentirmos como phenomeno nosso individual—psychologico. E foi assim que attingiu á perfeição de cantor arroubado a recitar blandicias amorosas ou hymnos de gloria, que ainda recordam ás almas ternas e fortes os nossos feitos gloriosos e por isso a sua musa revestiu-se de todas as côres e a sua lyra empolgou as vozes infindas de todas as illusões.

Rosa entre goivos é um grito recalcado de angustias, mas as Saudades que pungem o poeta nos derramam n'alma deliciosos balsamos. Na natureza, surda aos seus gemidos, ostentam-se imperturbaveis o ceu e o mar.

E o cantor a vel-os exclama :

«Mas as aves lá vão pipilando,
Mas as aves não voltam mais, não ;
Peço ás nuvens que passam girando,
Ai de mim, não me ouvem; se vão.

Fico só, lá na gruta chorando,
Mergulhado nas trevas da dor ;
Vem a noite somente abraçar-me,
Esta deusa de meu triste amor.

Ouço as vagas na costa batendo,
Ouço as queixas d'um mar arquejante ;
É o meu pranto me desce nas faces,
Quente pranto que corre abundante».

Symphronio Cardoso canta do sertanejo de

«Chapéu de couro e gibão»

a existencia do seu amor bucolico e brutal, desferindo á viola os queixumes

«Da mais ardente paixão» ;

e, dedilhando bravatas e queixas, enfeixa todo um poema nas seguintes decimas a Mello Moraes e Juvenal Galleno :

E' noite velha, Marocas,
 Não dorme quem tem paixão ;
 No fogo *que nem* pipocas,
 Rebenta meu coração :
 Na cama viro e reviro,
 La vae por ti um suspiro
 Outro e outro e muitos mais,
 Sonha com o teu sertanejo,
 Toma, mulata, esse beijo
 Furtado nos bamburraes.

Eu gosto d'Ave Maria
 Por ser a tua oração :
 Foi-se a noite e vem o dia
 Que lida ! que tentação !
 Adeus ! Maria da Prata,
 Adeus ! querida mulata,
 Vira ! gado—do curral,
 Vamos, olé ! nos embora
 A sorte está caipora,
 O carrapato é teu mal.

Sou sertanejo, meu amo,
 Chapéo de couro e gibão,
 Todo o dia o gado chamo,
 Mas... não lhe ponho o ferrão ;
 Tenho pena da boiada,
 Tão lisa, tão afanada :
 Que mimo ! benza-te Deus !
 Marroaz, vaccas, bezerros,
 Ecôu ! elôu ! para os serros,
 Mulata, peccados meus».

Com Tobias Barretto o quadro pittoresco e gracioso da vida campezina reveste-se de cores e paysagens mais encantadas e artisticas.

Elle toma das azas do *Beija-flôr* as cambiantes

de ouro e azul e da fresca rosa orvalhada o toque
das auroras para desenhar em vivida aquarella a
moça franzina,

«Bella visão matutina
Daquellas que é raro ver;
Corpo esbelto, collo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer».

E as visões poeticas surgem nitidas á alma evocadora do vate em revendo amores de morenas sertanejas, repassados de perfumes e lembranças, que nos desfolham d'alma as illusões e que nos fazem chorar de saudades. Mas, subito, os aspectos mudam, e desdobram-se em apothecses scenas rutilas de grandes e empolgantes quadros do drama da existencia.

E, como o poeta, a

«Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem».

partimos na aurora da vida e, de joelho,
almas descridas e esmagadas pela dôr,
chegamos ao crepusculo da existencia,
balbuciando a prece do seu

Presentimento

«Meu Deus!... não mais este laurel de espinhos.
Não mais a dôr, que o coração devasta,
Minh'alma é farta de martyrios... basta!
Deixai esta ave procurar seu ninho.
No meu sepulchro não terei as rosas,
As docas preces que os felizes têm;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem».

≡ Não conheço poesia mais deliciosamente emocionante e grandiosa. E' que o auctor do *O genio da humanidade*, o grande poeta condoreiro e socialista,

foi antes e acima de tudo um dos maiores lyricos d'êste paiz, exprimindo a poesia do seu povo, como ainda ella o é, essencialmente lyrica, a despeito das diversas mutações da poetica nacional.

O mesmo notamos em Sylvio Romero, o chefe do scientificismo, o cantor de *Psyché*, pois o que nelle domina, ao envez da lyra homeriana dos ignívomos abysmos, é de certo a doce avena que entoa o poeta embevecido dos

Amores infantis.

«Entre os mimos que a vida desfolha
Da ventura que á lucta descae,
Ha suspiros saudosos que ficam
Dum perfume que nunca se esvae.

Como um resto de céo desnublado
Em que o riso perenne fluctua,
Fica n'alma um recanto estrellado
Que a innocencia infantil perpetua.

Lá bem longe, no seio profundo
De lembranças já meio apagadas,
Ha scentellas que brilham constantes
Entre as cinzas no peito guardadas.

Mas em troca do brilho que fica
Vae-se um pouco de scismas voando
Em procura do céo... d'esses olhos..
Da ventura... que foge... até quando?...

Até quando? !... Até nunca... Esta vida
Uma infancia, uma só dá pr'a flôr;
Não repete a pureza das almas,
Não repete a pureza do amor...»

E em João Ribeiro, o burilador da bella estatueta de Hellés, a formosissima das gregas,

«Rozeo trecho de marmore sobre escombros»

o que preferentemente eu escuto, no extase do bello,
é o mavioso poeta das *Rimas*, quando escreve.

«Sei que estes versos brunidos
Como insectos d'ouro vão
Buscar os pe'los ungidos
De alva mão.

Zumbir-lhe por entre os dedos
Nas roseas unhas, e voar
Com as azas dos meus segredos
Terra e mar.

Hão de chegar algum dia...
Não sei quando, e nem se trata
Quando se escreve poesia
Duma data.

A' luz da sua flammante imaginação, exclama
Fausto Cardoso:

Eu sou o Amor, o Deus que a terra inteira gaba,
Vivo eulaçando sóes pelo Universo afóra,
Dos odios expurgando a venenosa baba,
Que os mundos desaggrega, espalha e desarvora.

O tempo tudo avilta, a morte tudo acaba,
E o loiro sol jamais a murcha flôr colóra,
Novos mundos, porém, do mundo que desaba
Faço logo surgir em rutilante aurora.

Caso estrellas no céu e corações na terra,
Da treva arranco luz, do nado arranco vida
E crivo de vulções os gelos que a alma encerra.

Mudam-te o peito em mar meus lubricos desejos
E a tua mente ondeia e fulge colorida
Como um raio de luz entre vergéis de beijos.

Em Nobre de Lacerda, ha notas que se gravam :

Maguas? Quem nunca as teve neste mundo?
 Quem dellas não provou o acerbo espinho?
 Sofre-as o mar, o velho mar profundo,
 Nas convulsões do louco torvelinho.

Soffre-as o mar, e qual o mar, senhora,
 O vosso coração de puro arminho;
 Que magoas são a dôr que se evapora,
 Quando longe se está de quem se adora,
 Na orphandade do amor e do carinho.

Contemplativo e sonhador, Garcia Rosa escreve a historia do seu coração num poemeto intitulado

SAUDADE

« Tudo passou: a lagrima vertida
 Em torvas horas de mortal desgosto,
 Como a fina volupia não sabida
 De quem nunca beijou tão meigo rosto.

O falso agrado, a confissão fingida,
 O juramento vão de que é composto
 O tredo amor de uma alma fementida...
 Tudo passou, quaes nuvens ao sol posto.

Tudo passou; porem dentro em meu peito,
 Urna sagrada dêsse amor outr'ora,
 Hoje sepulchro dêsse amor desfeito,

Nem tudo ainda se extinguiu, Senhora...
 Ouve-se sempre singular, perfeito,
 O *Requiem* triste que a saudade chora ».

Maviael do Prado, cujo caracteristico deixo de ferir por obvios motivos, faz do amor uma tarde de emoção, scintillante de sol primaveril, á cujo claridade parte deslumbrado, cantando e sorrindo.

Em Cleomenes Campos ha um quer que seja

da alma simples dos nossos trovadores. Em seus versos falam as nossas lendas, as nossas fontes e os nossos céos.

E' um pantheista moderno.

Entre duas montanhas altaneiras,
rolando espumas e ondas, vê-se o mar,
e erguem-se duas tremulas palmeiras,
uma em cada montanha, a flabellar.

Mesmo com as ventanias mais ligeiras,
movem as palmas sempre devagar,
palmas que, suspendendo trespadeiras,
parecem lenços verdes soltos no ar...

Se fosse dado ao que ama, de creatura
passar a ser palmeira nessa altura,
vendo os teus gestos e tu vendo os meus

que bom vivermos sós, com as nossas almas
feitas em palmas... agitando as palmas,
um perto do outro, num continuo adeus l...

E hoje, como hontem, azas dando á phantasia,
vê-se que a poesia sergipana é em sua maior e me-
lhor parte uma das mais bellas e suggestivas pa-
ginas do lyrismo universal.

Ao terminar, meus senhores, abro o « Missal »
de Cruz e Souza, e, com olhos de mystico, leió essa
pagina adoravel de extasis, nota perfumada pelo sua-
ve e quente lyrismo do *Cantico dos Canticos*, de Sa-
lomão.

« No templo branco, que os marmores augustos
e as cinzeladuras douradas esmaltam e solemnizam
com resplandescencia, dentre a profusão sumptuosa
das luzes suavissimas vozes cantam. Córos edeni-
cos, ineffavelmente desprendem-se de gargantas lim-
pidas em finas pratas de som que parecem dar ain-
da mais brandura e sonoridade á vastidão do templo
sonoro, e as vozes sobem claras, cantantes, lumino-
sas como astros. Fortes, violentas rajadas de sons

perpassam convulsamente nos violoncellos, enquanto que as vozes se elevam, sobem, num vehemente desejo, quasi impuras, maculadas quasi, n'uma intenção de nudez.

E atravez da volupia das sedas e damascos pesados que ornamentam o templo, das luzes adormecedoras, dos perturbadores incensos da opulencia festiva dos paramentos dos altares e dos sacerdotes, das egrégias musicas sacras, sente-se impressionativamente pairar em tudo a volupia maior—a volupia branca dos canticos».

Eu tambem agora, meus senhores, nitidamente vejo surgir aos olhos do meu espirito á evocação de um passado não de todos esvaecido, si bem que longínquo, banhado pelo luar de commovedoras recordações, a gothica cathedral dos quinze annos meus, esta terra adorada, que se me abriu ao coração para a creença e para o amor, e ouço então cantar lá dentro á virgem castissima dos sonhos immaculados, á virgem intemerata dos combates pelo futuro, a poesia dos seus poetas, onde palpitam de estrellas os nossos ceus e se estrellam de fé as nossas almas—no maior de todos os encantos, na maior de todas as volúpias—a volupia cantante da saudade.





SAUDAÇÃO

Sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico
de Sergipe

Ao tempo em que eu e o meu prezado collega Goes Manso Sayão, professional laborioso e talento multiforme, frequentávamos o quarto anno de engenharia industrial da Escola Polytechnica de S. Paulo, uma infeliz alteração do horario acarretou a coincidência das nossas aulas de Chimica Organica e de Resistencia dos Materiaes, que ambos igualmente nos comprometteramos de cursar.

Ao reclamarmos do secretario interino, abalissado engenheiro, tal anomalia, que muito prejudicava aos nossos interesses, S. excia cathedricamente nos respondeu que iria tomar as necessarias providencias, porque não tínhamos, o Sayão e eu, ai de nós, o dom precioso da ubiquidade...

Ora, sr. almirante Amyntas Jorge, vós, ao contrario daquelles pobres estudantes, dispondes dessa qualidade rara e no mais elevadado grau, e eis porque nós vos admiramos a invejavel jornada!

Caminhando pela areia adusta que vos conduz á directoria do Asylo Rio Branco, orientando os serviços benemeritos da Associação Aracajuana de Beneficencia; subindo a ladeira ingreme que vos leva, como mordomo, ao Hospital Santa Isabel; chefiando a campanha promissora da Liga Sergipense contra o Analphabetismo; presidindo, com a galharda juventude de um ardido navegante, as secções do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, ou labutando sem descanso na torre de marfim de todo o vosso enlevo e de onde prescrutaes de quando em quando o velho mar dos vossos melhores sonhos;—vós sois sempre o mesmo homem providencial, ansiosamente esperado e attentamente ouvido.

Serieis na lucta um intrepido conductor de gentes aguerridas, porque ereis «um adestrado e perfeito marinheiro, amigo da ordem, da disciplina e da lei».

Quando em principios do anno corrente vos sugeri a idéa desta homenagem á memoria de um grande cidadão, longe estava, no meu retrahimento voluntario, de crer que me coubesse a tarefa de proferir-lhe o elogio singelo.

Acceitei-a, deante do vosso enthusiasmo irradiante e orgulhoso de penetrar os humbraes desta casa—em cujas paredes alguns soberbos nomes tutelares da nacionalidade nos estimulam para a energia e para a vida, e as paginas de cujos annuaes guardam reliquias sem par de erudição e de amor á Patria commum ou ao torrão pequenino que a muitos d'elles serviu de berço, o menor no tamanho e um dos maiores pelo heroismo e pela cultura dos seus filhos predilectos.

Eu vos sou duas vezes agradecido, sr. presidente, pelo me haverdes indicado para membro deste gremio de eleição e porque me obrigaes, nesta noite de fulgurações cívicas, perante o representante do sr. Presidente do Estado, perante vós, os vossos commandados, e este douto e paciente auditorio, a dizer um pouco da vida e da obra de dom Pedro II.

O elogio de dom Pedro II

Exmo. sr. Dr. Carlos Alberto
Rolla, d. d. representante do sr.
Presidente do Estado.

Exmo. sr. 1.º tenente Luiz Pa-
dilha, d. d. representante do sr.
General Marçal Nonato de Faria,
Minnas Senhoras,
Meus Senhores:

1.ª PARTE

O HOMEM

Os antepassados de dom Pedro II

A penna iconoclasta de Timandro lavrou no «Libello do Povo», precioso livrinho editado ha tres quartos de seculo em Lisboa, a mais formal condemnação da arvore genealogica do nosso segundo soberano.

João IV, «um inerte, pusillanime e incapaz»; Affonso VI, «um crapula revestido das insignias de rei, forçado a abdicar por sua inaptidão e desenvolta immoralidade»; Pedro II, de Portugal, «um moedeiro falso», «um vendido ao interesse estrangeiro», «responsavel pelo execrando auto de fé de Coimbra» e pela extincção do poder legislativo, «tão antigo alli como a propria monarchia»; João V, «herdeiro dos seus vicios e continuador da sua tyrannia», «fundador de uma theocracia monastica saturada de todás as torpezas da superstição», «dissipador das immensas riquezas metallicas importadas do Brasil na doação de sumptuosos conventos e na compra de indulgencias»; José I, «um fraco, um ignorante e um nullo», que teria acompanhado a trilha dos seus antecessores, se não reinasse em seu lugar o esclarecido e energico administrador que foi o Marquez de Pombal; Maria, a

louca, «dominada pelo furor incessante de restaurar os passados abusos e destruir os actos do ex-primeiro ministro, que introduzira no paiz incontestaveis melhoramentos»; João VI, «refalsado e suspeito, irresoluto e poltrão, beato sem fé e sem costumes, joguete dos mais vis e despreziveis favoritos, extranho a qualquer sentimento de dignidade e de honra nacional, patrono dos crimes e desordens de uma côrte corrompida», mas, em verdade, rehabilitado na Historia do Brasil pelo talento de Oliveira Lima; Pedro I, «em quem se reflectia a mor parte dos defeitos originaes, não attenuados pela educação», «preoccupado de sua pessoa, de seus direitos, de suas paixões e prazeres», «isolado no meio da nação a mais dócil e agradecida», fazendo consistir a prosperidade do Brasil «no tóto esplendor de uma côrte apparatusa, para o que era mister fomentar com enganosas seducções a paixão de um laxo destruidor e galardoar com distincções honorificas os que haviam consumido em miserias a rica herança dos seus progenitores», principe folgazão e voluntarioso, um enamorado da Liberdade, a quem o destino reservára a gloria unica de proclamar a independencia de um immenso territorio e de sentar-se no throno de Portugal;—tal foi a linhagem, na expressão de Salles Torres Homem, de Pedro Segundo de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Leocadio Francisco Xavier de Paula Miguel Gabriel Raphael Gonzaga Habsburgo Bourbon e Bragança, que carregando no sangue as taras ancestraes e a fidalguia das casas reinantes de Portugal e da Hespanha, da Hungria e da Bohemia, da Austria e da Allemanha, surgiu para a existencia, no Rio de Janeiro, a 2 de Dezembro de 1825.

Infancia, mocidade e casamento

Com menos de um anno de idade perdeu o menino a virtuosa progenitora, esposa e mãe resignada e martyr, e aos nove, incompletos, o pae, do qual desde os cinco se separaria para sempre.

Entregas aos cuidados do sabio e santo José Bonifacio de Andrada e Silva, que as injunções politicas cedo arrebatariam da Quinta da Boa Vista, e educado muitos annos zelosamente pelo Marquez de Itanhaen e por um padre illustrado, mas pio e severo, o bispo de Chrysopolis, que se pede imaginar tivesse sido a orphandade sem infancia desse pequeno?

«Para qualquer lado que se voltasse, diz Mucio Teixeira, não via um lin-to rosto de mulher ou de crianças da sua idade: aqui... era o mordomo do paço; alli... o medico da semana; alem... os camaristas, os semanarios, os aulicos, todos muito cheios de reverencia e mesuras convencionaes, nem um só alegre, communicativo, carinhoso e sincero». Somentte fazia excepção o preto Raphael, pagem de confiança de Pedro I, e que o seguia até a vespera da proclamação da Republica, em todas as suas vigalias e excursões, com uma infinita dedicacão, de que só seria capaz o animismo africano daquella alma de escravo... Era só com elle que o futuro governante tinha liberdade de brincar. E Raphael, ora o levava ás costas a passear pelas compridas alamedas da chacara imperial, ora contava-lhe historias divertidas do tempo das guerras cisplatinas em que tomara parte.

Do character aventureiro e amoroso do Pai talvez nada herdara, porque as poucas accusações de que se valeria mais tarde a irreverencia dos propagandistas, se resumiam ás suas raras sahidas discutivelmente clandestinas, á noite, do lar conjugal, para a casa desta ou daquella baroneza...

Nepentes bruscos ou gestos brutaes de mando a Pedro I, ninguem jamais os registrou.

Sensível foi, todavia, a influencia atavica do sua Mãe, até nos seus traços phisicos predominantes.

Assim é que «muitos annos depois, escreve Escagnolle Doria, visitando dom Pedro varias colonias no Rio Grande do Sul, e entre ellas S. Leopoldo, velhos colonos austriacos e allemães o esperavam pelas estradas, e ao vel-o, lagrimas silenciosas lhes

escorriam pelas faces tostadas por céos do exílio. Só uma palavra repetida lhes acudia aos lábios:

Leopoldina! Leopoldina!

Tanto reconheciam no filho a imagem materna.

A juventude sem amor e sem amigos, sobrecarregada de formalidades e prolongados estudos, ao sabor de varios preceptores velhos, e as duras e crueis provas que desde o berço o perseguiram e que o haviam exercitado na escola da meditação, deram ao seu espirito e a sua intelligencia uma precoce madureza e uma rara elevação moral.

Pedro II casou-se com dona Thereza Christina Maria de Bourbon, nascida em Napoles, e irmã do rei dom Fernando das Duas Sicilias. A primeiro de Julho de 1843, sahindo do Palacio Chiaramonti, a jovem imperatriz embarcou a bordo da fragata «Constituição» e dois mezes depois as naus brasileiras e napolitanas alcançaram a bahia de Guanabára.

A impressão de dom Pedro, affiançam as chronicas da epoca, não podia deixar de ser de surpresa: dona Thereza Christina mostrava-se de physico pouco convidativo, era defeituosa e as suas virtudes o marido não as conhecia ainda.

Dessa união dynastica nasceram dois filhos varões, fallecidos em tenra idade, e duas filhas, dona Isabel, condessa d'Eu e dona Leopoldina, duqueza de Saxe.

A sua religião

Em curiosas notas pouco divulgadas, á margem de um livro, dom Pedro II lançou todo o seu pensamento em materia de fé. Ellas sao de inestimavel valia para o estudo da sua complexa personalidade, por mingua de documentação mais perfeita:

«Sou evolucionista com as reservas que faço».

«Sou religioso, porque a moral, condição da intelligencia, é a base da idéa religiosa».

«Creio firmemente no dogma, mesmo pelo que diz Santo Agostinho: *Credo quod absurdum*».

«Possuo o sentimento religioso innato no homem despertado pela contemplação da natureza».

A esses conceitos ajuntou Joaquim Nabuco o seguinte judicioso commentario:

« Pelo que se pode deprehender, o Imperador era, quanto à religião, um espirito emancipado, que organizava a sua propria; era, conciliando *quantum satis* os dogmas com as hypotheses scientificas, catholico limitado, como era darwinista limitado, e, em materia de religião positiva, de instituições ecclesiasticas, um espirito independente, indifferente, posto que convencionalmente deferente, interiormente desprezado, alheio a toda ordem de preoccupações que a sujeição religiosa suggere. Para dizer tudo, a Igreja não tinha na concepção de Estado do Imperador senão uma parte secundaria, quasi rudimentar e provisoria, como a religião catholica, com os seus mandamentos e tribunaes terrestres, não tinha em sua vida intima verdadeiro poder coercitivo.

Como ente religioso elle dependerá só e directamente de Deus: a religião era uma questào, para elle, toda pessoal, subjectiva, entre sua consciencia moral e Deus, o Creador, cuja obra elle admirava profundamente como naturalista e astronomico.

O Imperador era, entretanto, genuinamente imperialista, o que quer dizer que o tronco espirital estava preparado para, em qualquer phase da vida, brotar de repente a velha fé catholica ».

Elle tinha alem disso o espirito « fortemente imbuído do preconceito anti-sacerdotal. Não era propriamente anti-clerical, não via perigo da parte do clero; o que lhe não inspirava interesse era a propria vocação religiosa ».

A critica de Suetonio

A' impiedade de Suetonio, no « O Antigo Regimen », devemos alguns periodos candentes sobre as manias do monarcha. Citemol-as, para que, avaliando o reverso da medalha, mais seguramente possamos aquilatar das suas qualidades dominadoras.

« Dom Pedro nada tinha de elegante; a sua *toilette* era invariavel: casaca, chapéo alto, calças e

collete pretos, já muito usados, não se esquecendo nunca de trazer a insignia do tosão de ouro ».

« Sofria de uma dyspepsia intellectual, lia muito, mas não digería. Vivia na sua bibliotheca, que era um mundo de livros, sem ordem nem nexo. Se tinha que ir visitar uma fortaleza, na vespera lia tratados sobre fortificações e artilharia; e na visita discorria sobre o que havia lido, com admiração dos ignorantes e condescendencia dos entendidos.

Conquistou por essa forma os fóros de sabio, que não era, não só porque não tinha capacidade para ver, como também porque nunca teve tempo para fazer estudos series ».

« Indo á Europa, o primeiro cuidado, o exclusivo cuidado do Imperador, era visitar monumentos, livrarias e observatorios. Em vez de confabular com principes, estadistas, diplomatas, e financeiros, em vez de aprofundar o estudo das coisas e questões attinentes á vida economica, ás instituições e á machina administrativa do paiz, preferia conversar democraticamente com Herculano, Hugo ou Carducci ».

« Visitando escolas, o Imperador questionava professoralmente os pequenos alumnos, sobre pontos de doutrina christã, de geographia ou de historia... Era a sua maneira de se interessar pela instrucção popular ».

« Tinha tanta astucia o nosso ex-soberano que, sendo um homem de mediocre instrucção e acanhado talento, conseguiu coavencer, á força de habitos da Rosa, aos sabios do Instituto de França que elle também era um sabio; aos democratas da Europa e da America do Norte que era democrata; ao papa, que era crente e filho obediente da Santa Madre Igreja; aos maçons que era maçõ, e ao povo, que era seu Pae, conservando-o em parte na escravidão ».

Episodios e anedoctas

Procuravam os seus depreciadores diminuir-lhe o merito incontesté, apoucando-lhe a intelligencia, chasqueando do soberano pelo seu pendor pelas cou-

sas espirituaes, colligindo-lhe as phrases de menos transcendencia ou alargando-lhe o escasso anedotario.

Corre mundo, por exemplo, que, de uma feita, ao chegar em Portugal, por se ter recusado a aceitar a hospedagem do sobrinho, o rei dom Luiz, foi para um albergue de segunda classe, discutindo-se muito a sahida, por motivo das despezas da comitiva...

Em Pariz, certa occasião, esquecendo-se de que viajava incognito, como o professor Pedro de Alcantara, deu uma recepção solenne, num hotel, onde por causa do accumulô de gente quasi houve um duello entre dois altos diplomatas.

Em Roma espantou o famoso Padre Secchi, quando, uma noite, no seu observatorio, após uma inspecção no telescópio, declarou cheio de assombro que havia descoberto ... *la luna!* *la luna!*...

As suas observações, aliás, em geral, nada tinham de profundas. Os discursos que proferiu nunca emocionaram a ninguem.

Cochilava frequentemente nas festas e recepções. Um episodio, entre outros, illustra a conhecida fraqueza imperial.

Numa tertulia literaria, a que estava presente o General Osorio, começou a dormir. O heroico Marquez de Herval, impacientando-se, deixou cahir a espada com estrondo. Dom Pedro accordou e disse-lhe: — General, no campo de batalha nunca a sua espada cahia. Ao que o valente militar respondeu: — E' porque lá, magestade, ninguem dormia...

O Conselheiro Zaccharias, em 77, alludindo á preocupação do Imperador de estudar e conhecer ninharias na Europa, e ao facto deste não haver consultado Nabuco de Araujo, chefe liberal, sobre a organização do Ministerio, dizia que se este ultimo fizesse uma viagem ao Oriente e lá « averiguasse as dimensões e qual a madeira da caixinha em que Alexandre guardava os poemas de Homero », certamente recobriria elle as graças do monarcha, tal era para o seu espirito de analytico o prestigio dessas minuciosidades da Historia!

O seu amor ao pormenor ia tão longe que, a caminho do exílio, obrigou o commandante do «Alagoas» a modificar-lhe a rota, encompridando-a de trezentas milhas, sob os protestos geraes, só para que pudesse contemplar, de longe, o pico de Tenriffe...

As opiniões dos seus panegyristas

Esta noite é, comtudo, senhores, de glorificação em todos os recantos da Patria. Ouçamos, portanto, outras vozes auctorizadas, que o engrandeceram, collocando-o ao lado das grandes figuras do mundo no seculo a que pertenceu.

Eis o seu retrato physico e moral, segundo o embaixador Magalhães de Azerêdo :

«Dom Pedro II era um bello homem, de alta estatura, compleição robusta e admiravel porte. A cabeça pujante pousava com energia tranquillã sobre os largos hombros. Os cabellos e as barbas fluentes, cedo encanecidos, de uma finura de seda e de uma brancura de prata, se harmonizavam com a tez alva, levemente rosea.

A bocca, de um desenho firme e delicado, era revelativa de bondade, e o queixo, assaz saliente, denunciava uma vontade tenaz. Sob a fronte ampla, elevada, um pouco saliente tambem, os olhos, muito azues, brillavam serenos, um tanto frios; fitavam o interlocutor decididamente, como buscando penetrar-lhe as paixões e os interesses reaes através dos meandros da linguagem aulica; mas no silencio facilmente se velavam de uma expressão pensativa, e como affeita ao ambiente.

A voz, apenas, desorientava um instante quem a ouvia pela primeira vez; era delgada, quasi feminina; mas o tom seguro, e a rapidez da dicção, corrigiam de prompto essa inferioridade.

«Não faltaram elementos e perspectivas para a formação de um despota suspeito, intrigante e violento—de um principe conspirador, fosse olygarquista ou demagogo. Formou-se ao contrario, um

homem honesto, clemente, generoso e intrepido, um defensor estrenuo da lei, do direito, da liberdade, um philosopho coroado que reconhecia, ao lado e acima da soberania dos reis, a transcendente soberania do Espirito».

Na sua esplendida autobiographia escreven Christiano Ottoni estas linhas :

«Adquirindo cedo o habito do estudo, que nunca abandonou, e tendo memoria feliz, é sem duvida um homem illustrado ; mas não é um sabio profundo, como pretendiam aduladores ; nem pode sel-o, porque sem ser um genio tem velleidades encyclopedicas.

Bem criado, cortez para com todos, dadivoso com os pobres, bom chefe de familia, é dom Pedro um homem de qualidades estimaveis».

Ao que ajunta Affonso Celso que era «uma intelligencia nitida e profunda, prodigiosa a sua memoria, variadissima a erudição, instructiva a palestra, impregnados todos os seus dizeres de bom senso, criterio e discernimento infinitos».

«Mas a irradiação superior do seu character consiste na bondade, na tolerancia inalteravel com que encara as miserias do mundo, piedade suprema de philosopho, que vive a meditar e a soffrer».

Mucio Teixeira, num preito de saudade, chamou o seu «modesto lar hospitaleiro», de «paço de reis que mais parecia asylo de caridade, tal a multidão de velhos, enfermos, viúvas, orphãos, a quem diariamente proporcionava esmolas, entrementos naquelles salões e galerias se acotovelavam poetas e scientistas, pintores e musicos, esculptores e artifices, paes de familia sem emprego e estudantes sem mesada, a todos tratando com affecto e sollicitude, sempre a todos dando o alento moral e o auxilio pecuniario» e até mesmo a moças da alta sociedade, que, em disfarces e envoltas em mantilhas se mesclayam com a multidão para irem receber a costumeira esportula de vinte mil reis das mãos da superintendencia da merlomia.

O Imperador mandava distribuir todos os sab-

dados cinco contos de reis em esmolas e a Imperatriz dois contos.

Do seu desapego ao throno ha esta pagina do deputado Wanderley de Pinho:

«Em palestra, um dia, com Victor Hugo, a um dado momento, disse: «meus direitos», mas logo emendou:

«Eu não tenho direitos, não tenho senão um poder devido ao acaso. Devo empregal-o pelo bem, pelo progresso, pela liberdade».

Dahi seu exagero de palavras e attitudes simples, no paiz ou fóra d'elle. Por isso desprezava o fausto, dispensava as cerimoniaes; no trajar e no viajar, no opinar e no agir, era um democrata.

Havia alli vestigios de bondade e escriptulos de consciencia que vinham da sua mais funda raiz moral—a justiça.

Em muitas de suas attitudes vislumbramos um certo proposito, um insistente *snobismo* em desmentir as apparencias de rei. Parece que o afflige e o tormenta a corôa. Julgam-no por ventura jungido de preconceitos monarchicos—busca desmentil-o.

Julgam-no aristocrata—mostra-se quasi plebeu.

Julgam-no sendo rei, intolerante—mostra-se atollhedor, perdoador, magnanimo.

Julgam-no afastado pelos orgulhos de longa tradição dynastica, da aristocracia litteraria e scientifica, visita Hugo e Renan, procura os sabios, ante elles se despoja do seu manto real. Julgam-no servo da religião e do clero, como a uma contingencia politica—recebe impios, visita rabinos, prende bispos.

Em uma nota intima escreveu: «creiam que ponho sempre o bem da nação acima dessa consideração exclusiva do interesse monarchico».

Um outro dos seus biographos completa o seu panegyrico, acrescentando que Pedro II «jamais usou do veto constitucional, jamais embarçou uma reforma, jamais consentiu num exilio, ou numa execução capital, quando provocada a sua intervenção, jamais alimentou sentimentos de odio, prevenção, vingança ou perseguição, contra quem quer que fosse, jamais conheceu inimigos».

Os revolucionarios da vespera occupavam os mais elevados cargos politicos no dia seguinte ».

Pedro II e alguns grandes homens

O segundo Imperador, alliando um inegualavel coração a um franco pendor pelas bellas artes e pelas sciencias, tornou-se o protector natural de alguns brasileiros notaveis.

A esse rol pertencem Pedro Americo, Victor Meirelles, Carlos Gomes, Godcalves Dias, Almeida Junior, Varnhagen, Macedo, Porto-Alegre, Magalhães, Capanema, Domingos Freire, André Rebouças, Barbosa Rodrigues, Benjamin Constant.

Elle adivinhou o genio de Wagner, a quem, em 27, pediu uma opera para ser cantada pela primeira vez no mundo, no Rio de Janeiro.

Veiu a ser, talvez, o factor principal do apparcimento, no universo, do telephone. Conta-se que a entrada fortuita de dom Pedro II na sala de exhibição do apparatus da Bell, na exposição de Philadelphia, attrahiu a attenção dos juizes do certamen. Cansados de dias inteiros de trabalho, retiravam-se, já ha seis semanas, sem a menor curiosidade pelo invento, quando, ante a insistencia do soberano, Joseph Henry, o maior especialista em electricidade naquella epoca, tendo sido quem assentára o primeiro cabo submarino do Atlantico, verificou a efficacia da transmissão da voz humana á distancia. Ainda uma vez se patenteava a protecção instinctiva do monarcha pelos pequeninos e esquecidos.

Elogiaram-no Jules Simon, Longfellow, Agassiz, Dumas, Frederic Mistral, Renan, Victor Hugo, Carducci, Herculano, Castello Branco, Cesare Cantù, Brown Séquard, Adolph Franck, Darwin, Pasteur, Lesseps, Gladstone, Lamartine, Bartholômeu Mitre...

Brown Séquard, saudando-o na Sociedade de Biologia de Pariz, declarou:

«Senhores! Tenho a honra de vos apresentar sua magestade o Imperador do Brasil, um soberano eminente pelas mais bellas qualidades que o homem

possa possuir e sobretudo pelo seu profundo amor pelas sciencias”.

Duas visitas fez, em Pariz, a Victor Hugo. E' bem conhecido o episodio havido na casa do poeta. Victor Hugo mandar a chamar os netos: — Jeanne, apresento-te o Imperador do Brasil.

Convidado a dar-lhe um abraço a menina apertou-o com tanta força que o avô advertiu: — Basta!... Queres dar-te ao luxo de estrangular um Imperador?

E em segunda: — Senhor, tenho a honra de apresentar o meu neto forgo a vossa magestade.

Alisando-lhe os cabellos accrescentou dom Pedro II, apontando para o extraordinario romancista:

— Meu filho, aqui não ha mais do que uma magestade.

Ao explicar o monarcha que se não arreceiava de deixar o Imperio por tanto tempo, e que o poder lhe coubera pelos accasos da fortuna e do nascimento, Victor Hugo exclamou: — Senhor, sois um grande cidadão! Sois o neto de Marco Aurelio!

E depois: — Eu acompanho vossa magestade até os limites do meu Imperio!

“O Imperio de Victor Hugo é o Universo”, replicou o soberano.

Darwin escreveu: “O Imperador fez tanto pela sciencia que todo o sabio lhe deve o maior respeito”. Lamartine, consagrou-lhe um Curso de Literatura e das suas mãos recebeu de uma só vez o auxilio de 50 mil francos.

Camillo Castello Branco alludiu ao seu immenso desprendimento na seguinte phrase: « Dom Pedro II é um soberano tão sabio que chega a vestir-se como um poeta pobre ». E narrando a Alberto Pimentel o seu apparecimento em sua casa, recordava: « Estou a vel-o sentado no meu pobre canapé ». Defronte de sua magestade havia um quadro com os retratos de todos os monarchas portuguezes até o fundador da dynastia bragantina.

Alli perto estava o retrato, grayado, do poeta Béranger. — Está Vossa Magestade contemplando os retratos dos seus avós? perguntei.

— Não, estava contemplando Béranger, respondeu o Imperador ».

José do Patrocínio legou-nos impressas estas palavras: « Um dia, como eu houvesse pedido a Victor Hugo alguns periodos em prol dos escravos, o vate escreveu: « O Brasil tem um Imperador e este é mais do que um soberano, é um homem ».

Meu espirito republicano reflectiu e eu concordei com o Genio ».

Mossé escreveu sobre elle um grosso volume, a mais completa collectanea de factos publicados sobre a sua pessoa, e na verdade, quasi todo elle dictado pela admiração do Barão do Rio Branco.

No banquete em que a fina flôr da cultura franceza commemorava a abolição da escravatura no Brasil, presentes, entre outros nomes celebres, Jules Ferry, Jules Simon, Mouchez, Lévasseur, Hannotaux, Leroy-Beaulieu, deante de cada conviva estava a passagem seguinte datada em 1860 por Victor Hugo:

« Vous êtes des hommes des sentiments éleyés; vous êtes une généreuse nation. Vous avez le double avantage d'une terre vierge et d'une race antique. Un grand passé historique vous rattache au continent civilisateur: Vous réunissez la lumière de l'Europe au soleil de l'Amérique. C'est au nom de la France que je vous glorifie ».

E Gladstone traduziu todo o seu enthusiasmo exclamando: « A monarchia no Brasil, sob o governo de dom Pedro II, modelo de todos os soberanos no mundo, é, na realidade, uma democracia coroada ».

Soube do seu nome longamente acclamado, em Buenos Ayres, a 17 de Maio de 88, por cerca de 40 mil pessoas, guiadas por Mitre e Sarmiento.

Aquelle eminente cidadão da America, discursando, accentuou que « saudava o povo argentino fraternalmente ao povo brasileiro, que o ajudara a destruir uma tyrannia barbara, e saudava com a mais viva sympathia os poderes publicos do Brasil, que fizeram entrar na lei positiva do Imperio a grande lei moral da liberdade e da igualdade e da fraternidade de todos os homeas, e saudava tambem a dom

Pedro II, o principal promotor desta grande reforma».

«A posteridade reconhecida elevará a sua estatua, tendo em uma das mãos a proclamação da liberdade dos últimos escravos do mundo, e lançando com a outra, no abysmo do passado, suas cadeias para sempre quebradas».

O 13 de Maio era para o immortal argentino «a herança mais gloriosa, a mais fecunda do seu reinado longo e prospero».

Liberalismo e tolerancia

Dos seus gestos de tolerancia e liberalismo, que mais lhe estereotypam a grandeza moral, recordemos os mais expressivos.

Visitando Ouro Preto, em 81, Pedro II manifestou desejos de conhecer Bernardo Guimarães, o timido romancista das montanhas. Quando este, pobremente vestido, ladeado por duas filhinas, se apresentou na sala de recepção, cheia de convidados, para presentear o soberano com as suas produções, o Imperador levantou-se e, adiantando-se ao seu encontro, apertou-lhe effusivamente as mãos.

Na vida attribulada do auctor do «O Indio Afonso», um dia desses de reconhecimento era um balsamo para o seu afflicto coração de torturado.

Notavel a carta do monarcha escripta em 1870 ao Conselheiro Paulino de Souza, repellindo a idéa de se lhe erigir uma estatua: «Vós e vossos predecessores sabeis que sempre pensei que nos devíamos occupar seriamente da educação pública, e, nada me seria mais agradável agora que fizemos triumphar a causa da dignidade nacional, do que ver a nova era de paz e de prosperidade começar por um grande acto de iniciativa do Brasil em proveito da educação popular».

Vencendo os escrupulos de Salvador de Mendonça, republicano vermelho, que se fôra despedir para assumir um cargo diplomatico nos Estados Unidos, respondeu-lhe:

« Não tenho ordens a dar-lhe. Somente faço votos para que preste tão bons serviços ao Imperio, na Republica para onde segue, quantos prestou á Republica.. no Imperio do Brasil ».

Grande ridiculo lançavam-lhe em face os adversarios por causa das suas poesias.

Elle escreveu, todavia, algures, o seguinte :

« Eu sei muito bem que não sou poeta. Faço, de tempos em tempos, versos como exercicio intellectual, e somente quando nada mais tenho que fazer. Mas isso não é poesia. Mostro-os a amigos intimos; mas por nenhum preço quizera vel-as publicadas ». O que não impediu que tenham sido os proprios netos que, ainda infantes, em sua homenagem, houvessem tirado uma edição das suas « poesias originaes e traducções ».

Logo após o manifesto de 3 de Dezembro, a uma observação do Marquez de S. Vicente, diz-lhe o chefe de Estado: « O paiz que se governe como entender e dê razão a quem tiver ». « Senhor, respondeu S. Vicente, Vossa Magestade não tem direito de pensar por este modo. A monarchia é um dogma da Constituição que Vossa Magestade jurou manter; ella não está encarnada na pessoa de Vossa Magestade ». Ora, accrescentou, rindo-se, Pedro II:

« Se os brasileiros não me quizerem para seu Imperador, irei ser professor ».

E de outra feita, repetindo essa phrase, accentuava que « não conhecia missão maior e mais nobre do que a de dirigir as intelligencias juvenis e preparar os homens do futuro ».

Guimarães Passos era um poeta bohemio, e republicano, que o monarcha acolhera, dando-lhe um emprego na bibliotheca da Córte. Passavam ambos um dia pelas longas alamedas da Quinta, quando surge um cão de propriedade do vate, a ladrar furiosamente para as barbas imperiaes. Dom Pedro II vira-se e pergunta na sua meia voz adocicada: — Seu Guimarães, o seu cachorro tambem é republicano?

Gravemente enfermo, em Milão, com medicos á cabeceira da experiencia de Giovanai e Semola, de

Charcot, chamado ás pressas de Paris e do Conde da Motta Maia, já havia recebido a extrema unção, quando, cautelosa, a imperatriz lhe transmittiu a nova da lei de 13 de Maio. Reanimou-se o doente, surprezo, dizendo: « Grande povo! Grande povo! » e rapidamente adquiriu a saúde primitiva.

A serenidade no exilio e a morte

Depois de 15 de Novembro, falla Wanderley de Pinho, no crisol de soffrimento apura-se-lhe o espirito ainda mais e no martyrio do exilio unge-se-lhe a vida desse oleo de suave perfume de resignação.

A revolta, a deposição, o banimento não lhe tiram nunca a serenidade. A's recriminações, expansões, criticas de seus parentes e da comitiva em caminho para o exilio cala-se no silencio augusto de um rei desthronado.

Guarda a frieza immovel, hierarchica, solenne, isolada, integra, do homem que se não queixa e não reage e já não espera.

Conserva a rigidez de quem, no curso do tempo e nas circumstancias decisivas para seu destino, se obstina em uma inercia sentimental apparente e abafa, na calma imperturbada de agir e do fallar, os tumultos interiores que lhe estão destruindo a alma.

Conserva no duro transe a quieta magestade do philosopho e na precipitação da partida só tem dous pensamentos e duas preoccupações visiveis;— a de seu obstinado protesto contra o embarque nocturno, para que não parecesse que fugia a seu povo, e a ancia pelos companheiros que escolhera para a sua viagem, os que lhe haviam sido conselheiros daquella tranquillidade, mestres daquella quietude magmatica — alguns livros.

E no sombrio occaso de seu exilio triste, fica impassivel e bom á espera da morte e á espera da gloria.

E' ahí em Cannes, na França, que se queixa de leve a Affonso Celso, filho, da ingratição dos seus velhos amigos: — E' singular, diz Pedro II. Eu não

tive uma só carta ou uma unica folha. E' singular que ninguem mais se lembre de mim para me dirigir duas linhas. Esqueceram-me mais depressa do que eu esperava. E como alguém se referisse á censura exercida pelo governo provisório, continuou.

Ha assumptos que não compromettem a ninguem.

Nem acredito que o governo levasse a mal que meus amigos indagassem, por exemplo, da minha saúde; e me enviassem noticias da propria. Não, é singular, é muito singular...

Noutra occasião, numa entrevista, referindo-se ao triumpho da Republica: Sob o ponto de vista individual, lucrei immensamente. Sou hoje mais livre. Vivo como entendo, satisfazendo as minhas vontades, á lei das minhas inclinações, sem despertar criticas, nem incorrer em pesadas responsabilidades.

Leio, estudo, passeio, movo-me desembaraçadamente. Não me vejo forçado, a sacrificar a devoção á obrigação. Gozo, demais, do repouso de que já ia precisando.

Creio que não me negam, quando menos, o título de empregado publico consciencioso. Desempenhava escriptulosamente as funções que me incumbiam. E aquillo era trabalhoso bastante!

Aqui, queixo-me de nada fazer. Vivo numa ociosidade absoluta, exercendo genuino poder pessoal, pois realizo quanto me apraz.

Já veem que particularmente ganhei com a mudanças.

«Quanto a voltar, se me chamarem, estou prompto. Seguirei no mesmo instante e contentissimo visto ser util ainda á nossa terra. Mas se me chamarem espontaneamente, notem.

Puzeram-me para fóra... Tornarei se se convencerem de que me cumpre tornar. Conspirar, jamais. Não se coaduna com a minha indole, o meu caracter, os meus precedentes.

Seria a negação da minha vida inteira. Nem auctorizo ninguem a conspirar em meu nome ou no dos meus.

Ao povo brasileiro assiste pleno direito de se governar como julgar mais acertado. Se desejar de novo minha experiencia e minha dedicaçào por elle á testa da sua administraçào, que o diga claramente e sem constrangimento. Obedecerei sem vacillar, á custa embora de arduos sacrificios. Do contrario, não e não ».

« A Historia me fará justiça, eis a minha fé consoladora.

Attribuiram-me phrases que não proferi, actos que não pratiquei.

Acceitei os acontecimentos sereno e resignado.

Uma unica cousa me incommodou deveras: — e apparatus da força desenrolada em torno do paço da cidade; soldados a pé e a cavallo, guardando todas as portas, apontando para mim e para a minha familia armas ameaçadoras, como se fossemos réos e capazes de nos evadir. Pois não bastava para segurança delles a minha palayra?...

Depois... ao regressar de uma sessão do Instituto de França, um golpe de ar frio o prestou traiçoeiramente.

E após rapidos tristes dias de agonia, rodeado de poucos dos que lhe ficaram fiéis, espirou pobre, num hotel secundario.

Quasi em frente, nota Sacramento Blake, em sumptuoso palacete, « á fidalga se banquetecava um presidente de posto de uma pequena republica americana ».

Sic transit gloria mundi.

Era o 5 de Dezembro de 1891.

II. PARTE

O Imperio e a funcção do Imperador

O poder moderador e o poder pessoal

Eis bosquejado em largas pinceladas de mão incerta o quadro onde se retrata a alma do segundo Imperador.

A commemoração do centenario do seu natalicio deveria mais propriamente limitar-se á sua individualidade e teriamos terminado esta oração descolorida.

Eduardo Prado, porem, deixou sublinhado que «tão brasileiro foi elle que a sua biographia não deve ter este nome, mas sim o de — meio seculo de Historia do Brasil». E é, pois, louvando-nos nessa sentença inappellavel que nos atrevemos a discorrer sobre a epoca em que elle viveu, o meio em que enfeixou em suas mãos uma força immensa, e sobre os obices que encontrou no exercicio da sua formidavel acção de catalyse.

Assim este elogio não se restringirá á sua passagem transitoria pela existencia, como homem. Abrangerá cincoenta annos de operosidade de um povo livre.

*
* *

« Antes de tudo, escreve o indyidavel auctor de *Um Estadista do Imperio*, o reinado é o Imperador.

De certo elle não governa directamente e por si mesmo, cinge-se á Constituição e ás formas do systema parlamentar; mas como elle só é arbitro da vez de cada partido e de cada estadista, e como está em suas mãos o fazer e desfazer os ministerios, o poder é praticamente delle.

A investidura dos Gabinetes era curta, o seu titulo precario, — enquanto agradassem ao monarcha; em taes condições só havia um meio de governar, a conformidade com elle. Oppôr-se a elle, aos seus planos, á sua politica, era renunciar o poder. Algum ministro podia estar prompto a deixar o governo, apenas empossado; o Gabinete, porem, tinha tenacidade, e o partido lhe impunha complacencia á vontade Imperial, por amor dos lugares, do patronato.

Insensivelmente os ministerios assentiam, assim no papel que o Imperador distribuia a cada um no seu reinado.

Romper com elle, foi, por muito tempo, impossivel em politica.

O Senado, o Conselho de Estado, viviam do seu favor, da sua graça.

Nenhum chefe quizera ser incompativel. A tradição, a continuidade do governo está com elle. Como os Gabinetes duram pouco e elle é permanente, só elle é capaz de politica que demande tempo; so elle pode esperar, contemporizar, continuar, adiar, semear para colher mais tarde, em tempo certo".

Ferreira Vianna, porem, julga que "a elle cabe, e somente a elle, todos os males do seu longo reinado; os homens publicos eram instrumentos de facil manejo de que se servia". E, para corroborar esta asserção, elle conta que, certa occasião, apesar de haver o Ministerio negado credito para a observação da passagem de Venus pelo disco solar, dom Pedro II mandou um navio da nossa marinha com os instrumentos necessarios para essa diversão astronomica, o que custou muitas dezenas de contos de reis, sem que dahi se tirasse proveito algum...

Accusa-se ainda hoje o velho soberano de não haver consentido que nenhum brasileiro se erguesse na consideração dos seus pares, alem de certo nivel que elle mesmo regulava. Adulando os decessis e repellindo os altivos fez com que, no dizer de um dos seus biographos, a sua politica "não pudesse deixar de demolir caracteres, matar o espirito publico, gerar a descrença, extinguir a fé nas instituições, preparar o povo para lançar-se facilmente no desconhecido".

Eusebio de Queiroz interpretou esse modo de sentir na celebre phrase, "Quem foi ministro do sr. dom Pedro II é preciso que não tenha vergonha para sel-o segunda vez".

"A verdade — é ainda Joaquim Nabuco que commenta — é que o Imperadar nunca quiz fazer de seus ministros instrumentos; para isto seria preciso que elle quizesse governar por si o que elle não podia fazer. Faltavam-lhe para quasi todos os ramos as qualidades especiaes do administrador. O Impe-

rador exercia, sim, uma especie de censura e de superintendencia geral; era o criterio do seu governo, mas para governar, elle mesmo, ser-lhe-ia preciso a faculdade que não tem os criticos de fazer obras como as que analysam. O que elle queria nos ministros, para ter esse direito de fiscalizar, de suggerir e de obstar, que livremente exercia, era docilidade em escutar e conformidade com a prerogativa que a Constituição lhe conferira. Não os queria soberbos, não os conservaria servis*.

«Em toda essa vida de movimento de opinião que luta e vence pela palavra, pela penna, pelos conselhos, elle não apparece: seu papel é outro, sua influencia é enorme, incontestavel, mas para que o seja, o seu segredo é apaga-lo o mais possivel, não violar a esphera da responsabilidade ministerial*.

«Para o Imperador a monarchia devia existir por si só, sem trocar serviços, sem pedir favores, sem crear apanagios e vassalagens».

«Ella devia existir somente enquanto fosse uma aspiração nacional, uma necessidade sentida por todos, e não defendida por monopolios espirituaes, muralhas de bayonetas ou feudos territoriaes», porque o Imperio do Brasil, talvez o unico na Historia, não assentava sobre a Igreja, o Exercito ou a Aristocracia.

O deputado Wanderley de Pinho conclue que «ao tacto das mutações partidarias, ao uso sensato do poder pessoal, á acuidade da perspicacia imperial, ao sentido das oportunidades de dom Pedro, devemos o funcionamento do mecanismo politico, enquanto os partidos iam com o Imperador realizando a obra da cohesão da patria, da melhoria de seus metodos administrativos, da evolução de seus codigos sociaes, da grande marcha do seu progresso interno, da consolidação do seu pretigio externo.

O bom senso imperial corrigia os defeitos do aparelho de selecção politica e das valvulas da opinião publica: o Imperador auscultava o querer nacional e influa com o poder pessoal por satisfazel-o.

Só na mira do bem publico poz elle em acção essa incontrastavel influencia decisiva.

Esse poder nunca o excedeu para serviço da dynastia. Com elle nada mais fez que alheiar do throno dedicações, esfriar o calor de proselitos.

Chamando para a corôa o papel de substituidora dos partidos no poder, cada ministro demittido levava contra o imperante, por mais leve, o despeito em que se transformam a saudade do mando, a magna do afastamento do poder. Collocando-se nas regiões electrizadas na atmosphera politica, recebia por isso o sceptro as descargas continuadas que trovejavam no Parlamento, nos pamphletos, na imprensa, nos comícios, desprestigiando o throno em discussões recriminantes.

E o imperante não formava, para compensação, ao seu redor, aquellas dedicações amigas ou aquelle forte partido aulico a que se poderia arrimar nas asperidades dos dias fruscos.

E Ruy Barboza magistralmente completou essa face unica de poder de Pedro II, nestes periodos lapidares: «Fez sempre o que lhe pareceu, na expansão ampla da sua vontade individual, sem influencias excusas, que lhe diminuíssem a personalidade.

Não foi governado pelos seus ministros, nem automatizado pelos seus famulos».

Encerremos este capitulo citando um trecho de carta intima do soberano, escripta em 66 ao Visconde de Itaúna: «A impaciencia de alguns leva-os a attribuir-me o desejo de aniquilar os partidos e seus hemens mais importantes; mas como poderia eu sem elles, dirigir o governo? A minha acção sempre a tenho procurado conservar nos limites de simplesmente moderadora e não é ella assim util aos partidos?

Talvez que não careçam della e muito estimarei que tal succeda e o partido no poder respeite sempre os direitos da opposição e este só procure derribar o outro, combatendo conscienciosamente seus erros perante a opinião publica».

III.º PARTM

O MONARCHA E O SEU REINADO

A regencia e a primeira phase, até 1850

A agitação dos dez annos do periodo regencial vae produzir a paz do meio seculo a seguir. E' uma criança que evita a nacionalidade do esphacelamento, com o só prestigio da sua presença.

«E' uma criança, segundo o viajante Saint-Hilaire, que une ainda as provincias deste vasto imperio; e a sua existencia só é que oppõe uma barreira aos ambiciosos que surgem de todos os lados com uma mediocridade unica e gigantescas pretensões».

O que nos enche de orgulho pelo que nessa quadra tormentosa realizaram Feijó, Evaristo e Vasconcellos é mais do que qualquer outro motivo a resistencia opposta a anarchia pelas tres forças conjugadas, pela supremacia do governo Civil, pela victoria necessaria do principio monarchico e pela rehabilitação da auctoridade. E a 23 de Julho de 1840 os liberaes de Antonio Carlos e os conservadores de Paranaguá precipitam a maioridade.

Pouco antes debellava-se a Sabinada na Bahia e no Maranhão os balaios dispersavam-se.

No extremo—sul a guerra dos Farrapos ameaçava eternizar-se, pondo em cheque a integridade nacional, ameaçada nas coxilhas pela creação da Republica de Piratinim e mau grado o destemor de David Canabarro e de um predestinado — Giuseppe Garibaldi, condottieri de génio, os rebeldes recuavam ante o fino do General Soares de Andréa.

Em Minas e S. Paulo, em 42, duas outras revoltas são suffocadas por Luiz Alves de Lima e Silva, «general feliz, cuja espada seria a escora de um reinado», no phrasear primoroso de Euclides da Cunha.

Em 45 terminou, com a intervenção de Caxias a longa lucta fraticida do Rio Grande.

É em 48, em Pernambuco, o que se notou tão somente foi a ausencia de principios politicos a defender, um como ultimo eco das tendencias separativas e dissolyentes que haviam brotado muito antes do 7 de Setembro e que o 7 de Abril só contribuiu para recrudescer.

Essa primeira phase de longo segundo reinado, e que se caracteriza pela consolidação da ordem interna e pelo aperfeiçoamento do regimen parlamentar, vae terminar gloriosamente com a lucta contra o trafico de africanos.

Já a visão humanitaria de José Bonifacio protestára contra a miseria da escravidão. Não importava que a 7 de Novembro de 31 a clarividencia de Feijó decretasse a liberdade dos escravos que desembarcassem no Brasil.

Aquella voz prophetica não seria ouvida e essa lei equitativa não seria cumprida.

Em 45 o parlamento britannico votava o *bill* Aberdoen, que auctorizava a marinha ingleza a perseguir mesmo nos portos brasileiros os navios negreiros.

É o gabinete da unica magestade americana retrucava em vão.

«A Inglaterra quer a suppressão do trafico, o governo imperial a quer igualmente e está firmemente decidido a empregar todos os meios para attingir o seu fim. Mas o que paralysa a sua boa vontade, o que entrava a sua acção, é precisamente a intervenção violenta da Inglaterra numa questão interna, onde ella não tem o direito de intervir; é o attentado contra a soberania do Imperio, commettido por uma lei ingleza. Já era muito difficil para o governo imperial attender aos interesses dos proprietarios do solo e dos intermediarios commerciaes que julgam a fortuna do paiz empenhada na continuação do trafico. Mas os obstaculos tornam-se grandes e insuperaveis quando uma questão de honra vem se accrescentar a isso e quando se pede ao Brasil, com o pé na garganta, uma reforma que elle deseja fazer voluntariamente.

Estes excessos diminuem a auctoridade do governo imperial sobre os seus agentes administrativos e judicarios e sobre o povo».

No entretanto, as maiores violencias se praticavam em nossas aguas. A nação impacientava-se, sabedora de que a Inglaterra enriquecera com o illicito commercio de escravos, o qual se abolira em 1807, após inauditos esforços de poucos abnegados.

Ainda em 1799 o grande Canning emphaticamente declarava que a Gran-Bretanha tinha o monopolio desse trafico e só em 1838 é que se haviam emancipado os negros das suas colonias. Porque não seria tambem difficil para o Brasil acabar de uma vez só com a nefanda instituição, e logo no Brasil, onde os pretos constituíam uma quarta parte do paiz, sendo os unicos trabalhadores que possuíamos?

Foi, ante a gravidade do problema que o ministerio de 1850, chefiado pelo Marquez de Olinda referendou o decreto promulgado por Eusebio de Queiroz, de perseguição aos asquerosos traficantes.

Até esse tempo o espirito commercial e industrial do paiz girava em torno da importação e venda de africanos. Com a sua extinção apresentavam-se novos horizontes á agricultura, á industria e ao commercio; porquanto, só nos quatro annos que antecederam á lei, recebiamos 243 mil infelizes, ao passo que de 53 a 56 entraram apenas 512, clandestinamente, e desse anno em diante e para sempre nem mais um.

A segunda phase, de 1850 a 1863

A melhor actividade desta epoca se consagra á consolidação da politica interna, á manutenção do equilibrio do Prata, ao surto do cooperativismo, á criação dos bancos, da navegação, das vias ferreas e dos telegraphos electricos, tudo concorrendo para uma centralização cada vez mais crescente.

Desde 1829 que o tyranico Rosas governava o Rio da Prata pelo terror, havendo degollado e fu-

zilhado no espaço de 15 annos mais de 22 mil pessoas!

Sabia-se com certeza que, logo vencessem as suas tropas a resistencia de Montevideo, era sua intenção atacar o Brasil, entre outros pretextos porque nos interessavamos perante a Europa pela completa independencia do Paraguay.

A França e a Inglaterra, impressionadas com os gestos de loucura de Rosas, impuzeram-lhe um bloqueio naval.

Este pouco a pouco foi arrastecendo, até que o Brasil offereceu aos heroicos defensores daquelle praça sitiada o seu apoio integral.

Em Dezembro de 50 o Paraguay adheriu á politica imperial e em Maio de 51 os governos de Entre Rios e Corrientes assignaram connosco um tratado de alliança contra a inqualificavel dictadura de Buenos Ayres.

Emquanto Caxias ameaçou o territorio uruguayo, com vinte mil homens nas suas fronteiras, a esquadra de Grenfell forçou a passagem de Tonelero e em Monte Caseros, Marques de Souza, auxiliado por Urquiza e uma divisão oriental, limpou a nodoa de Ituzaingo e libertou á Argentina de mais nefandos seus bandidos. E Montevideo afinal capitulou.

Todos os espiritos esclarecidos da epoca eram sympathicos ao Brasil, que ardorosamente defendia a autonomia do Paraguay e do Uruguay, e a internacionalização dos rios fronteiricos.

E' notavel o caracter de continuidade das administrações de 53 a 56. Os Marquezes de Olinda, de Caxias e de Paraná, chefes de gabinete prestigiosos, rodearam-se de homens que iam bastar para todas as necessidades do Imperio até quasi a Republica:

Limpo de Abreu, Mauricio Wanderley, Nabuco de Araujo, Silva Paranhos, Couto Ferraz, Pedro Bellegarde.

«E'ra deste circulo, diz Euclides da Cunha, outros, adversarios ou adeptos, mas crescendo no ambiente propicio que se formara: José Antonio Saraiva, Salles Torres Homem, José Maria do Amaral, Teixeira de Freitas, Fernandes da Cunha, Cansanção

de Siuumbú, Justiniano da Rocha, e, sobre todos, se não o afastasse a morte prematura, um gigante intellectual, a nossa mais completa cerebração no seculo, Joaquim Gomes de Souza, o Souzainha, jurista, medico e poeta, leganda-nos sobre o calculo infinitesimal paginas que ainda hoje sobranceiam toda a mathematica».

Honorio Hermeto Carneiro Leão, Marquez do Paraná, é o chefe invicto desta brilhante phalange.

« Na ordem pratica elle refundiu a instrucção pelos novos estatutos dos cursos juridicos e Faculdades medicas, regulamentando o ensino primario e creando o Instituto dos Cegos. Auxiliou o desenvolvimento economico, melhorando a Companhia de Navegação do Amazonas, organizando a Estrada de Ferro dom Pedro II e concedendo a de Santos á Jundiahy, que seria a aorta de toda a existencia economica de S. Paulo.

Firmou a paz exterior, repellindo o erro da intervenção activa no Prata e ligando-se em tratado de commercio com a Argentina. Adheriu dignamente aos principios do Direito maritimo do Congresso de Pariz e completou por fim a lei destructiva do trafico, com a de Wanderley, que prohibia o commercio interprovincial de escravos ».

Suggeriu a reforma hypothecaria e a judiciaria.

« Completou estes actos com um que devia dalli em diante reagir poderosamente sobre toda a politica — a lei eleitoral dos « Circulos », destinada a graphar com um rigorismo de copia a vontade nacional ».

« Mas o que dá ao Marquez do Paraná, accrescenta o estyllista admiravel dos *Serrões*, a linha superior de um estadista é ter comprehendido que na nossa *gens* complexa, sem tradições profundas, e democratica apenas pela carencia de uma selecção historica, a existencia dos partidos era por sua natureza ephemera, adstrictos ao mallogro ou ao successo das necessidades de occasião que representavam ».

« Tinhamos por isso necessidade de alguem que se não deslumbrasse pelo quadro unico da ordem

inaugurada, e pudesse, saudando o sentimento do povo, despertar a pouco e pouco o elemento progressista, que tombara na sangreira das revoltas infelizes ».

« O grande homem demarca um trecho decisivo da nossa historia constitucional ; e centraliza-a.

Enfeixa as energias do passado e desencadeia as do futuro. Separa duas epochas. Foi o ponto culminante do Imperio ».

Foi nesse periodo que começou a apparecer o assombroso talento creador de Irineu Evangelista de Souza, Barão e depois Visconde de Mauá.

« Fundei, dizia Mauá, na sua exposição aos credores em 1875, fundei o estabelecimento metallurgico da Ponta da Areia ; a companhia de rebocadores para a barra do Rio Grande ; a companhia de iluminação a gaz do Rio de Janeiro ; a companhia fluminense de transportes ; o segundo Banco do Brasil que se fundou com o terceiro do mesmo nome, creado pelo Visconde de Itaboraahy, em 53 ; a companhia de Estrada de Ferro de Petropolis ; a companhia Navegação do Amazonas ; a companhia Diques Fluctuantes ; a companhia de cortumes ; a companhia Luz Estearica ; a Montes Aureos Brazilian Gold Mining Company ; a companhia estrada de ferro Santos a Jundiahy ; a Botanical Garden's Rail Road Company ; o Cabo Sumarino ; o abastecimento de agua da capital do Imperio ; a estrada de ferro de Cabo Verde ; a estrada de ferro da Bahia ; a estrada de ferro do Recife a S. Francisco ; a estrada de ferro Pedro II ; a estrada de ferro da Tijuca e o Banco Mauá e Cia. »

« Mauá é o exemplar humano mais admiravel que o Brasil recebeu da Providencia » escreveu o embaixador Alberto de Faria. Elle fez construir em onze annos setenta e dois navios, quasi todos a vapor, e a maior parte aproveitados na guerra do Paraguay.

Elle levantou uma usina de assucar em S. Paulo, chamou da India trezentos trabalhadores e importou os nossos primeiros arados. E ainda essa capacidade phenomenal de trabalho e iniciativa, sobre

socorrer financeiramente a praça de Montevideo em critica occasião, consolidando a politica internacional do Brasil no Rio da Prata, emprestou capitães, segundo Julio Verne — *risum teneatis* — para o famoso empreendimento da « Viagem da Terra á Lua... »

As suas relações com o monarcha, todavia, nunca foram muito perfectas. Eram dois espiritos superiores destinados a não se comprehenderem. Qual se imaginaria o desenvolvimento material do paiz em 89 se tivesse havido entre ambos um entendimento completo? Este incidente typifica a asserção,

« Mauá pedira á Camara, desassombadamente, uma garantia de juros de 6 % sobre o capital de mil e duzentos contos para as obras da linha ferrea na Serra de Petropolis. O Marquez de Paraná, Presidente do Conselho, em pleno fastigio do seu enorme poder, aconselhou-lhe retirasse o projecto: « Tome V. Excia. a responsabilidade de combatel-o, eu não o retiro », foi a replica.

Um deputado era o portavoz contra a garantia de juros. O orçamento não comportava taes encargos, dizia elle. Mauá suspeitou que era inspiração do Imperador e atirou a provocação ao Alto. « Numa terra em que se pagam 84 contos de reis annuaes para ouvir os dós de peito do cantor italiano Tamberlick, regateia-se uma simples garantia de juros de 120 contos para uma estrada de ferro! » O desafio e o remoço eram lançados ao Imperador, que fizera votar essa subvenção annual ás companhias lyricas ».

A acção constructiva de Mauá em materia de estrada de ferro não tem paridade.

Apenas dez annos depois do grande invento de Stephenson, o legislativo brasileiro, a 31 de Outubro de 35, decretava favores a uma ou mais companhias que se propuzessem a construir estradas do Rio á Bahia, ao Rio Grande do Sul e a Minas Geraes.

Os poucos entusiastas da nova applicação do vapor, Silva Paranhos, Muritiba, Itaborahy, Bom Retiro, Borges Monteiro e principalmente Antonio Carlos o Evangelista de Souza, muito se esforçaram por

esse imprescindível melhoramento em tão vasto território.

Em 38 a assembléa provincial de S. Paulo fazia a primeira concessão no paiz a Aguiar, Viuva e Filhos e em 40 e 42 um estrangeiro pertinaz, Thomaz Cockrane, veria realizado o seu sonho de ligar o Rio de Janeiro a S. Paulo, se não fossem os seus direitos postergados. Só em 35 organizava-se a empresa constructora da estrada de ferro dom Pedro II.

Christiano Ottoni, o illustre engenheiro arcava com a responsabilidade de seu primeiro director até a encampação por Paula Souza em 65.

Em 56 publicava-se o decreto auctorisando a incorporação de Santos a Jundiahy, por concessão dada a Monte-Alegre, S. Vicente e Mauá.

«E não foi sem luctas tremendas, commenta a proposito um articulista, acres recriminações e cruéis ironias que os progressistas de então conseguiram seus fins, visando o progresso financeiro e a grandeza do Brasil.

No Senado, alto e bom som, se proferiam phrases como a de Vasconcellos: «E' estrada de ouro e não de ferro; carregará no primeiro dia do mez toda a producção e ficará trinta dias ociosa».

O Marquez de Paraná, respondendo a Teixeira Leite e seus irmãos, dizia: «Cabisse do ceu, promptinha, a estrada que desejam, a renda não seria bastante para o custeio».

E razão teve o conselheiro Cunha Galvão quando escreveu: «Eu não emitto juizo sobre os erros attribuidos a tão distinctos brasileiros; noto, apenas, que os senhores, Paraná, Vasconcellos, São Lourenço e Macedo, sendo formados em direito, é muito natural que errassem, tratando-se de estradas de ferro, que não fazem parte dos cursos juridicos»...

A terceira phase e a Guerra do Paraguay

A eleição de 1860 fez reviver no paiz o espirito de democracia que se estinguira lentamente a partir da maioridade.

Ella repercutiu sobremaneira pelo Brasil, que passou a venerar os nomes de Theophilo Ottoni, Octaviano e Saldanha Marinho.

Em 62 cahiu o gabinete conservador presidido por Caxias. E prestigiados por Zacarias de Goes e Vasconcellos os liberaes reassumiram as redeas do poder.

Na camara de 64 lá estavam, photographa Euclydes «Octaviano, um atheniense dos tropicos, sonhador e poeta; Tavares Bastos, o pensador ironico das «Cartas de um solitario; Pedro Luiz, o lyrico iconoclasta da «Ode a Tiradentes»; José Bonifacio, o moço; o romancista Joaquim Manuel de Macedo; Feitosa, o jornalista vibrante de 48; o barão de Prados, um dos raros scientistas brasileiros do tempo; Martinho Campos, que se tornaria o terror de todas as situações; Urbano Sabino Pessoa e Felipe Lopes Netto, duas figuras vingadoras, dois nomes que recordavam um unico, o de Nunes Machado, Sacrificado 16 annos antes; Liberato Barroso, Christiano Ottoni, Souza Dantas, Silveira Lobo; e, obscuro ainda, um predestinado, Affonso Celso».

Dominando-os, centros attractivos, em torno dos quaes já se descobriam os dois partidos em que se dividiam os espiritos, Theophilo Ottoni e Saraiva. No primeiro abdicou, por amizade e fascinação, Francisco Octaviano de Almeida Rosa, sempre cercado de um bello grupo de talentos. A Saraiva acompanham os velhos conservadores. Eram dessa epoca ainda Porto-Alegre, o heroe de Monte-Caseros: de «El Supremo»; o puro Paula Souza e Limpo de Abreu, o taciturno, com visões da Republica.

E' nesse ambiente grandioso da politica nacional que vemos surgir a guerra do Paraguay.

Ninguém percebe quaes fossem os verdadeiros objectos de Francisco Solano Lopez. Tencionava talvez elle, na sua megalomania, dilatar os dominios da Patria, em desfavor das provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes e dos estados meridionaux do Brasil? Não ha documentos fidedignos que o comprovem.

O que se pode afirmar é que aquella pequenina e heroica nação, acostumada longos annos com o jugo ferreo dos jesuitas e com a hedionda tyrannia de Lopez, idolatrava-o.

Um trecho de jornal de Assumpção melhor define a mentalidade paraguaya da epoca :

« Alexandre, Cesar, Constantino, Frederico - Guilherme e Napoleão, foram athletas que, com as azas do genio puderam erguer-se acima de todos os campeões de Marte; todos conquistaram a immortalidade; mas qual dentre elles poude dominar o espaço e a immensidade como o Marechal Lopez? »

Consultae as epocas, consultae os seculos, consultae as luzes e os elementos, consultae os accidentes, as circumstancias e os meios, e vereis que o Marechal Lopez é o Genio dos Genios! »

Outro jornalista confiava em que « se coubesse aos povos orgulhar-se da sanha e dos crimes dos seus tyrannos, por certo que nos não privariam de levantar bem alto a cabeça entre as nações! »

Quarenta mil brasileiros tinham nesse tempo residencia fixa no Uruguay. Os nossos interesses, portanto, nessa região eram indiscutiveis.

O governo imperial resolveu enviar para lá em missão especial ao conselheiro Saraiva,

Este partiu para Buenos Ayres e habilmente entrou em accordo com Bartholomeu Mitra. O almirante Tamandaré, porem, não soube conter-se e tomou posições decisivas deante do Uruguay.

« Não era impossivel, alvitrou o proprio e insuspeitavel Joaquim Nabuco, que elle acreditasse estar-se conformando ao pensamento do Imperador, para quem em 64 parecia ter chegado, como para Lopez, a hora da guerra ».

Essa conjunctura sobre as idéas intimas do soberano « é tirada da sua attitude publica ».

« A um ultimatum de Saraiva seguir-se-ão como successos capitaes, as represalias, a junção do almirante Tamandaré e do general Menna Barreto, com as tropas do general Flores, o bombardeamento, assalto e tomada de Paysandú e o bloqueio e assedio

de Montevideo, que Paranhos salva de um ataque á mão armada, mediante a entrega do poder ao chefe da revolução oriental a 20 de Fevereiro de 65 ».

Já em Junho de 64 Lopez offerecera a sua mediação ao governo do Brasil para derimir o conflicto produzido pela lucta dos *blancos* e *colorados* no Uruguay; em Agosto e Setembro do mesmo anno protestou contra os passos de Tamandaré e Flores; e, declinada a mediação e posto de parte o protesto, apoderou-se em Novembro do vapor « Marquez de Olinda », a cujo bordo seguia o presidente de Matto-Grosso.

Um mez depois invadiu esta provincia, « levando suas tropas as mesmas ordens de saque e destruição, a mesma antecipação de rapina e lascivia com que mais tarde hão de atravessar o Uruguay.

Não era uma guerra civilizada que nos tomava de surpresa, era como que uma invasão de barbaros, o tropel de uma horda de hunos, de repente lançados sobre nossas populações indefesas ».

Felizmente para o Brasil a entrega de Montevideo ao General Flores fazia naturalmente do Estado Oriental um nosso alliado, em vez de inimigo. Na victoria desse caudilho viu Lopez o empenho do governo argentino e «subitamente voltou-se para Buenos-Ayres, com a mesma violencia com que antes se voltara contra o Brasil ».

O General Robles occupou a cidade de Corrientes, e assim « estava invadido o territorio argentino, sem que para isso o Paraguay pudesse allegar um pretexto ».

Assignou-se o tratado da Triplice Alliança e os principios internacionaes ahí convençionados, « como sejam a independencia, a integridade e a soberania do Paraguay, a navegação dos rios e outros semelhantes, estão ajustados entre os alliados, e são para elles inviolaveis e independentes de outros tratados ».

Lopez commetteu, por conseguinte, logo no principio, erros irreparaveis.

Completoou-os com a invasão do Rio Grande do Sul, e que o afastou da base de operações e do gros-

so do seu exercito aguerrido de oitenta mil homens.

Não descrevamos essa epopéa de cinco annos, na qual perdemos para mais de cincoenta mil patri-cios validos.

Cada nome nessa rude campanha militar é um mundo de bravuras e sacrificios, em defesa das res-pectivas bandeiras combatentes.

Para a minuscua republica que nos aggride, a guerra significa a resistencia, e abnegação, a loucura, o suicidio de um punhado de heroes: era com labaredas humanas que se fazia o deserto deante das armas dos tres inimigos eventuaes.

O paraguayo, no seu fanatismo pelo dictador, elevou a idéa da Patria ao extremo limite ideal do grandioso. Por elle viveu e por elle morreu e por isso confundiu com elle a propria nacionalidade e por esta se deu no mais sublime dos holocaustos!

Para nós a peleja relembra nomes impereciveis: Riachuelo, Passo da Patria, Itapirú, Estero-Bellaco, Curuzú, o revez de Curupaity, Juyuty, Humaytá, Ito-roró, Lomas Valentinas, Avahy, Angostura, Piribe-buhy, Assumpção, Aquidaban, Cerro-Corá...

E nos evoca as figuras suggestivas de Barroso, Inhaúna, Argollo, Delfim Carlos, Camara, Camerino, Polydoro, Gurjão, Portinho, Victorino, Bittencourt, Conde d'Eu, Porto-Alegre, Itaparica, Marcilio Dias, Menna Barreto, Andrade... e tantos mais, « guarda de honra » na Historia do Brasil do incomparavel « par homérico » de Osorio e Caxias, consoante a expressão de Sylvio Romero.

A victoria devemos-a tambem, em não menor porção ao ministerio Zacarias, graças aos recursos enviados aos campos de batalha, após tenazes esforços, pelos abnegados Angelo Ferraz e Afonso Celso.

Uma occasião levaram ao Imperador propostas de accordo com o inimigo.

Exaltando-se, o monarcha exclamou: « Nunca! nós não provocamos a guerra, não proporemos a paz! »

Se o sacrificio é enorme, maior seria a humilhação. Agora, é irmos até o fim!

Eu partirei de novo para a guerra, se se tornar precisa a minha presença lá. Trocarei o throno por uma tenda de campanha. E quero ver se ha algum brasileiro que não me acompanhe!

E vencido e aniquilado o Paraguay, o que se viu foi Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, « receber o singular e pesado encargo de couservar a existencia politica daquelle paiz, indispensavel para a segurança do Brasil, de formar um Governo Provisorio paraguay, e de crear, elle, um estadista de uma monarchia, toda a machina de um governo republicano ». (Ed. Prado, na Revista Moderna).

A quarta e a quinta phase, de 71 a 87

A liquidação diplomatica da Alliança, a emancipação gradual, o começo da democratização do regimen, a eleição directa, a agitação abolicionista, a importancia cada vez maior do Sul pelo rapido progresso de S. Paulo, o desaparecimento dos antigos estadistas, sobreviventes ainda alguns do primeiro Imperio, os novos moldes, os novos processos e as novas ambições, e a idéa republicana em progresso, preenchem estas duas quadras impropriamente apreciadas como inexpressivas, de 71 a 78 e de 78 a 87.

Em 1849, discursando, affirmá Wanderley de Pinho, « quando se debatia a abolição do commercio negreiro, o Imperador declarava a seus ministros, com aquella sua decisão abnegada: « prefiro perder a corôa a soffrer a continuação do trafico ».

« Em 1870, em conferencia com o gabinete, quando se disse que a questão da emancipação era semelhante á pedra que rolava da montanha e que não a devíamos precipitar porque seríamos esmagados, sua magestade respondeu que « não duvidava expôr-se á queda da pedra ainda que fosse esmagado ».

« Elle permittiu ou acoroçoou seu genro o Conde d'Eu a, em uma carta memoravel, pedir, o que valia obter, a abolição da escravatura no Paraguay,

allegando: « Se lhes concederdes a liberdade que pedem, rompereis somente com uma instituição que foi infelizmente legada a varios povos livres da America, por varios seculos de despotismo e deploravel ignorancia ».

Dom Pedro II queria sempre evitar a reproducção no Brasil da tremenda guerra civil, que se desencadeára nos Estados Unidos, e constantemente repetia: « E' preciso preparar esta reforma com prudencia ».

« A verdade; acrescenta Joaquim Nabuco, é que tanto a abolição do trafico, como a liberdade dos nascituros, foi o resultado da acção perseverante e paciente do Imperador, vencendo resistencias naturaes, sociaes e politicas, até encontrar, no momento opportuno, o homem para realizar a idéa pela qual elle então sacrificaria o throno ».

« E' elle quem traça o roteiro da emancipação, servindo-se ora de um, ora de outro partido, captando, para a idéa que tem a peito, o ardor dos que lhe podem servir de apóstolo, como a tolerancia, e depois o concurso dos que, por um primeiro movimento, a regeitam; é elle quem emprega primeiro os Liberaes e depois os Conservadores; quem anima, quem não vê difficuldades, quem se não deixa aterrar, nem demover; por último, mas acima de tudo, é elle só o relem; é *seu* o maior interesse que está em causa: o throno, que elle expõe, sem medo, nesse grande pleito de humanidade ».

No entretanto fôra o proprio auctor de « minha formação » que, antes condemnára o « indifferentismo do Imperador pela escravidão ». « Elle perdeu de vista o ideal de uma nação livre ». É « passou quarenta e cinco annos sem pronunciar sequer do throno uma palavra em que a Historia pudesse ver uma condemnação formal da escravidão pela monarchia, um sacrificio da dynastia pela liberdade, um appello do monarcha ao povo a favor dos escravos ».

E mais tarde, Ruy Barbosa injectivaria, em phrases como estas: « Não escasseariam a corça meios de servir á abolição, sem sahir da legalidade ».

«O throno parece insensivel ás anciedades do paiz».

«O throno atrazou, quanto lhe coube nas forças, o advento da redempção».

Joaquim Nabuco suppõe que os cinco projectos de emancipação dos nascituros elaborados em 66 por Pimenta Bueno, Marquez de S. Vicente, o Grande Juizista caipira de S. Paulo e cognominado o «redactor imperial», e que se hajam posteriormente fundido na lei de ventre livre, tenham sido suggestão do Imperador, pois «não se sabia, antes disso, de nenhum impulso abolicionista» do eminente titular.

«Nem se pode explicar como de repente, sem nenhuma circumstancia conhecida, que o convertesse ás idéas nesse tempo, apenas de Jequitinhonha, Silveira da Motta, Perdigão Malheiro, Tavares Bastos e poucos mais entre os homens conhecidos do paiz, Pimenta Bueno podia apparecer em S. Christovam sobraçando esses cinco projectos, ao passo que para explicar o movimento do Imperador ha um motivo sufficiente: o seu contacto com Mitre e Flores em Uruguayana, o seu vexame de sentir que a escravidão era o labéo que o Paraguay atirava ao nosso exercito, a inferioridade que descobriam em nós os nossos proprios alliados».

A opposição do Marquez de Olinda «a quem o cargo do ultimo regente, na synthese de Euclydes, dera quasi a magestade de um rei», ao objectivo constante desses papéis, impediria que dessa materia se não cogitasse mais nos altos círculos do Conselho do Estado, até o fim da guerra interminavel do Sul, se a Junta Franceza de Emancipação, num documento assignado por Guizot, Cochis, Laboulaye, Montalembert, e o Principe e o Duque de Broglie, Henri Martin, etc., não se lembrasse de dirigir uma petição em favor dos desgraçados, ao Imperador em pessoa.

Pela mão de Martin Francisco dom Pedro II respondeu: «A emancipação dos escravos, consequencia necessaria da abolição do trafico, não é mais do que uma questão de forma e de oportunidade».

É o Conselheiro Nabuco de Araujo, que de 68 a 71 é quem está á testa da propaganda, pela «Reforma», transmittendo á Nação essa e outras missivas das sociedades estrangeiras.

«Essa carta terá de torna-viagem, conclue o primoroso escriptor pernambucano, o effeito de um raio cahindo do céu sem nuvens. Ninguem esperava tal pronunciamto. Tocar assim na escravidão pareceu a muitos, na perturbação do momento, uma especie de sacrilegio historico, de loucura dynastica, de suicidio nacional.

Estava-se tão imbuido da perpetuidade da escravidão que a duvida a respeito da sua duração equivalia, para todos os interesses sociaes, á antecipação de um novo Anno Mil.

O panico, porem, foi curto: o bom senso, e, em parte, a inercia habitual da communhão restabeleceu logo o equilibrio; a propriedade territorial reconhece a anomalia da instituição, a necessidade de limitá-la no tempo; e cinco annos depois, a reforma, que nascera entre o estrondo de preconceitos e costumes immemoriaes que se desaggregavam, passará sem abalo de especie alguma pelos votos dos proprios proprietarios—e ausente o Imperador».

Verdade era que o soberano encorajava o resgate dos escravos, conferindo honrarias e recompensas; suadava em 66 os beneditinos que davam a carta de alforria a mil e seiscentos negros; favorecia a libertação de mais seis mil que combatiam nos campos e nos charcos do Paraguay; educava nos dominios imperiaes, em Santa Cruz, os filhos dos que se partiam, amparando-lhes as mães e as mulheres; e do seu bolso retirava a somma respeitavel de cem contos de reis para esse nobre desideratum.

«Já não se acha a medida monstruosa», diria Jequitinhonha, em sessão do Conselho de Estado.

«O papel do Imperador na desenvolução da questão abolicionista, julga Aureliano Candido Tavares Bastos, foi de um liberalismo moderado, mas continuo, de um optimismo calculado, de modo a conceder satisfação ás exigencias da civilização e

ao mesmo tempo a não prejudicar o princípio monarchico junto aos partidos.

Dado o seu character e considerados os seus principios, não podia sua aspiração pessoal deixar de varios actos inequívocos e por isso favoreceu elle quanto cabia em seu poder os progressos da idéa; progressos aliás constantes, pois que no Brasil era muito diminuto o numero, se é que os havia após certo tempo, daquelle que, segundo acontecia em todo o sul dos Estados Unidos, consideravam a escravidão como uma instituição devendo ser perpetuamente mantida.

A lei de 28 de Setembro de 1871 fôra promulgada apesar da opposição ingloria de Paulino de Souza, Duque Estrada, Itaborahy, Perdigão Malheiro, Muritiba, Zacarias, Ferreira Vianna, José de Alencar e Andrade Figueira.

E o Visconde do Rio Branco que a decretaria, antes um diplomata do que um politico, iria permanecer pelo espaço de quatro annos como Presidente do Conselho de Ministros.

O intrepido engenheiro, resume Euclides da Cunha, esculcou a fundo a dictadura espiritual que se esboçava, reprimindo severamente, até o extremo da prisão, os dois bispos de Olinda e do Pará—e para a empreza perigosa que ia divorciar a causa monarchica da igreja, o partido republicano armou-o com o montante formidavel de Ganganelli. Dissolveu a Camara retrograda; refundiu a instrucção publica, profissional e superior, e fundou a de Minas.

Iniciou o levantamento da nossa carta itineraria e geologica, realizou a primeira estatistica geral do Brasil; attendeu ás indicações de todos os competentes, como André Rebouças, e as linhas ferreas, que eram em 71 de 732 kilometros subiram a 1500 em 75, além de 8180 em construcção e estudos e 1700 concedidos. Vincularam-se as provincias pelo telegrapho submarino costeiro e as linhas telegraphicas terrestres passavam de 2081 kilometros em 71 a 9281 em 75. Lançou-se o primeiro cabo submarino. Subiu a media da immigração a 30500 pessoas por anno.

Por fim o commercio internacional, as rendas geraes e o cambio elevavam-se vertiginosamente.

Em 79 o senador Jaguaribe e depois d'elle Joaquim Serra, Gusmão Lobo, José do Patrocínio, Vicente de Souza, André Rebouças, Ferreira de Menezes e a Sociedade Brasileira contra a Escravatura, procuram fixar uma data para a abolição integral. Em 84 ficam livres todos os negros maiores de 60 annos, creando-se impostos para um fundo de encorajamento á immigração. Nesse mesmo anno o Ceará e em seguida o Amazonas proclamam a perfeita igualdade dos seus filhos, sem distincção de raças, e Victor Hugo, que não cessa de acompanhar a radiosa evolução, exclama, numa apothese:

«A barbaria recua e a civilização avança».

Em 75, incompreensivelmente hesitante, a fala do throno diria que «essa questão, que se prende aos mais altos interesses do Brasil, exige uma solução que tranquilize a lavoura», mas em 87, é Antonio Prado, o representante auctorizado de uma grande familia e de uma classe numerosa de cultivadores do sólo, quem responde a essa dubiedade, declarando-se abertamente abolicionista.

No municipio de Campos, os escravos abandonam as fazendas em massa.

A propaganda abala toda a vida do paiz. Só em Minas, no Estado do Rio e em parte de S. Paulo, é que a resistencia ainda se manifesta formidável.

Mas era tal a força de persuasão da Campanha que, de um milhão e setecentos mil infelizes que se contavam em 71, só restavam, dezeseite annos depois, seiscentos mil. E' que o 13 de Maio era inevitavel.

Na sua carta-programma de 68 o Conselheiro Saraiva opinava perante os seus concidadãos que «o falseamento do voto é a origem do excessivo poder do Imperador do Brasil e esse excesso de poder é fatal á monarchia».

«Uma Camara legitimamente eleita dará fim a essa dictadura tão funesta ao rei como ao povo, e

estabelecerá o equilibrio entre os diversos poderes constitucionaes.

«Este unico remedio basta para curar muitos males que parecem derivados de fontes extranhas».

E o manifesto do Partido Liberal, redigido nessa epoca por Nabuco de Araujo, termina com o dilemma: ou a reforma ou a revolução!

Pela reforma entendia-se a policitaria e a eleitoral e a extincção da escravatura e do recrutamento.

Até então a corôa estava a salvo de qualquer objurgatoria.

Dahi por diante, desde mais ou menos a demissão de Caxias do commando em chefe do exercito alliado, o Imperador ouvirá cada vez mais um vocabulo que antes não conhecera, e que agora anda em todas as bocas—o imperialismo..

E, aliás, o proprio dom Pedro II quem se faz eco dos defeitos do nosso systema de representação popular, quando, em 70, affirma ao Marquez de S. Vicente, que «as eleições, como ellas se fazem no Brasil, são a origem de todos os nossos males politicos», ou no seguinte documento, por suas mãos soberanas, redigido para uso do Presidente do Conselho: «Não temos administração devidamente organizada, e os Presidentes servem, principalmente, para vencer eleições».

Em carta ao Visconde do Rio Branco e datada em Abril de 73 sua magestade accentua: «Confesso-lhe que cada vez mais me entristeço com o que tem sido, e serão, ainda por muito tempo, as eleições entre nós, adoptem-se as medidas que se adoptarem, se não se corrigirem os costumes politicos».

No Parlamento as suas figuras mais notaveis repisam o mesmo thema predilecto.

Souza Carvalho e Tito Franco declaram textualmente que a causa unica da decadencia do paiz está «no polichinelo eleitoral dansando segundo as phantasias dos ministerios nomeados pelo imperador», enquanto Alencar, d. Manoel Mascarenhas,

Silveira Lobo, Saraiva e Sayão Lobato, acerbamente discutem os actos administrativos.

Francisco Octaviano atira como um petardo a celebre phrase: «O Imperio Constitucional é a ultima homenagem que a hypocrisia rendia ao século».

Tavares Bastos e José Maria do Amaral viram-se para a Republica, enquanto Limpo de Abreu e Rangel Pestana a ella adherem sem rodeios.

Nabuno de Araujo, Duarte de Azevedo, João Mendes e Antonio Prado mostram o seu desamor pelo throno, e em 76, Ouro Preto verbera «os caprichos reaes que se traduzem em ajardinamentos e cascatas e nas dispendiosas reconstrucções de palacios onde se aloja o cupim».

«Parece lóca de duvida, nota o elegante auctor de *Balmaceda*, por tudo quanto se sabe, que o Imperador gostava de que atacassem os ministros nos erros que commettiam.

Pode-se dizer que a critica da opposição era o seu respiradoiro, que o alliviava do mutismo a que a Constituição o condemnava e que não era compensado pela acção sem responsabilidade e inconfessa que elle exercia».

«Ao mesmo tempo, aviva o escriptor da *Independencia á Republica*, o povo tomava um lugar na representação nacional. Ouviu-se dentro da Camara dos Deputados uma palavra extranha com a tonalidade imponente dessas vozes propheticas que annunciam a ruina dos imperios. Não era a dialectica vibratil de Zacarias, a argumentação fria, sulcada de subitos lampejos de genio, de Nabuco, a fluencia cantante de José Bonifacio, ou o periodo artistico e sonoro de Salles Torres Homem, a que se havia afeiçoado o nosso Parlamento.

Mas uma eloquencia quasi selvagem na sua esplendida rudeza, na energia nunca vista com que reivindicava os direitos populares, e nas suas rebeldias da forma, e nas suas grandes temeridades de conceitos...

Silveira Martins desdobrava, improvisamente,

—passando fugaz, num fulgor instantaneo e desaparecendo—a sua estatura athletica de Danton».

A reforma eleitoral faz-se por fim em 81 com Saraiva no poder. E a penna implacavel de Suetonio commenta:

«A primeira prova foi boa; mas logo após foi deturpada e as violencias anteriores repetiram-se».

Com esta mesma lei laría Ouro Preto uma Camara unanime, «impondo ás provincias representantés que ellas nêem siquer cosheciam de vista»...

«Foram sem conta e ficaram depois mortos na sombra onde viveram os condes que haviam subido a todas as alturas, á custa do sangue do negro, os presidentes de provincia e os Senadores analphabetos, os chefes políticos acatados que encurralavam os eleitores como gado e faziam eleições dentro das igrejas, a pau e a garrucha»...

Não era sem razão que no Senado passaram uma vida inteira... legislando alguns privilegiados da fortuna.

Lá estiveram o Barão de Souza Queiroz, 41 annos ininterruptos, o Visconde de Suassuna, o Marquez de Muritiba, Silveira da Motta, o Visconde de Sinimbu e o Barão de Maroim, por espaço de tempo, que variou de 28 a 40 annos !...

Nem valem como paradigmas de eleições não viciadas, como apregoam os que a todo transe appellam para o passado regimen, aquelles em que foram derrotados ministros em evidencia, como Pedro Luiz, Homem de Mello, Paulo Fleury e Nascimento Portella.

A abolição subita e o advento da Republica

Na sua autobiographia o Conselheiro Christiano Ottoni estuda as quatro causas principaes, que, a seu ver, determinaram e precipitaram a mudança da forma de governo, realizada a 15 de Novembro de 89. Como taes se catalogam: 1.º, a abolição da escravidão domestica; 2.º, a evolução natural da idéa democratica; 3.º, as queixas e o descontentamento da

officialidade do exercito; 4.º, o descredito que a politica imperial lançou sobre a instituição monarchica».

Segundo dados estatisticos da ultima decada do Imperio facil era conseguir-se a libertação dos escravos em dezeseis provincias mas já obstaculos sem conta se oppunham a essa medida nas quatro maiores, onde se concentravam os mais ricos productores de café e de assucar.

E o mais moderno e comprehensivel dos nossos sociologos e pensadores, o erudito sr. Oliveira Vianna, superiormente considera:

« Os nossos grandes proprietarios do interior, os senhores de vastos engenhos, os nossos ricos e poderosos *landlords*; « esses brilhantes caudilhos locais é que são, até 88, com o seu vivissimo instincto partidario, os chefes reaes de nosso povo,

Elles é que levam, durante toda a phase monarchica, até a bocca das urnas, as nossas apathicas populações ruraes. Elles é que as mobilizam, e as instigam, e as aguilhoam, tangendo-as vigorosamente até alli. Elles é que as convocam, é que as reuñem, é que as arregimentam nessas innumeraveis facções militantes, que cobrem por inteiro o paiz e cuja combatividade é uma das maiores curiosidades do velho regimen.

Elles é que nos explicam, afinal, numa terra, como a nossa, de absenteistas natos, a maravilha dessa extraordinaria vitalidade eleitoral, que assignala e distingue a historia dos dois imperios ».

E noutro estudo:

O longo periodo do Imperio « é um remanso adoravel e ameno, onde domina uma aristocracia rural, magestosa na sua grandeza moral e soberbamente assentada sobre bases economicas de perfeita estabilidade: o criatorio, a canna de assucar e o café ».

« Os elementos do escol social, os politicos em evidencia, os estadistas, como todos os que querem possuir um pouco de auctoridade social, procuram o ponto de apoio de um dominio rural; de modo que na vida publica e privada agem com o decoro, a independencia e a hombridade, que só podem ter

aquelles cujo problema de subsistencia está resolyido de uma maneira estavel e cabal ».

« Essa aristocracia rural é que fornece todos os elementos dirigentes da politica no periodo imperial.

Os cargos da administração local, nos municipios e nas provincias, são preenchidos por ella. Della saem a nobreza do Imperio e os chefes politicos, que fixam e arregimentam, nos municipios e nas provincias, os elementos eleitoraes e os partidarios locais.

Della, a juventude que afflue para as academias superiores do norte e do sul, em Recife, na Bahia, em S. Paulo, no Rio, e dahi para o campo das profissões liberaes e para as altas espheras da vida parlamentar e politica do paiz ».

« Contribue para isso poderosamente o advento de uma cultura, que vae ser, no IV seculo, o principal fundamento dessa aristocracia rural. E' o café ».

« O latifundio cafeeiro, como o latifundio assucareiro, tem uma organização complexa e exige capitães enormes; pede tambem uma administração habil, prudente e energica. E', como o engenho de assucar, um rigoroso seleccionador de capacidades.

Só prosperam, com effeito, na cultura dos cafeezaes, as naturezas solidamente dotadas de aptidões organizadoras, afeitas á direcção de grandes massas operarias e á concepção dos grandes planos de conjuncto.

O typo social della emergente é, por isso, um typo social superior, tanto no ponto de vista das suas aptidões para a vida privada, como no ponto de vista das suas aptidões para a vida publica. Dahi formar-se, nas regiões onde essa cultura se faz a base fundamental da actividade economica, uma raça de homens magnificamente providos de talentos politicos e capacidades administrativas.

Com estes homens e com os que lho fornecem os latifundios assucareiros, distribuidos pela larga faixa agricola da costa, é que o Imperio realiza e perfaz a sua grande e admiravel obra de unificação, organização e legalização do paiz ».

É dessa classe única de estadistas que emerge a figura romana de Antonio Prado. É elle, afinal, quem, pela sua evolução agrícola, ne entender de Cotegeipe, « deu o golpe de morte na escravidão, com a assembléa dos fazendeiros paulistas e a proclamação do principio de que a força publica não podia capturar escravos fugidos, nem as auctoridades deviam prestar apoio aos proprietarios ».

Já antes a causa ingrata recebera um golpe fúndido com a prohibição dos açotes.

Depois a matricula dos infelizes não alcançara o total imaginado de um milhão, accusando em 87 somente a cifra de 723 mil. Alem disso o movimento grandioso da opinião que, capitaneada especialmente por Antonio Bento, Patrocínio e Joaquim Nabuco, « não parava, nem retrocedia, nem precipitava », consoante o conselheiro Dantas. Por ultimo a attitude firme do exercito, negando-se ao papel infame de prender os miseraveis que se libertavam por suas proprias mãos, acoutando-se na Serra do Cubatão e no Jabaquara, a cavalleiro da cidade de Santos, a « Chanzan dos captivos ».

Alem do mais, accressenta o mesmo Ottoni « a promettida indemnização, especulação como outras para assalto ao Poder, morreu com os velhos e estragados politicos monarchicos, entre os quaes manobrava a astúcia de dom Pedro II ».

No mesmo anno em que buscavam terras do Brasil, vindos de todas as outras plagas, 131 mil immigrants, proclamava a lei aurea, sendo Presidente do Conselho João Alfredo Correia de Oliveira.

O Imperador estava ausente na Europa e contam que ao chegar dissera, pouco depois de abraçar em primeiro logar, com emoção, o preto Raphael, seu companheiro de todas as horas, que « se estivesse aqui talvez não se tivesse feito o que se fez ».

E Ruy Barbosa conclue:

« A lei de 13 de Maio constitue um tropheo revolucionario, trophéo em que não ha sangue, porque foi arrancado ás inconsciencias da politica imperial, desarmada pelo rebeldia incruenta dos escravos,

com apoio da opinião publica e do exército brasileiro.

Escreveu mais longe na sua autobiographia citada, o conselheiro Ottoni.

«Os officiaes que escaparam ás balas e á peste, muito soffreram naquella campanha rigorosissima do Paraguay; mas destes, os que não vieram invalidos tiveram nobres compensações: a gloria militar, a satisfação do dever cumprido, o melhoramento de sua instrução technica; colheram tambem vantagens materiaes: alem dos postos conquistados no campo a ponta de espada, a morte abria incessantemente vagas e as promoções eram rapidas.

O soldo era-lhes pago em ouro, o que lhes poupava as perdas resultantes da depreciação da moeda corrente.

Em uma longa paz de trinta annos, volveram os militares ao estado anterior, aos soldos orçamentarios e lentas promoções. Daqui o descontentamento e a desconfiança contra as outras classes da sociedade que começaram a considerar como adversarios e pouco a pouco foi calando nos animos da officialidade este pensamento infeliz: os homens publicos do Brasil são inimigos dos militares».

Esta foi tambem a versão attribuida por Deodoro, em conversa com o Visconde de Ouro Preto, e em grande parte inspirada pela ogeriza que o exército votava ao Ministerio Cotegipe.

Em 84 houvera um acto de grave indisciplina, por parte do tenente coronel Madureira, por occasião do desembarque do abolicionista cearense, o jangadeiro Nascimento.

Entre 85 e 86 uma verificação de extrayios de fardamentos para uma guarnição do Piahy, provocou do coronel Cunha Mattos ainda uma infracção maior das leis militares.

O general Camara, Visconde de Pelotas, e talvez o chefe mais acatado da classe aggravou a questão, quando, em pleno Senado, discutia com um outro representante da Nação.

Mais tarde Deodoro consentiu que os officiaes

se reunissem para discutir as decisões ministeriaes e o gabinete, sob o pretexto de uma guerra imminente com a Belívia, transferiu o velho servidor da Patria para os confins de Matto Grosso.

Em 87, na presença de todos os ministros, o tenente coronel Benjamin Constant tornou-se o porta voz das geraes reclamações dos seus camaradas, sustentando o direito que lhes competia de reclamar justiça com as armas nas mãos.

Elle era um raro exemplar de evangelizador.

«Da Escola Militar,—quem escreve é o Senador Lauro Sodré—, saiam os que ardorosos e entusiastas iam por toda a parte, fazendo o pregão da idé scientifica e philosophica e dos novos credos politicos».

«Esse grande espirito apparecia, aos olhos dos seus discipulos dedicados e fieis seguidores, como um inspirado, grangeando adhesões, conquistando proselytos, semeando idéas, para que as levasse; como outros tantos apóstolos, obedientes á palavra do Mestre, a que em seu derredor se agruparam para ouvi-lo».

Mas se Benjamin era o cerebro possante, Deodoro era o braço valoroso do exercito.

Quando mais accesa ia a questão militar, o marechal dirigia-se duas vezes por escripto ao Imperador, chamando a sua attenção para as clamorosas perseguições dos seus ministros.

Uma das cartas, datada em 12 de Fevereiro de 87, cuja recepção nem mesmo se accusára, assim rezava:

«Senhor, eis-me ainda e sempre com o mais profundo amor e respeito ante o throno de Vossa Magestade Imperial, deprecando, por mim e pelos meus companheiros de armas, a justiça que vos falta... A causa é muito seria, senhor, e somente quem por um lado não tiver a intuição do brio e do pundonor militar, e por outro lado não cogitar das consequencias a advir, pode encarar, descuidado, a tormenta que se annuncia...

Eu, nascido e criado como todos os de minha

família, no mais acrycolado devotamento ao Imperador, de quem me prezo de ser fiel, franco e leal. Senhor, vosso ministro vos traiçoa, pelo menos nesta causa».

As advertências de Pelotas e Deodoro não se tomaram em consideração e Ruy Barbosa, clarividente, lançou então com estrondo a sua espada no tablado dos opprimidos, que era a columna de honra do «Diario de Noticias»: «Com o instincto desta missão nacional, com a consciencia deste papel patriotico, o exercito não pode, e certamente não ha de subscrever a sua propria extincção, e muito menos o aniquilamento pela deshonra, pela calumnia, pela illegalidade, pela proscripção, essa especie de morte moral, a que parece quererem condemnal-o antes de dissolvê-lo».

E o Imperador, doente, mal aconselhado ou viajando, permanecia imperturbavel...

A tempestade, porem, que se desanviára sem perigos ha dezenove annos, prenunciava-se, desta vez, celere e ameaçadora...

A aspiração republicana, que prematuramente se manifestára antes e depois da Independencia, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul, de novo surgiu, quasi de repente, com o manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

Assignavam-no Saldanha-Marinho, Flavio Farnese, Lafayette Pereira, Salvador de Mendonça, Christiano Ottoni, Aristides Lobo, Quintina Bocayiva e outros precursores, alguns bem cedo arrependidos...

A Convenção de Ytú, faz brotar em 74 o Partido Republicano Paulista, um dos mais fortes baluartes da nova idéa.

Esta entra em activa propaganda, embora com periodos de pleno esmorecimento.

Primeiro é Saldanha Marinho quem funda um jornal.

Depois a palavra vibrante de Lopes Trovão, José do Patrocinio, Vicente de Souza.

No «Club Tiradentes» Sampaio Ferraz empolga

os que o escutam. Mais tarde na «Gazeta do Norte», Lopes Trovão; no «Jornal da Noite», Julio do Carmo, Favilla Nunes, Aristides Lobo e Ubaldino do Amaral; no «Correio do Povo», Sampaio Ferraz e Alfredo Madureira; e em 85 o «Diario de Noticias» e o seu oraculo Ruy Barbosa, que recusára a pasta do Imperio, apaixonam todos os espiritos.

A cada um dos tres principaes theatros da propaganda correspondia uma mentalidade e um temperamento especiaes.

«Ao sul, historia um jornalista de hoje, a escola gaúcha com Julio de Castilhos a pontificar com a «Politica Positiva» e com o Cathecismo de Comto.

Eram os constructivos por excellencia, os homens de opiniões systematizadas.

Mais ao norte, a grey paulista, mais apurada, mais liberal, talvez mais federalista ainda do que republicana, centralizada pela pleiade de grandes homens que estavam destinados a ser os maiores estadistas da Republica: Cerqueira Cesar, Campos Salles, Glycerio, Bernardino de Campos, Rangel Pestana, Paula Souza, Prudente de Moraes, Tibiriçá, para não lalar no venerando Americo Brasiliense que fugiu espavorido deante das responsabilidades da facíl victoria de 15 de Nobembro.

A terceira igreja da democracia tinha os arraiaes no Rio de Janeiro. Nella era maioral um mineiro, Aristides da Silveira Lobo, figura que impressionou os seus contemporaneos pela cultura e pela austeridade da sua virtude civica, resistindo com estoicismo na sua pobreza aos cantos seductores do grande corruptor imperial.

O resto da confraria republicana carioca foi sempre encarado com desdem, senão com suspeita, pelos dirigentes do partido republicano».

Eram os fazedores de comicios barulhentos, os que arrostavam na praça publica as laminas afiadas das navalhas...

«As figuras representativas desses demolidores abnegados chamavam-se Silva Jardim e Lopes Trovão.

Dos dois Lopes Trovão era o mais popular, o

menos politico, o menos culto. A propaganda de Silva Jardim, (como aliás a de Assis Brasil), obedecia a uma orientação doutrinaria definida e a um certo numero de idéas constructivas.

Acompanhando *pari-passu*, senão insuflando-o, o descontentamento militar generalizado, os republicanos por intermedio de Quintino Bocayúva, procuraram attrahil-os para o seu gremio e o conseguiram, pois, foi o proprio General Camara que affirmára ser uma quinta parte do exército decididamente pela Republica, a restante não lhe sendo hostil, ao tempo da proclamação.

O throno estava, portanto, nos seus ultimos dias, abalado nos seus fundamentos. De nada valera a declaração de Ouro Preto a 7 de Junho de 89 de que se havia dirigido ao Imperador, certo de que «teria Sua Magestade seguramente notado que em algumas provincias se agitava uma propaganda activa, cujos intuitos eram a mudança da forma de governo».

Depois... Não fica mal a legenda sob a égide da Historia. Falle a penna alegre de Viriato Correia:

«Espantaram-se, de subito, os cavallos. O carro imperial parou.

Pedro II poz a cabeça fóra da janella a interrogar o cocheiro:

—Que foi?

—A corda que cahiu.

—Que corda?

—A da fachada da Camara Municipal. Veiu espantifar-se ás patas dos cavallos.

O Imperador voltou para a Imperatriz os olhos apprehensivos.

Estavam no campo de Sant'Anna.

Eram as 9 horas da noite de 9 de Novembro de 89.

Suas Magestades iam ao baile da Ilha Fiscal, que o governo offerencia aos officiaes chilenos do «Almirante Cockrane».

—Segue! ordenou dom Pedro ao cocheiro».

O discurso de Benjamin, dezoito dias atraz na Escala Militar da Praia Vermelha; a resposta do

alferes alumno Tasso Fragoso; a ausencia da officialidade da segunda brigada na missa que a familia imperial mandou celebrar por alma de dom Luiz 1.^o de Portugal: o que lhe diziam, que o major Solon, o capitão Menna Barreto, o tenente Sebastião Bandeira e o alferes Joaquim Ignacio, andavam pelos quarteis conquistando adhesões; tudo isso o alqueprado imperante via passar pela mente antes e depois da travessia da Guarabára...

«Pedro II, seguido do ministerio foi entrando no baile. A fulguração da luz bateu-lhe em cheio nos olhos, offuscando-os.

Teve um rapido instante de estonteamento sem perceber onde pisava.

Deante dos seus pés estendia-se um fofo tapete turco, e, caminhando ás pressas, esbarrou os pés no tapete, desastradamente.

O corpo vacillou; quiz apoiar-se no calcanhar esquerdo e tornou a escorregar. Ia cahir em cheio no chão, quando, ao grito das damas, dois jornalistas o ampararam nos braços.

O Imperador empallideceu.

Um sorriso amargo contrahiu-lhe os labios.

Mas, de subito, num esforço, fez o rosto alegre, empinando-se jovialmente.

Passou o lenço de cambráia pela testa e voltando-se para toda a gente que o fitava satisfeita, disse, em tom brincalhão, com aquelle seu velho habito de encarnar o regimen na sua pessoa:

— Viram? A monarchia apenas escorregou, não cahiu.

Aquella hora, justamente aquella hora, o Club Militar, reunido, dava a Benjamin Constant carta branca para fazer a revolução...

No dia 11 houve uma confabulação demorada em casa de Deodoro e já a esse tempo, civis e militares, immanados pelo mesmo ideal, apenas aguardavam o momento opportuno para depor o Gabinete e proclamar a dictadura.

No dia 15 de Novembro ainda conferenciam longamente Benjamin, Ruy, Deodoro e Quintiso, sobre

o embarque de dom Pedro de Alcantara para a Europa, a prisão de Ouro Preto e de Gaspar da Silveira Martins, e quanto á teimosia dos alumnos da Escola Militar da Praia Vermelha, em não quererem se submeter ao commando do general José Clarindo, quando ás 19 horas lhes foi entregue a moção popular, por José do Patrocínio e João Clapp, e do teor seguinte :

« Exmos. srs. representantes supremos das classes militares do Brasil, marechal Deodoro da Fonseca, chefe de divisão Wandenkoik e tenente coronel Benjamin Constant.

O povo do Rio de Janeiro, reunido em massa no edificio da Camara Municipal, tem a honra de comunicar-vos que, por meio de diversos orgãos, espontaneamente surgidos e pelo seu representante legal, proclamou como a nova forma de governo nacional, a Republica.

Esperam os abaixo-assignados, representantes do povo do Rio de Janeiro, que o patriótico e nobre governo provisório sancione o acto pelo qual, instituindo a Republica, se pretende satisfazer á intima e real aspiração do povo brasileiro ».

E foi somente á meia-noite que o decreto numero um do governo provisório se referiu á Republica dos Estados Unidos do Brasil..

Essa hesitação, porem, fôra inutil, porque já os conspiradores sabiam que Deodoro, pela bocca do major Solon, lhes affirmára, dias antes, que estava resollvido a dar a forma republicana ao movimento militar.

Um dos seus parentes mais chegados, em artigo recente, depõe que o generalissimo Deodoro vacillára a resolver « por temer que a prematura mudança do regimen politico desse lugar ao desmembramento das províncias ; pois é facto que em 87 elle assim se pronunciava :

Os brasileiros estão e estarão muito mal educados para republicanos ; nunca se prepararam para isso, porque sempre lhes faltou educação e respeito ».

Vê-se dahi quanto influiram consideravelmente

no seu cerebro as opiniões dos civis de eleição, que o assediaram, como uma fortaleza quasi inexpugnável.

Lá na Venezuela, ao saber da queda do velho regimen, o illustrado dr. Paul Rojas exclamou paradoxalmente: «Se ha acabado la unica Republica que existia na America: el Imperio del Brasil».

CONCLUSÃO

Em 1840 o Brasil contava cinco milhões de habitantes, dos quaes dois milhões de escravos; a sua renda orçava por dezeseis mil contos e a produção alcançava a cifra de cincoenta mil contos de reis. Em 89 eramos quatorze milhões de almas, tínhamos cento e cincoenta e tres mil contos de renda, a nossa produção passava de quinhentos mil contos de reis e contavamos ainda com dezoito mil kilometros de linhas telegraphicas e dez mil kilometros de linhas ferreas em trafego. O nosso cambio estava acima do par. Possuimos em circulação cento e oitenta mil contos de papel moeda ultra valorizado; a nossa divida publica interna e externa não chegava a setecentos e cincoenta e nove mil contos, ou pouco mais do que a somma dos defeits orçamentarios dos sessenta e seis exercicios financeiros decorridos; a circulação metálica estava em vias de estabelecimento e era inapreciavel a divida fluctuante. Esse o acervo material do Imperio.

E o douto Oliveira Lima judiciosamente conclue:

«A facilidade e as riquezas naturaes do paiz contribuíram de certo muito para esta espantosa prosperidade; mas a sabia orientação revelada pela administração imperial é essencialmente devida aos que tiveram a seu cargo os negocios publicos».

A Republica adheriram, como um facto consummado, estadistas os mais convictamente monarchistas, como Saraiva, Sinimbú, Correia, Paulino de Souza, Dantas, Duarte de Azevedo, Paranaguá, Rodrigues Alves, Affonso Penna.

Outros, authenticos grandes homens de Estado, pormanceceram irreductivelmente fiéis ao regimen de-

cahido, como Ouro Preto; políticos como Andrade Figueira; juristas como Lafayette.

São mesmo os tres ultimos que, em 95, apoiados por João Alfredo, Affonso Celso Filho, Carlos de Laet e Joaquim Nabuco, lançam um manifesto ao paiz, prognosticando o desaparecimento da Republica.

« Instituição sem raizes historicas no Brasil, importação estrangeira contraria ás nossas tradições, não se poderia ella sustentar ainda quando os seus fundadores tivessem enchido o paiz de beneficios e dado provas das mais altas qualidades de estadistas. Nessa mesmo anno o conselheiro Tito Franco prejudicava iminente a desintegração da Patria e o Partido Monarchista de S. Paulo, orientado pela irradiante sympathia de Eduardo Prado, proclamava que os que fizeram a Republica a 15 de Novembro « não tiveram a comprehensão de que não se reconstitue uma nação, desprendendo-a das suas tradições, ferindo-a na sua fé, desprezando-a nos seus affectos, humilhando-a na sua dignidade ».

Mas esses maus prognosticos, em que peze aos pessimistas e iconoclastas não se confirmaram, mercê de nosso nunca desmentido patriotismo, e o Brasil caminha sem duvida destemidamente para a vanguarda da civilização.

E' que a Monarchia e o seu segundo e supremo chefe, em verdade cumpriram o seu papel historico no momento preciso.

Um dia, no Collegio de França, quando o erudito Adolfo Frank dava a sua aula de philosophia e discorria sobre o trabalho escravo, interrompeu o curso da lição, refere o Barão do Rio Branco, exclamando:

« Um grande Imperador moderno, senhores, tomou por objectivo supprimir do seu vasto Imperio esta chaga social que deshonra a humanidade.

Esse Imperador philanthropo e sabio não é um mytho: existe na realidade, respirando vida, percorrendo todas as capitães da Europa para nellas estudar as instituições e os costumes occidentaes.

Esse Imperador philosopho não é um mytho!

Não! Podeis vel-o! Podeis fallar-lhe! Podeis contemplar a sua face augusta! Está na Europa! Está na França! Está entre vós, no meio de vós, ao vosso lado! Eil-o!».

E o auditorio entusiasmado volta-se para dom Pedro e dedica em applausos, admirando-lhe «a estatura erguida, a barba ornamental solenne e branca, a extranha e perturbada scintillação dos olhos azues até então serenos, o porte levantado, a magestade quieta e grave».

Vós, tambem, senhoras e senhores, prescindí desta lamparina que se apaga confusa e contemplando o coração magnanimo de dom Pedro II, derramastes em acclamações á memoria de um grande cidadão do mundo, emicante pelas suas virtudes e pelo seu entranhado amor pelo Brasil!

Aracajú, 29 de Novembro de 1925.

Archimedes Pereira Guimatães.





Documentos inéditos

DA

BIBLIOTHECA PUBLICA

**Acta da Sessão do Conselho do Governo
da Provincia de Sergipe do dia 24 de
Abril de 1830.**

CXXI

Lida, e approvada a Acta do dia anteceden-
te — Foi aberta a Sessão achando-se reunidos os
Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo a
baixo assignados.

Resolveo o Exmo. Presidente, e Conselho, que
se officiasse a todos os Juizes d'Orfãos desta
Prova., para na forma do seo Regimento, execu-
tarem tudo quanto nelle lhes hé incumbido, so-
bre a educação dos Orfaos, emenores principal-
mente dos q' não tem Patrimonio algum.

Que outro sim se officiasse as Camaras Municipaes desta Prova., para que na forma do § 6 do Art. 66 da Lei de 1.º de Outubro de 1828, faça observar o q' Determina a mesma Lei, relativamente a construcção e conservação das Estradas, Caminhos, Pontes, Plantações de Arvores para preservação dos seus limites, acômodidade dos viajantes, e tudo o mais recômandado no Art. 41 da mma. Lei.

Do q' pa. constar se lavrou a presente Acta, q' eu Joze Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrevi. /

Ignacio Joze Vicente da Fonseca

Manoel de Deos Machado

Luiz Antonio Esteves

Ignacio Dias de Oliveira

Joaquim Martins Fontes

Bento de Mello Pereira

**Acta da Sessão ordinaria do dia 30 de
Abril de 1830.**

CXXII

Lida, e approvado a Acta do dia 24 do corrente; foi aberta a Sessão, achando-se reunidos os Exmos. Presidentes, e Conselheiros do Governo abaixo assignados.

Constando a este Conselho a pratica introduzida por alguns Mestres de Embarcações, que costumão levar no Convez das mesmas Caixas de assuear, com evidente risco de se soçobrem, como tem a coetecido; rezolveo unanimemente o Conselho, de accordo com o Exmo. P., que se of-

ficiasse a os Thezoureiros das Commissões, e Registrador da Barra da Cotinguiba, pa. que D'ora em diante não consintão, que saia Embarcação alguma, que for carregada.....forma, com a responsabilidade de responderem a os Proprietarios, e Fazenda Publica, pelo prejuizo, que disto resultar.

Tendo o mesmo Exmo. P. participado a este Conselho a Imperial Determinação constante do Avizo expedido a esta Presidencia pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio em datta de 9 de Março ultimo, pelo qual Foi Sua Magestade O Imperador Servido Haver por bem Determinar que, ficando suspenso o effeito do Provimento passado a favor de Antonio Jozé Peixoto Valladares, da Cadeira Publica de Primeiras Letras desta Cidade pelo methodo de Lencarter, se puzesse novamente, a Concurso aquella Cadeira na forma da Lei; rezolvêo unanimemente o Consêlho de acordo com o Exmo. P., que se observasse religiozamente a Determinação do Mesmo Augusto Senhor, pondo-se a nôvo Concurso a mencionada Cadeira, o qual teria lugar no dia 10 de Julho deste anno: e estando este Conselho certo de que não hé da Paternal Intenção de Sua Magestade Imperial, que fique a Aula fechada com detrimento da instrucção Publica, rezolvêo igualmente, que ficasse o ensino da mêsmo Cadeira encarregado interinamente ao dito Antonio Jozé Peixoto Valladares, até a ultimação do referido Concurso; e que tudo se levasse ao Soberano Conhecimento de Sua Magestade O Imperador, para Deliberar o que For do Seo Imperial Agrado.

Do que para constar se lavrou a presente

Acta, que eu Jozé Pedro de Faria, Secretaria do Governo e do Conselho, a escrevi.

Ignacio José Vicente da Fonseca
Manoel de Deus Machado
Bento de Mello Pereira
Joaquim Martins Fontes
Ignacio Dias de Oliveira
Luz Antonio Esteves

Acta da Sessão Ordinaria do dia 7 de Maio de 1830.

CXXIII

Lida, e approvada a Acta do dia 30 de Abril: foi aberta a Sessão a chando se reunidos os Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo a baixo assignados.

Constando a este Conselho o geral clamor das Partes, que litigão no Juizo da Ouvidoria Geral, e Correição desta Provincia, sobre a estada, e rezidencia do actual Ouvidor interino desta, na Povoação das Laranjeiras, com total de trimento dos mesmos litigantes, e ainda mesmo contra a expressa Determinação da Lei: Rezolveo unanimemente o Exmo. Presidente, e Conselho, que se o ficiasse ao dito Ouvidor pa. que emcomprimento da mesma Lei se recolha a esta Capital. Leo-se o Officio de 26 de Abril ultimo do Secretario do Conselho Geral da Provincia a acompanhando os trez Requerimentos dos Povos das Povoações de Laranjeiras, Pé do banco, e Aracajú, relativos a criação das Cadeiras de

Primeiras letras das mesmas: resolveo o Exmo. P. de acordo com o Exmo. Conselho, que avista do estado de finanças da Provincia, não ter por ora lugar as Criações das mencionadas Cadeiras. Do que pa. constar se lavrou a prezente Acta, que eu Jozé Pedro de Faria Secretario do Governo e do Conselho, a escrevi.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Joaquim Martins Fontes
Ignacio Dias de Oliveira
Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira
Luiz Antonio Esteves

**Acta da Sessão Ordinaria do dia 9 de
 Maio de 1830.**

CXXIV

Lida, e approvada a Acta do dia 7 de Maio: foi a berta a Sessão, achando-se reunidos os Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados.

Leo-se o Officio do Conselheiro Suplente o Coronel Jozé Rodrigues Dantas e Mello, dattado a 4 do corrente, pelo qual participou não poder comparecer na prezente Sessão, pa. a qual foi chamado, por motivo de molestia. Do que pa.

constar se lavrou a presente Acta, que eu José Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrevi.

Ignacio José Vicente da Fonseca

Joaquim Martins Fontes

Ignacio Dias de Oliveira

Manoel de Deos Machado

Bento de Mello Pereira

Luiz Antonio Esteves

**Acta da Sessão Ordinaria do dia - 10 - de
Maio de 1830.**

CXXV

Lida, e a provada a Acta do dia - 8 - de Maio: foi a berta a Sessão, achando-se reunidos os Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados.

Leo-se a representação, que a Camara Municipal da Va. do Lagarto dirigira a este Conselho em data de 26 de Abril ultimo, a qual mostra, que a demarcação da quele Termo com o da Va. de Sta. Luzia da Estancia pela entrada do Piauhí, hé no lugar denominado Campestre, pois assim se conservou desde sua eriacção; o que agora não a contece; por que aquella Va. tem ultrapassado a mesma devisa pelas Mattas a dentro onde se achão alguns Sítios formados no mesmo Tro. da Va. do Lagarto, e o q' consta mais da mencionada representação, pedindo final mente providencias, a fim de evitar choques, e conflitos de Jurisdições entre humas, e outras Authoridades. Avista do q' rezolvêo o Conselho de a Cordo

com o Exmo. P. que se officiasse a Respectiva Camara Municipal da Va. de Sta. Luzia e Estancia, com a propria representação, pa. avista della responderem com a brevidade possivel qto. se lhes oforecer a tal respo.; e q' outro sim seofficiasse ao Juiz Ordinario da quella Va. de Sta. Luzia e Estancia pa. q' faça remeter a Secretaria deste Govêrno o livro da Criação da Va. pa. certos eselarecimentos a bem do Serviço Publico, o ql. se acha no cartorio do Tabelião Joaquim Mora. de Magalhães.

De q' pa. constar se lavrou a prezente Acta, q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Govêrno e do Conselho, a escrevi.

Ignacio José Vicente da Fonseca
Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira
Joaquim Martins Fontes
Ignacio Dias de Oliveira
Luis Antonio Esteves

**Acta da Sessão Ordinaria do dia 15 de
 Maio de 1830.**

CXXVI

Lida, e approvada a Acta do dia 10 de Maio : foi a berta a Sessão, achando-se reunidos os Exmos. Prezidente e Conselheiros do Govêrno a baixo assignados.

Sendo necessario na conformidade do § 3.º Art. 24 da Carta de Lei de 20 de 8 bro. de 1830, vigiar-se sobre Prizões, e Casas de Correição, resolveo o Conselho de acordo com o Exmo. P.,

q' se officiasse as Camaras Municipaes para q' nos seus respectivos Districtos fação executar o disposto na mesma Lei pelo melhor modo, q' lhes for possivel.

Resolveo igualmente o Exmo. C. de acordo com Exmo. P., q' visto continuarem a faltar os Conselheiros effectivos Jozé Pinto de Carvalho, e o Padre Jozé Francisco de Menezes Sobral, fosse chamado o immediato em votos.

Do q' pa. constar se lavrou a presente Acta, q' eu Jozé Pedro de Faria; Secretario do Governo e do Conselho, a escrevi.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca

Manuel de Deos Machado

Joaquim Martins Pontes

Ignacio Dias de Oliveira

Luiz Antonio Esteves

Acta da Sessão Ordinaria do dia 21 de Maio de 1830.

CXXVII

Lida, e approvada Acta do dia 15 de Maio: foi aberta a Sessão, achando-se reunidos os Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados, tomando assento o Exmo. Conselheiro effectivo o Reverendo Jozé Francisco de Menezes Sobral; e Pr. não haver objecto algum a tratar-se, sedeo pr. concluido esta Sessão. Do

q' pa. constar se lavrou a prezente Acta, q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a esrevi.

Ignacio José Vicente da Fonseca
Manoel de Deus Machado
Luiz Antonio Esteves
José Francisco de Menezes Sobral
Joaquim Martins Fontes
Ignacio Dias de Oliveira

**Acta da Sessão Ordinaria do dia 22 de
 Maio de 1830.**

CXXVIII

Lida, e approvada a Acta do dia 21 de Maio de 1830: foi aberta a Sessão, achando-se reunidos os Exmos. Presidente, e C. do Governo abaixo assignados.

Comparecerão os Examinadores o Capm. Jeronimo Vieira Bastos, Francisco Benicio de Carvalho Aranha e Vasconcellos, e Antonio Jozé Peixoto Valladares, no meados para o Exame dos Candidatos q' se houvessem de oppor a Cadeira de Primeiras Letras do Campo do Brito, Termo da Va. de Itabaiana, vaga pr. fallecimento de Agostinho Jozé Caitano, o q' a exercia, e a cada hum delles o Exmo. P. de ferio o juramento do estilo, encarregando-lhes, q' fielmente examinassem os Candidatos q' se quizessem oppor a referida Cadeira, estaudo pa. isso habilitados; e recebidos pr. elles o dito Juramento, assim o

prometterão obrar, e com o Exmo. Presidente abaixo assignarão,

*Ignacio José Vicente da Fonseca
Feronimo Vieira Bastos
Fraco. Benicio de Carv. Aranha e Vasco.
Anto. Jé. Peixoto Valladares*

E na mesma occasião habilitado, e admitido a Exame Tertuliano Manoel de Mesquita, q' se oppôs a Cadeira de Primeiras Letras acima mencionada, foi pelos ditos Examinadores legalmente Examinado, e approvado com louvor, como mostra o competente Certificado: e visto não haver mais Candidatos, o Exmo. P., de acôrdo com o Exmo. Consêlho, o provêo na dita Cadeira, vencendo aual, e interinamente a quantia de duzentos mil reis; e mandou q' se lhedesse o seo competente Titulo, pa., com elle sollicitar a sua legal Nomeação.

Do q' pa., constar se lavrou aprezenste Acta, q' eu José Pedro de Faria, Secretário do Governo, e do Consêlho a escrevi.

*Ignacio José Vicente da Fonseca
Manoel de Deos Machado
Luiz Antonio Esteves
José Francisco de Menezes Sobral
Ignacio Dias de Oliveira
Yoaquin Martins Fontes*

Acta da Sessão Ordinaria do dia 28 de Maio de 1830.

CXXIX

Lida, e approvada a Acta do dia 22 de Maio de 1830; foi aberta a Sessão: achando-se reu-

vidos os Exmos. Presidente e Conselheiros o Capmor. Manoel de Deos Machado, José Pinto de Carvalho, o Rdo. José Francisco de Menezes Sobral, o Rdo. Vigário Geral Luiz Antonio Esteves, o Capmor. Joaquin. Martins Fontes, e o Capmor. Ignacio Dias de Oliveira, no impedimento do Corel. Bento de Mello Pereira.

Fez lido o Requerimento do Tenente Coronel Sebastião Gaspar de Almeida Botto, acompanhado da Certidão de sua idade, exigida na Sessão de 2 de Abril ultimo, a qual hé do theor seguinte—Diz Sebastião Garpar de Almeida Botto, filho legitimo do Capmor. João de Aguiar Botto, e D. Anna Jeronima da Silveira, que precisa pela Secretaria Eccla. do livro findo da Frega. de Js. Maria José do pé do Banco, lhe passe por certidão o theor de seo Baptismo por isso—P. a V. S. sedigue mandar passar ada. certidão—E. R. Mo. Passe Ba. 20 de Abril de 1830.—Freitas—João Correia de Brito, Cavalheiro da Ordem de Christo, Chante da Sé da Bahia e Secretario da Camara Archiepiscopal, Certifico q' em um livro findo de baptizados da freguezia de Jezus Maria Joze do pé do banco no fim delle se-acha o assento seguinte. Aos oito de Setembro de mil sette centos noventa, enove no Oratorio do Eugenio do topo, freguezia de Jezus Maria José do pé do banco porlicença do Reverendo Senhor Vigário Baptizei e puz os Santos Oleos a Sebastião, branco de idade de trez mezes, filho legitimo de Capitão Mor João de Aguiar Botto e D. Anna Jeronima da Silveira; forão Padrinhos o Padre Guilherme José da Silveira Noleté, e D. Cecilia Eufrazia Maria de Almeida.

O Padre Francisco Rodrigues Vieira. Nada mais se continha em o dito assento bem e fielmente copiado do proprio livro aq' me Reporto e em fê do q' se passou aprezenste q' conferi. Bahia 20 de Setembro de 1830. E eu o Chantre João Correa de Brito, Secretario da Camara Archiepiscopal, a sobrecrevi, e assignei—João Correa de Brito—Reconheço a firma supra. Ba. 23 de Abril de 1830.—Em testemunho de Verdade—Estava o signal Publico do Tabellião—Mauoel de G... Tourinho.

Avista da mesma Certidão, feito e devido exame, se conheceo ter sido o Suppe. Baptizado em 8 de 7bro. do anno de mil sete centos noventa e nove, tendo então tres mezes de nascido, e feita a conta da sua idade ao tempo da Apuração das Eleições no dia vinte trez de 9bro. de mil oito centos, e vinte oito, mostra-se q' tinha de idade naquella epoca vinte nove annos, cinco mezes, e quinze dias; sendo estranhavel a falta q' se vê na mencionada Certidão, no assento do Baptismo de q' se trata, em o qual não está assignado o Parocho q' dera a Licença para ser feito o referido Baptizamento.

E como na conformidade do Arto. 11 da Lei de 20 de 8bro. de 1823 não pode ser eleito Conselheiro o Cidadão q' não for maior de 30 annos: Rezolyção o Exmo. P. e Conselho, a maioria de votos, q' não pode o sobredito Tene. Corel. Sebastião Gaspar de Almeida Botto ser Conselheiro na prezente Legislatura, e q' isto mesmo se-levasse ao Alto Conhecimto.: de S. M. O Imperador.

Lerão-se os Requerimentos do Pe. Anto. Joaqm. de Cary. Coito, e de Franco. Mora. da Silva Marmaque, q' lorão des pachados.

Do q' pa. constar se lavrou a presente Acta, q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario, do Governo, e do Conselho, a escrevi.

Ignácio José Vicente da Fonseca

Manoel de Deos Machado

Luiz Antonio Esteves

José Francisco de Menezes Sobral

Ignacio Dias de Oliveira

Joaquim Martins Fontes

José Pinto de Carvalho

Acta da Sessão Ordinaria de 29 de Maio de 1830.

CXXX

Lida, e approvada a Acta do dia 28 de Maio de 1830: foi aberta a Sessão; e achando-se reunidos os Exmos. P., e Conselheiros do Governo abaixo assignados.

Forão Despachados os Requerimentos, q' apparecerão sobre a Meza e como seja esta a ultima Sessão ordinaria deste anno se marcou a futura pa. o 1.º de Maio no ultimo de Junho, havendo-se a presente pr. en serada.

Do q' pa. constar se lavrou a presente Acta.

e q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrivi.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Manoel de Deos Machado
Luiz Antonio Esteves
Jozé Francisco de Menezes Sobral
Ignacio Dias de Oliveira
Joaquim Martins Fontes
Jozé Pinto de Carvalho

**Acta da Sessão extraordinaria de dez de
 Julho de 1830.**

CXXXI

Achando-se reunidos o Exmo. Prezidente, e Conselheiros abaixo assignados, faltando com causa participada o Conselheiro Manoel de Deos Maxado, o Exmo. Prezidente declarou aberta a Sessão: comparecerão os Examinadores nomeados Julião Gomes da Silva, Jozé Martins Penna, Francisco Benicio de Carvalho Aranha e Vasconcellos, e Jeronimo Vieira Bastos, para o exame dos Candidatos, que se houvessem de oppôr a Cadeira do Ensino Mutuo desta Capital, mandada por a Concurso em virtude do Avizo de nove de Março proximo passado, expedido pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio, e prestado o juramento do estillo, e com o Exmo. Prezidente abaixo assignarão.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Julião Gomes da Silva
Jozé Martins Penna
Franco. Benicio de Carvo. Ara. e Vascos.
Jeronimo Vieira Bastos

Lerão-se os requerimentos de Francisco Manoel de Barcellos, Professor da Cadeira de 1as. Letras da Povoação das Laranjeiras, pedindo a gratificação annual Determinada, pêlo Artigo dèz da Casta de Lei de quinze de Outubro de 1827; foi defferido que depois digo, que recorresse depois de completados os annos da Lei no Ensino Publico: de Antonio Jozé Peixoto Valladares, requerendo sêr admittido a o exame no Concurso de hoje; e como se achasse competentemente habilitado, foi admittido: de D. Roza Lina do Bomfim, requerendo que fosse prorogado o Concurso de hoje, pêlo motivo de axar-se ausente na Cidade da Bahia sêo filho Francisco Moreira da Silva Marramaque; foi defferido não ter lugar, visto que os Editaes que publicarão o Concurso de hoje datarão de setenta dias, tempo sufficiente, para o filho da Suppe. ter comparecido.

Na mesma occasião admittido a exame Antonio Jozé Peixoto Valladares, que se oppoz a mencionada Cadeira, foi pelos ditos Examinadores legalmente examinado; e approvedo simplesmente, como mostra o competente certificado, e visto não concorrerem mais Candidatos, o Exmo. Prezidente de accôrdo com o Conselho, o provêo na dita Cadeira, vencendo annual, e enterinamente aquantia de tresentos mil reis; e mandou que se lhe desse o seo competente Titulo, para com elle requerer sua Legal Nomeação. Do que para constar se lavrou a presente, que eu Jozé Malaquias Dormund Rxa., official da Secretaria,

nô impedimento do actual Secretario do Governo a escrevi.

Ignacio José Vicente da Fonseca
José Francisco de Menezes Sobral
Luiz Antonio Esteves
Ignacio Dias de Oliveira
José Pinto de Carvalho
Joaquim Martins Fontes

**Acta da Sessão extraordinaria de 3 de
 Fevereiro de 1830.**

CXXXII

Fô aberta a Sessão estando preztes. os Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados.

A prezentou o Exmo. Prezidente a Portaria expedida pela Secretaria de Estados dos Negocios do Imperio datada em 13 de 9bro. de 1830; exigindo informações sobre o imposto dos Dize-mos pa. serem prezentes a Assembleia Geral.

Resolveo o Exmo. Conselho de acordo com o Exmo. Prezidente, q' se pedissem esclarecimentos sobre o seo conteudo as Camaras Municipaes da Provincia, e pa. pleno e total desempenho dadita Portaria Resolveo-se outro sim, que se reunisse o Conselho no dia 15 de Março proximo, á fim de se poderem os meamos Conselheiros illustrar sobre a materia e de se haverem as necessarias informações.

Propos o Exmo. Presidente da Provincia a neccissidade de setomarem medidas sôbre a moêda de oitenta reis sem serilha, que hé Recebida na

Administração da Fazenda, e circula em parte desta Provincia, visto q' a da. moêda hé falsa, e não tem ao menos o tipo e pezo da verdadeira, que gira no Imperio.

Rezolveo o Exmo. Conselho d'acordo com o Exmo. Presidente, q' pr. ora se tolerasse a circulação d'aquella moêda, esperando-se a este respeito Decisão do Ministerio, a qm. se devia representar. pr. isso q' se comprometeria o Socego e tranquillidade Publica da Provincia com a sua repentina cessação, pr. ser tal vez a unica moêda, q' gira nesta Cidade e suas immedições e por isso só com graves inconvenientes pode ser tirada da circulação sem meios de a substituir alem de q' ella tem sido authorizada pelo Governo da Provincia, e com a mesma tem leito a Administração da Fazenda pagamentos aos Particulares q' a tem recebido e a possuêm em bõa fê, cumprindo no entretanto darem-se as providências necessarias pa. se evitarem maiores abuzos.

Propóz o Exmo. Presidente ser necessario providenciar-se quanto for a bem da Caza da Sta. Misericordia desta Capital que se achava em completo abandono, e seos fundos extraviados.

Rezolveo o Exmo. Conselho de accordo com o Exmo. Presidente, q' se pedissem esclarecimentos a Camara Municipal desta Cidade, q' constassem do exame, a q' pela mesma Camara se procedeo nês livros da mesma Caza, se officiasse ao Ouvidor da Comarca para tomar as contas na forma da Lei, procedendo contra os Devedores da dita Caza, na forma da mesma Lei, e contra os delapidadores dos seos fundos, outro sim se sollicitassem informações da Meza

sobre os fundos da Caza, e seos devedores declarando-se as dividas q' se achão perdidas, e se os Thezoureiros tem dado as devidas contas, e se se tem cumprido os onus Pios; e quando não a q' soma podem montar, com todas as mais declarações q' podessem illustrar o Conselho sobre este negocio.

Consultou o Exmo. Presidente o Exmo. Conselho, se convinha, e se era possível sem prejuizo do Serviço, q' os Milicianos, q' estavam em serviço fossem aliviados d'elle, fazendo-se este tão somente com a Tropa de Linha aqui destacada reduzindo-se por este fim o numero das Praças destacadas ao menor possível, e sendo em pregadas na Guarnição da Cidade aquellas que forem absolutamente necessarias, podendo sim chamar-se os Milicianos somente os que forem indispensaveis para supprir as faltas das ditas Praças, e em caso de urgente necessidade, e Rezolvêo o Exmo. Presidente de acordo com o Exmo. Conselho pela affirmativa.

Propoz mais o Exmo. Presidente q' era preciso tomarem-se providencias sobre a polvora q' existe depositada nos deus Cubiculos do Convento de Sm. Francisco, e rezolveo-se que revendesse por conta da Nação a q' se podesse visto hir-se já arruinando por ser muito antiga, e mesmo por ser desnecessaria para as necessidades da Provincia tanta porção de polvora depositada, e q' o resto, ou aq' de novo se comprasse se guardasse nos Quarteis em um quarto, q' se devia fazer para este fim com a devida segurança, e com a maior economia da Fazenda Publica.

Propoz tambem o Exmo. Presidente, q' cessando pela Lei do Orçamento toda a despeza com o Jardim Botânico desta Cidade, e ficando por consequencia em a honra do dito Jardim, e perdidas todas as benfeitorias feitas no mesmo pela Fazenda, convinha dar providencias sobre o destino a q' se devia dar ao mencionado Jardim Botânico desta Cidade. e Resolvêo o Exmo. Conselho, q' se representasse a este respeito ao Ministerio competente, e se esperasse delle as providencias necessarias ficando no meamo ser o dito Jardim até que se publicasse a referida Lei de Orçamento, e aproveitando-se para a Fazenda no entretanto os productos delle q' se podessem vender.

Do q' pa. contar se lavrou a presente Acta, em q' assignarão o Exmo. Presidente, e Conselheiros, q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrevi.

Joaquim Marcelino de Brito

Bento de Mello Pereira

Ignacio Dias de Oliveira

Luiz Antonio Esteves

Joaquim Martins Fontes

Antonio Roiz. Montês

Jozé Pinto de Carvalho

**Acta da Sessão extraordinaria do dia
quatro de Fevereiro de mil oito cen-
tos e trinta hum.**

CXXXIII

Lida, e approvada a Acta do dia anteceden-
te, foi aberta a Sessão a chando-se reunidos os

Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo a baixo assignados.

Pelo Exmo. Presidente forão apresentados dous Offícios das Camaras da Va. do Lagarto, e da de Sta. Luzia e Estancia de 26 de Abril, e 14 de Agosto do anno passado, relativos a demarcação dos dous respectivos Termos, e a face do conteúdo de ambos resolveo o Exmo. Conselho de accordo com o Exmo. Presidente, q' se Officiasse as ditas Camaras pa. q' se ha jáo quanto antes de convencionar amigavelmente sobre os limites de huá, e outra Villa, e proceder a tal respeito de comum accordo, afim de se conter cada huá dellas nos limites de seo Territorio e não soffrerem os Povos os vexames cauzados por semelhantes duvidas.

Leo-se hum requerimento do Capm. João de Campos Telles, e outros Creadores do Termo da Villa de Itabaiana, q' foi despachado declarando-se pertencer ao Conselho Geral da Prova. a decizão do seo objecto: e outro de Jozé Joaquim de Mello, q' requereo ser provido em huá Cadeira de Primeiras Letras pelo Methodo de Lancaster, e foi deferido na forma da Lei.

Do q' pa. constar se lavrou a prezente Acta, em q' assignarão o Exmo. Prezidente, e Conselheiros, q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrevi.

Joaquim Marcellino de Brito

Bento de Mello Pereira

Ignacio Dias de Oliveira

Luiz Antonio Esteves

Joaquim Martins Pontes

Antonio Koltz. Montes

José Pinto de Carvalho



Actas das sessões do Instituto Historico

Acta da sessão ordinaria da Directoria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, como abaixo se declara.

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil novecentos e vinte e seis, reunida a Directoria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, em sua sede, ás dezenove horas, em sessão ordinaria, foi pelo presidente aberta a sessão e declarado o fim da reunião. Expediente: Pelo Snr. 1.º Secretario foi lido o expediente, que constou de varios officios e correspondencias outras, sendo nesta occasião declarado pelo mesmo Snr. 1.º Secretario que toda correspondencia alli apresentada já estava respondida.

Apresentou ainda o 1.º Secretario varios livros, offerecidos ao Instituto pela Exma. Viuva do saudoso Desembargador Armindo Guarana e pelo proprio Snr. 1.º Secretario.

A' Exma. Viuva, mandou o Snr. Presidente do Instituto que se agradecesse a offerta delicada e generosa.

Sobre a mesa achavam-se ainda varios jornaes e revistas, que foram mandados archivar.

Ordem do dia. Com a palavra o Snr. Presidente da casa, lembrou que estando prestes a entrega do novo predio para a sede do Instituto, pelo Governo do Estado, já era tempo de se providenciar sobre as obras de adaptação do referido predio, e expoz medidas que deviam ser tomadas, o que foi por todos ouvido e deliberado, ficando resolvido que

em breve sahisse uma commissão do Instituto para angariar donativos destinados ás ditas obras de adaptação e ainda fossem escriptas circulares a certos capitalistas sergipanos, fazendo identico pedido. Da commissão de admissão de socios, recebeu a Directoria, as propostas para socios correspondentes dos Snrs. Drs. Agenor Telles e Amazonas Duarte, illustres sergipanos, residentes em S. Paulo, ás quaes vinham com parecer favoravel.

Assim sendo, foram declarados socios correspondentes os illustres sergipanos, mandando o Snr. Presidente que o Snr. 1.º Secretario fizesse as devidas communicações e anviasse ao Snr. Dr. Thesoureiro a nota para extracção dos recibos. E nada mais havendo foi encerrado a sessão e eu 1.º Secretario escrivi a presente acta que assigno com o Snr. Presidente.

(A. A.) *Amyntas F. Fogo*, Presidente.

Nycen Dantas, 1.º Secretario.

Acta da sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, como abaixo se declara.

Aos dezeseis dias do mez de Janeiro de mil novecentos e vinte e seis, ás 20 horas, no salão do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, teve lugar, conforme fôra annunciada, a conferencia do illustrado orador e distincto sacerdote Frei Pedro Sizig, sobre o thema «Que significa Christo para o Brasil». O salão achava-se repleto do que tem Aracajú de mais selecto e distincto, notando-se entre os presentes, um crescido numero de senhoras e senhorinhas. Achando-se no Salão o Snr. Dr. Carlos Alberto Rolla, representando S. Excia. o Snr. Dr. Presidente do Estado, tomou assento na cadeira da presidencia, passando-lhe o Snr. Almirante Presidente do Instituto a direcção dos trabalhos daquella sessão.

Com a palavra o Dr. Carlos Alberto Rolla, declarou aberta a sessão, mandando em seguida, que o Sr. L. Secretario procedesse a leitura da acta da sessão anterior, o que foi immediatamente feito. Não havendo expediente, passou-se á ordem do dia: Coube ao Sr. Presidente do Instituto a apresentação á casa, do illustre orador, o fazendo com palavras de carinho, valendo por uma verdadeira biographia do acatado conferencista, que é além de sacerdote illustre, um intellectual de merito conhecido no paiz. Seguiu-se a entrega do diploma de socio correspondente do Instituto, ao novo associado Frei Pedro Sizig, que acto continuo, agradeceu e prestou o compromisso do estylo. Pelo Sr. Dr. Carlos Alberto Rolla, foi dada a palavra ao orador para dizer sua conferencia. Na tribuna, o notavel orador começou por agradecer a S. Excia. o Sr. Dr. Presidente do Estado as homenagens e finezas que vinha recebendo desde que pisou terras sergipanas, demonstrando a sua admiração pelo progresso de Sergipe.

Demorou-se ainda, com palavras elogiosas para o Sr. Dr. Presidente do Estado, pelo grande serviço prestado á Religião de Christo, com o levantamento na collina de São Gonçalo, em São Christovam, do monumento á Christo Redemptor. Fallou da decadencia da Religião em certos paizes, inclusive no Brasil, e disse que tal decadencia parte da falta de educação religiosa, fazendo nessa occasião, um appello aos paes de familia. A conferencia durou uma hora, e foi boa; merecendo o orador, de toda assistencia, não somente toda attenção, como applausos.

Ao terminar agradeceu á Directoria do Instituto, as homenagens que acabava de receber, e fez preces á Deus pela felicidade de Sergipe. Na ausencia do orador do Instituto, agradeceu o comparecimento áquella conferencia, dos presentes, e fez o elogio do notavel conferencista, em bella e magnifica oração o Dr. Prado Sampaio. E nada mais havendo, encerrou-se a sessão depois de um bello e rapido improviso, em que foi enaltecido o nome Deus, pelo Sr. Dr.

Carlos Alberto Rolla, escrevendo eu 1.º Secretario, a presente acta que assigno com o Presidente.

(A. A.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Nyceu Dantas, 1.º Secretario.

Acta da sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, como abaixo se declara :

Aos trinta e um dias do mez de Janeiro de mil novecentos e vinte e seis, ás 20 horas, no salão do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, onde se achavam reunidas muitas pessoas da nossa melhor sociedade, teve lugar a conferencia do illustre professor austriaco Ludovico Schwenhagen, a 2.ª da serie, nesta Capital. Aberta a sessão pelo Exm. Sr. Almirante Amyntas José Jorge, presidente do Instituto, declarou o fim da sessão, e como se achasse presente o Sr. Dr. Cleobulo Amazonas Duarte, ultimamente aceito socio correspondente do Instituto, fez entrega ao mesmo, do diploma que lhe conferia a nossa associação, isto depois de fazer o elogio do novo associado, que é um sergipano de merito, residente no Estado de S. Paulo, onde exerce, com intelligencia, advocacia. Seguindo-se, pediu a palavra o Dr. Cleobulo, que produziu uma bella oração de agradecimento, prestando nesta occasião, o compromisso do estylo.

Terminada esta solennidade, mandou o Sr. Almirante, Presidente do Instituto, que o Sr. 1.º Secretario lesse a acta da sessão anterior, a qual depois de lida, foi approvada.

Neste momento, apresentou á casa, o Sr. Presidente, o professor Ludovico Schwenhagen, o conferencista do dia.

Este, comecou immediatamente a sua scientifica conferencia, que tanto agradou, terminando duas ho-

ras depois, agradecendo ao Instituto o adeliamento que tem tido já por duas vezes.

Seguiu-se então, o agradecimento aos presentes, do Snr. Presidente do Instituto, encerrando a sessão.

Nada mais havendo foi a sessão encerrada e eu 1.º Secretario escrevi a presente acta que assigno com o Snr. Presidente.

(A. A.) *Amyntas F. Jorge*, Presidente.
Nycen Dantas, 1.º Secretario.

Acta da sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, como abaixo se declara :

Aos nove dias do Foyeiro de mil novecentos e vinte e seis, ás 19 horas, na sala do Instituto, compareceram varios membros da Directoria, convocados extraordinariamente pelo Snr. Almirante Amyntas José Jorge, presidente effectivo.

Aberta a sessão pelo Snr. Presidente, depois de verificar maioria expoz a situação em que se achava o Instituto, com a retirada do obelisco, do ponto onde se achava, na praça coronel José de Faro, para a praça Pereira Lobo, por acto municipal. E continuando com a palavra, o Snr. Almirante Presidente, disse que, para que constasse dos annaes do Instituto essa trasladação, elle se entendeu pessoalmente, e posteriormente por officio, com o Snr. Dr. Prefeito da Capital, para que lhe desse uma comunicação official, da mesma trasladação, afim de que o facto ficasse constando dos annaes da casa, uma vez, porem, que até a presente data, tal comunicação não se deu, reunia a Directoria e lhe fazia sciente do facto, para que constasse da acta dos seus trabalhos.

E nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada, escrevendo eu a presente acta, que assigno com o presidente.

(A. A.) *Amyntas J. Forge*, Presidente.
Nyceu Dantas, 1.º Secretario.

Acta da sessão ordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, como abaixo se declara :

Aos seis dias de Maio de mil novecentos e vinte e seis, ás 19 horas, na séde do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, reunida a Directoria, em sua maioria, em sessão ordinaria, abriu a sessão o Snr. Almirante Presidente, que ordenou ao Snr. 1.º Secretario a leitura da acta da sessão anterior, lendo-a, em seguida, o Snr. 1.º Secretario, cuja acta foi logo approvada. Expediente: Constatou da leitura de varios officios de sociedades congeneres, os quaes, segundo informação do Snr. 1.º Secretario, já estavam respondidos. Apresentou á mesa o mesmo 1.º Secretario, varias revistas e jornaes, dadivas leitas ao Instituto, que foram mandados archivar.

Com a palavra o Snr. Almirante Presidente, disse que estando prestes o dia 18 de Maio ordenava ao Snr. 1.º Secretario a distribuição dos convites ás pessoas gradas e aos associados para assistirem á conferencia que realisará naquelle dia, o grande intellectual e philosopho sergipano Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, sobre a grandiosa data do dia, e sobre o thema: «Data Aurea».

Ordenava ainda ao Snr. 1.º Secretario que se dirigisse, por carta, ao poeta sergipano Pereira Barretto, nosso illustre consocio, membro da commissão de historia e geographia, pedindo-lhe que enviasse com alguma brevidade, os papeis referentes ao estudo historico sobre a origem e data 24 de Outubro, que o Instituto procura esclarecer, com o fim de me-

lhor legalisal-a, e tambem o seu parecer, uma vez que se acha proxima a abertura da Assembléa Estadual, a quem será enviado o respectivo estudo para solução final do assumpto.

Ainda com a palavra o Sr. Presidente, deu á casa a grata noticia de que será definitivamente publicada, em o proximo mez de Julho, a Revista do Instituto, estando ja prompto todo material, tendo elle contractado com uma firma da praça a sua publicação. E como nada mais houve, encerrou o Sr. Presidente a sessão, escrevendo eu a presente acta que assigno.

(A. A.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente,
Nyceu Dantas, 1.º Secretario,

Acta da sessão extraordinaria em 13 de Maio de 1926, como abaixo se declara:

Aos treze dias de Maio de mil novecentos e vinte e seis, ás 19 horas, na séde social do Instituto, reunida a Directoria, presente o representante de sua Excia. o Sr. Presidente do Estado, muitos socios e grande numero de pessoas da nossa melhor sociedade, teve lugar a sessão extraordinaria e solenne deste Instituto para ler sua conferencia o illustre intellectual e philosopho sergipano Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, sobre o thema «Data Aurea». Aberta a sessão pelo Sr. Presidente do Instituto, leu este uma bella oração sobre a data do dia e terminou apresentando á casa o notavel conferencista.

Lida a acta da sessão anterior, pelo Sur. 1.º Secretario, poz a mesma em votação o Sr. Presidente, sendo na occasião approvada. Declarou em seguida, o Sur. 1.º Secretario, que não havia expediente. Nesta occasião, deu então, a palavra, ao illustre orador, o Presidente do Instituto.

Com a palavra o Dr. Manoel dos Passos, leu a sua brilhante conferencia, empolgando a assistencia, fal-

lando seguramente meia hora. O trabalho do Dr. Manoel dos Passos agradou, como sempre acontece quando falla ao publico.

Antes de encerrar a sessão, agradeceu o Snr. Almirante Presidente a comparencia dos presentes, encerrando, em seguida os trabalhos. E nada mais houve, pelo que, escrivi a presente acta que assigno com o presidente.

(A. A.) *Amyntas J. Forge*, Presidente.
Nycou Dantas, 1.º Secretario.

Acta da sessão ordinaria em seis de Julho, como abaixo se declara.

Aos seis dias de Julho do anno de mil novecentos e vinte seis, ás 19 horas, na sêde social, reunida a Directoria em maioria dos seus membros, abriu a sessão o Snr. Almirante Presidente do Instituto, dando em seguida, esclarecimento sobre a vida do mesmo, apresentando nesta occasião uma copia de um officio circular que deve acompanhar o projecto e o decreto que põe termo á questão da verdadeira denominação do rio que banha a nossa Capital. O projecto legislativo tem o numero 39 e foi apresentado á Assembléa Estadual em 27 de Outubro de 1925 e o decreto Executivo Estadual tem a data de 10 de Novembro do mesmo anno e o numero 931.

Continuando com a palavra o Snr. Presidente, ordenou ao Snr. 1.º Secretario que enviasse, o quanto antes, as referidas circulares aos institutos e sociedades congeneres do paiz e do estrangeiro e officiasse ao Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado agradecendo, em nome do Instituto, a assignatura do mencionado decreto estadual, bem assim, pedindo as necessarias medidas para tornalo effectivo. Foram apresentadas á mesa duas propostas, assignadas por numero legal de socios, propondo para socios effec-

tivos os Srs. Tenente Coronel José Mariano dos Santos, e Dr. Floro Edmundo Freire, cujas propostas foram com vista á respectiva commissão para dar parecer. E nada mais houve, pelo que, foi encerrada a presente sessão, cuja assigno com o presidente.

(A.A.) *Amythas F. Jorge*, Presidente.
Nycen Dantas, 1.º Secretario.

Acta da sessão extraordinaria, realisada em 10 de Outubro de 1926, para ser tomada em consideração a renuncia apresentada á Directoria pelo illustre consocio professor Magalhães Carneiro, como sbaixo se declara:

Aos dez dias de Outubro de mil novecentos e vinte e seis, na sede social do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, ás 20 horas, presente a Directoria, pela maioria dos seus respectivos membros, foi aberta a sessão extraordinaria da Directoria, convocada especialmente para o fim de ser tomada em consideração, a renuncia apresentada pelo illustre consocio, Dr. Magalhães Carneiro, ao cargo de 2.º Secretario, allegando o distincto resignatario, não poder continuar a exercer o cargo por se achar doente.

Depois de ligeiro entendimento entre os membros da Directoria, ficou resolvido acceitar-se a renuncia pedida, uma vez que o petecionario allegava motivo justo. Com a palavra o Snr. Presidente disse que, em face do que dispõem os Estatutos declarava vago o referido cargo de 2.º secretario do Instituto e designava o digno consocio professor Graça Leite para desempenhar o referido cargo, uma vez que não podia o mesmo ficar vago, até qua fizesse a eleição.

Com a palavra o Snr. 1.º Secretario, bacharel Nycen Dantas, por elle foram ditas as seguintes palavras: em forma de requerimento: « Que havendo

deixado o cargo, o seu distincto companheiro de secretaria, pedia que fosse lançado na acta do dia, um voto de saudade e de agradecimento ao consocio illustre, pelos seus bons serviços prestados á causa do Instituto Historico », sendo este requerimento unanimemente accedido pelos presentes.

Continuando com a palavra o Snr. 1.º Secretario, trouxe ao conhecimento da casa, a entrada para o Instituto, no quadro dos socios effectivos, do illustre engenheiro civil, Floro Freire, cuja proposta fôra informada favoravelmente pela commissão respectiva.

Neste momento, pede a palavra o Snr. Almirante Amynthias Jorge, Presidente do Instituto, e ordenou ao 1.º Secretario que fizesse as devidas commuicações ao professor Graça Leite e ao Dr. Floro Freire, e como nada mais havia para tratar fosse a presente sessão encerrada; escrevendo eu a presente acta que assigno com o presidente.

(A. A.) *Hunald Santaflor Cardoso*
Nyciu Dantas, 1.º Secretario.

Acta da sessão extraordinária, em 12 de Outubro, para a recepção do Exm. e Revmo. Snr. D. Augusto Alvares da Silva, Arcebispo Primaz do Brasil, como abaixo se declara.

Aos doze dias do mez de Outubro, ás 8 horas, na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, teve lugar a sessão extraordinária de recepção do Arcebispo Primaz, D. Augusto Alvares da Silva. Com a presença do Exmo. Snr. Presidente do Estado, do Exmo. Snr. Bispo Diocesano, D. José Thomaz Gomes da Silva, e do Exmo. e Revmo. Snr. D. Antonio Cabral, Arcebispo de Bello Horizonte, crescido numero de sacerdotes, mundo official, grande numero de associados e pessoas de destaque social, foi aberta a sessão pelo Secretario Geral do Insti-

tuto, Dr. Hunald Cardoso, por estarem ausentes o presidente effectivo e os dois vice-presidentes, o qual declarou que o fim especial da sessão era recepcionar a mais alta dignidade da igreja Brasileira, que então se achava em Aracajú, afim de abrilhantar a festa da inauguração da imagem de Christo Redemptor, erigida na historica collina de S. Christovam, antiga Capital de Sergipe.

Lida e approvada a Acta da sessão anterior, o Snr. primeiro secretario communicou á casa que estando presente o Dr. Floro Edmundo Freire, ultimamente admittido socio, era opportuno que o mesmo prestasse o compromisso legal, em obediencia aos Estatutos; após esta communicação foi prestado o referido compromisso, a convite do Snr. Presidente. Usando da palavra o Dr. Floro, disse um formoso discurso que foi muito applaudido pela assistencia. Em seguida foi concedida a palavra ao Orador do Instituto, para saudar a alta personalidade do Exmo. Snr. D. Augusto Alvaro da Silva, o que foi feito com brilhantismo, sendo, ao terminar muito applaudido pela numerosa assistencia.

Feito silencio, usou então da palavra o Exmo. Snr. D. Augusto que empolgou a selecta assistencia com um discurso cheio de bellissimas imagens, terminando por entre uma estrepitosa chuva de palmas da assistencia que lhe applaudira calorosamente. Em seguida recebeu o Snr. Arcebispo o diploma de honra do Instituto, como uma prova de alto apreço a sua distinguida pessoa; usou ainda da palavra com o mesmo brilho o homenageado, agradecendo esta prova de consideração do Instituto Historico! Dada a palavra a quem della quizesse usar, e como não houvesse quem mais falasse, o Snr. Presidente, depois de agradecer o comparecimento da selecta assistencia, deu por encerrada a sessão. E para constar lavrou-se a presente acta que vae assignada pelo Snr. Presidente e por mim que a escrevi.

(A. A.) *Francisco da Graça Leite.*
Amynthas F. Forge.

Acta da sessão ordinaria

Aos seis dias do mez de Novembro de mil novecentos e vinte e seis, sob a presidencia do Exm. Sr. Almirante Amynthas Jorge e na presença da maioria de membros da Directoria, teve logar a reunião ordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe. Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1.º Secretario apresentou o expediente que constou de um officio do Sr. Almirante Amynthas Jorge ao Instituto, communicando a sua posse no cargo de prefeito da Capital e outro do Coronel João Pereira communicando ter assumido o commando geral da Força Publica do Estado. Com a palavra o consocio Dr. Ascendino Argollo, disse que quasi todos os Institutos Historicos e Geographicos do Brasil gozavam da subvenção federal, e como o de Sergipe fosse considerado de utilidade estadual, federal e continental, era justo que se pleiteasse por interferencia da nossa representação federal, o mesmo favor para o Instituto de Sergipe; essa proposta foi unanimemente aceita.

Em seguida usou da palavra o professor Graça Leite e propoz que ficasse inserido na acta dos trabalhos do dia um voto de congratulação ao Exm. Sr. Almirante Amynthas Jorge pela sua justa e acertada nomeação para o cargo de prefeito de Aracaju. Com a palavra o Sr. 1.º Secretario, Dr. Nycen Dantas, deu conhecimento á Directoria que a comissão de admissão de socios já havia dado parecer favoravel á proposta para socio effectivo do Instituto o Dr. Ranulpho Prata; em virtude do referido parecer a Directoria resolveu admittil-o como socio effectivo.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, e lavrada a presente acta.

Acta da sessão solenne do Instituto, para recepção
do Exm. Sr. Dr. Cyro Franklin de Azevedo.

Aos 19 dias do mez de Novembro de 1926, sob a presidencia do Exmo. Sr. Almirante Amyntas Jorge, e tendo comparecido a maioria dos membros da Directoria, altas autoridades estaduais e federaes, teve effectivação a sessão solenne para o fim especial de ser recebido no Instituto o Exmo. Sr. Dr. Cyro Franklin de Azevedo, Presidente do Estado.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Dr. Nyceu Dantas, 1.º Secretario apresentou o expediente que constou de tres telegrammas firmados pelo Dr. Helvecio Andrade, Dr. Alvaro Silva e Sr. José Ferreira Simas, nos quaes esses cavalleiros excusavam-se do seu não comparecimento á referida sessão. Usou da palavra o Sr. Almirante Amyntas Jorge e em palavras eloquentes disse á numerosa assistencia o fim especial daquella solennidade.

Em seguida falou orador da casa, Dr. Clodomir Silva para fazer o discurso de saudação ao eminente presidente de Sergipe; esse discurso foi um primor de litteratura e eloquencia, sendo o orador, ao terminar muito applaudido. Foi depois dada a palavra ao Dr. Manoel dos Passos que num eloquente improviso saudou ao Exmo. Sr. Dr. Cyro Franklin.

Após a chuva de palmas em applausos ao orador, levantou-se S. Excia. para dizer o seu agradecimento. O discurso do Dr. Cyro foi empolgante e cheio de encantadoras imagens; toda a assistencia, que o ouviu de pé, applaudiu n'uma prolongada salva de palmas ao seu notavel discurso.

Usou ainda da palavra o Exmo. Sr. Almirante Amyntas Jorge para agradecer o comparecimento da selecta e numerosa assistencia.

Nada mais havendo a tratar foi lavrada a presente acta.

(A.A.) *Francisco da Graça Leite*, 2.º Secretario.
Amyntas J. Jorge.

Acta da sessão extraordinaria para a inauguração
do busto de Horacio Hora.

Aos vinte e seis dias do mez de Fevereiro de 1927, sob a presidencia do Snr. Almirante Amyntas Jorge, e com o comparecimento regular de socios, pessoas gradas, teve logar a sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, para o fim especial da inauguração do busto do grande pintor sergipano Horacio Hora. Apresentado o expediente da casa e lida a acta da sessão anterior, usou da palavra o Snr. Almirante Amyntas Jorge, que n'um empolgante discurso deu por inaugurado o referido busto, cujas cortinas, que o envolviam, foram descerradas pela menina Leonor Moreira Santos, neta do homenageado. Em seguida usou da palavra o orador do Instituto, Dr. Clodomir Silva, que num bello improviso disse do valor do inolvidavel pintor sergipano que foi Horacio Hora.

Aproveitando a occasião, o thesoureiro do Instituto, Dr. Edgard Coelho apresentou um minucioso balancete do movimento financeiro, no qual se verificára um saldo de 1:568\$700. Nada mais havendo a tratar, o Snr. Almirante Amyntas Jorge encerrou a sessão, da qual lavrou-se a presente acta.

(A. A.) *Nycen Dantas.*
Francisco da Graça Leite.

Acta da sessão ordinaria de Assembléa Geral,
realizada no dia 30 de Julho de 1927,
como abaixo se declara.

Aos trinta dias do mez de Julho de 1927, na séde do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, teve logar a sessão ordinaria de Assembléa Geral, de accordo com o artigo 22 dos Estatutos, para eleição dos membros da Directoria e commissões per-

manentes que terão de gerir os destinos sociaes no proximo periodo de 1927 a 1929. Assumiu a presidencia, em vista das renuncias apresentadas pelos Presidente, 1.º e 2.º Vice-presidente e Secretario geral, o 1.º Secretario Dr. Nyceu Dantas, que declarou, depois de verificar a existencia de numero legal de socios, aberta a sessão, expondo em seguida o fim da mesma, e o motivo porque assumiu, naquelle momento, a cadeira da presidencia.

Lamentou o estado do Instituto, que apenas contava na sua directoria a sua pessôa e a do 2.º Secretario professor Francisco da Graça Leite, uma vez que os demais membros haviam renunciado os seus respectivos cargos. Em seguida apresentou verbalmente um ligeiro relatorio de sua gestão. Declarou depois que se ia proceder á eleição, apresentando uma chapa que soffreu ligeira alteração.

Recolhidas em urna, e apurados os votos, foram estes contados pelo Secretario, Professor Francisco da Graça Leite, verificando-se o seguinte resultado: Presidente: Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda; 1.º Vice-presidente: Dr. Manoel dos Passos da Oliveira Telles; 2.º Vice-presidente: Desembargador Lupicino A. da Costa Barros; Secretario Geral: Dr. Nyceu Dantas; 1.º Secretario: Professor Francisco da Graça Leite; 2.º Secretario: Dr. Ênock Santiago; Orador: Dr. Edison de Oliveira Ribeiro; Thesoureiro: Major Epiphania da Fonseca Doria.

Commissão de Fazenda e orçamento: Desembargador João Maynard, Dr. Alexandre Lobão e Desembargador Octavio Cardoso.

Commissão de Historia: Professor Florentino Menezes, Dr. Manoel Candido dos Santos Pereira e Dr. Elias Montalvão.

Commissão de Geographia: Desembargador Francisco Monteiro de Almeida, Dr. Edgard Coelho, e Dr. Prado Sampaio.

Commissão de Manuscriptos e autographos: Dr. Manoel Peretti da Silva Guimarães, Desembargador Teixeira Fontes e Orlando Baptista Bittencourt.

Commissão da Admissão de Socios: Coronel Jardelino Porto, João Montalvão Mattos e Joaquim Lins de Carvalho.

Commissão de Revista: Dr. Ascendino Xavier Ferrão de Argôlo, Nicanor Ribeiro Nunes e Pedro Sotero Machado.

Foram também outros menos votados. Com a palavra o Dr. Nyceu Dantas declarou eleitos para os respectivos cargos os socios acima mencionados, marcando, de accordo com os Estatutos, o dia 6 de Agosto proximo para ter logar a posse dos eleitos.

Disse mais que dependia da nova Directoria se devia ou não ser a posse com solemnidade e congratulou-se com o Instituto pela feliz aquisição que acabava de fazer com a entrada de membros tão distinctos para a sua direcção, no futuro biennio. Em seguida autorizou o secretario a fazer aos eleitos as respectivas communições bem como ás auctoridades e sociedades congeneres. Por fim encerrou a sessão, depois de ter tido palayras de agradecimento aos presentes. Nada mais occorrendo, foi lavrada a presente acta por mim, 2º Secretario, que a escrevi e subscrevo com o presidente.

(A. A.) P. C. Nobre de Lacerda.

Francisco da Graça Leite, 2º Secretario.

Acta da sessão solenne de posse da nova Directoria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe.

Aos seis dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e vinte e sete, as 20 horas, na sala das sessões do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, com a presença de numero legal de socios,

assumiu a presidencia dos trabalhos o 1.º Secretario dr. Nyceu Dantas, em vista das renuncias apresentadas pelo Presidente, 1.º e 2.º Vice-presidentes e Secretario Geral, mandando proceder a leitura da Acta da sessão anterior, depois de ter declarado aberta a sessão, a qual foi approvada, por não haver quem sobre ella quizesse pedir a palavra. Declarou o presidente que por força do artigo 53 dos Estatutos esta sessão era designada para se effectuar a posse da nova Directoria, pelo que, estando presentes os eleitos convidava-os a se assentarem em seus logares, á mesa dos membros directores. Neste ponto assumindo a presidencia o dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, disse que agradecia, sobre modo, a distincção que o Instituto lhe conferia, a qual não merecia, por se considerar um passadista. Pediu então a palavra o desembargador Antonio Teixeira Fontes e declarou que se fosse consultado não accitaria o convite para reingressar na Directoria, por ser o mais velho de todos, mas, estava prompto para prestar os serviços que pudesse. Em seguida o dr. Manoel dos Passos de Oliveira Felles, declarando a mesma cousa, que era velho, se fosse consultado, não accitaria pôsto na Directoria, mas, quanto ao desembargador Teixeira Fontes, elle tinha o espirito moço, e todos se deviam conjugar em pról do Instituto, pois, que, so o seu nome Instituto Historico e Geographico de Sergipe, representa um conceito generico, abrange toda a Historia do Brasil. Seguiu-se o orador empossado, dr. Edison de Oliveira Ribeiro e disse que, com o maior prazer, accitou o cargo para o qual fôra eleito, pois era dos que comprehendiam o valor do Instituto e sabiam quantos entraves soffrem, em Sergipe, associações desta natureza, e o Instituto precisa se levantar e crescer em beneficio do alevantamento do Estado. Por ultimo o dr. Edgard Coelho, thesoureiro da Directoria que terminara o seu mandato prestou as suas contas, entregando ao novo thesoureiro, major Epiphany da Fonseca Doria, a quantia de um conto seiscentos e quarenta e cinco mil e cem reis (1:645\$100) que estava em seu poder,

e abrindo a urna destinada a donativos nella foi encontrada a quantia de tres mil e quatrocentos reis (3\$400) que tambem ficou entregue ao dito thesoureiro. Procedeu-se em seguida a leitura do expediente que constou de varias revistas e de um officio do Gabinete de Leitura de Maroim convidando o Instituto para a sessão solenne que se realisará no dia 21 de Agosto corrente, em commemoração ao quinquagesimo anniversario de sua fundação, sendo designada uma commissão composta dos socios dr. Edison de Oliveira Ribeiro, Enoch Santiago e Epiphanio Doria, e tambem constou de uma circular da Academia Americana de la Historia, de Buenos Ayres, pedindo para entreter relações reciprocas com o Instituto. Terminado o expediente pediu a palavra o consocio Epiphanio Doria fazendo o elogio do consocio fallecido nesta Capital, dr. Alcebiades Correia Paes, terminando com o requerimento de se consignar na acta dos trabalhos um voto de pesar pelo sentido fallecimento do illustre homem de letras e educador, requerimento que foi unanimemente approved. Pediu então a palavra o consocio Enoch Santiago e disse que passando no dia 11 de Agosto a data do primeiro centenario dos cursos juridicos propunha que o Instituto a commemorasse, de accordo com a alta significação historica que o acontecimento encerrava. Unanimemente acceita o presidente designou ás 20 horas do dia 11 para se realisar uma sessão civica em homenagem ao facto assignalado; e nomeou uma commissão composta dos drs. Edison de Oliveira Ribeiro, Alexandre Lobão e Orlando Baptista Bittencourt para convidar todas as auctoridades estaduais, federaes e associações, resolvendo-se que se expedissem telegrammas de convite aos bachareis tambem residentes nas comarcas. O dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles apoiando o resollvido propoz que o dr. Presidente do Instituto telegraphasse ás faculdades de Direito de Recife e S. Paulo pedindo aos seus directores para representarem o Instituto nas festas promovidas em homenagem ao acontecimento, o que foi tambem approved.

E como nada mais houvesse a tratar foi lavrada por mim a presente acta, que subscrevo como 2.º Secretario com o presidente do Instituto.

(A. A.) *Manoel Corrêa Dantas.*

Enoch Santiago, 2.º Secretario.

Nobre de Lacerda.

Acta da sessão solenne da commemoração do Centenario dos Cursos Juridicos no Brasil.

Aos onze dias do mez de Agosto de anno de mil novecentos e vinte e sete, ás 20 horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica do Estado, presentes o Exmo. Sr. Cel. Manoel Corrêa Dantas, presidente do Estado, dr. Abilio de Vasconcellos Hora, chefe de policia, Sr. José Silverio dos Santos, secretario Geral do Estado, desembargadores do Egregio Tribunal da Relação do Estado, Lupicino Amyntas da Costa Barros, Octavio Gomes Cardoso, João Dantas de Britto, João Maria Loureiro Tavares, por si e pelo desembargador Francisco Monteiro de Almeida; Juizes de direito, representantes das forças armadas da guarnição e da marinha, do clero, do commercio e da imprensa, senhoras e senhoritas e cavalheiros, o presidente do Instituto, dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, abriu a sessão, lendo um eloquente e empolgante discurso em torno da grande data do centenario dos cursos juridicos, no Brasil, terminando por passar a presidencia dos trabalhos ao Exmo. Sr. Presidente do Estado, que, por força dos Estatutos é o presidente honorario do mesmo Instituto. Assumindo a presidencia o titular honorario mandou ler a acta da sessão anterior, que foi approvada. Passando ao expediente foram lidos telegrammas e cartas de convidações, se fazendo representar na commemoração, e que foram mandados archivar. Em seguida, explicada a razão da solennidade que se estava rea-

lisando foi dada a palavra ao orador official do Instituto, Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, que dissertou com arroubo e eloquencia sobre o importante acontecimento historico, produzindo uma peça oratoria moldada nos factos que antecederam a promulgação do decreto de 11 de Agosto de 1827, instituindo os cursos juridicos no Brasil.

Após o orador official teve a palavra o segundo orador inscripto, o dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, vice-presidente do Instituto, que, com a solidez dos seus vastos conhecimentos e aprimorada cultura, discorreu sobre a data e, particularmente sobre a influencia dos cursos juridicos e da Faculdade do Recife, narrando o esplendor da mentalidade de Tobias Barretto, que a engrandeceu, na cathedra. Ambos os oradores foram calorosamente applaudidos. Franqueada a palavra a quem della quizesse usar e ninguem a solicitando o Exmo. Sr. Presidente agradeceu o comparecimento de todos os presentes e encerrou a sessão, pelo que, nada mais havendo a tratar foi lavrada a presente acta, que a subserveo como 2.º secretario, depois de ser devidamente assignada pelo presidente.

(A. A.) Nobre de Lacerda

Linck Santiago.

Acta da sessão ordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, do mez de Setembro, como abaixo se declara:

Aos seis dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e sete, ás 20 horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica do Estado, com a presença de numero legal de socios, foi aberta a sessão sob a presidencia do dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, que mandou ler a acta da sessão anterior, sendo a mesma approvada, sem discursão.

Passando-se ao expediente constou elle de officios e publicações recebidas, que, depois de lidos e examinados foram mandados archivar. Na ordem do dia o thezoureiro communicou que feitos os pagamentos de dividas atrazadas a caixa do Instituto ficou com um saldo de um conto e cincoenta mil e quinhentos réis (1:050\$500).

Pelo secretario do Instituto, professor Graça Leite foi proposta a nomeação de uma comissão para levar ao consocio, Monsenhor Adalberto Sobral, recentemente sagrado bispo na Diocese da Barra, no Estado da Bahia, e que para lá embarca no proximo dia as saudações do Instituto e votos de boa viagem, sendo designados os consocios professor Graça Leite, dr. Edison de Oliveira Ribeiro e Epiphanio da Fonseca Dória.

E como nada mais houvesse a tratar o dr. Presidente encerrou a sessão, do que lavrei a presente acta, que vae assignada pelo presidente e por mim. Euock Santiago, segundo Secretario.

(A. A.) Nobre de Lacerda
Euock Santiago.

Acta da sessão ordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, do mez de Outubro como abaixo se declara:

Aos seis dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e vinte e sete, ás 19 horas, no salão destinado á sede do Instituto, na Bibliotheca Publica do Estado, com a presença de numero legal de socios e sob a presidencia do dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, foi aberta a sessão e mandado ler a acta da sessão anterior, que após sua leitura foi approvada, sem debates. O expediente constou de cartas, officios e publicações que depois de examinados foi mandado archivar. Passando-se aos assumptos da vida ordinaria do Instituto foi pre-

sente á mesa um officio do cirurgião-dentista Alvaro da Costa Barros pedindo demissão do cargo de Bibliothecario, que foi concedida.

O Exmo. Sr. dr. Presidente disse que passando no proximo dia 15 o 1.º Centenario dos cursos primarios no Brasil propunha que se commemorasse solemnemente a data para o que designava as dezeseis horas do mesmo dia para a realisacão de uma sessão civica, designando uma comissão composta do Sr. Cel. José da Silva Ribeiro, drs. Edison de Oliveira Ribeiro e Knock Santiago para convidar as auctoridades do Estado. O thesoureiro Epiphanio Doria propoz, afim de por em ordem a lista dos socios contribuintes do Instituto, que se amniciassem os socios que estejam sujeitos á eliminacão ou ja o tenham sido por dispositivo articulado nos Estatutos, ou mesmo a seu pedido, até 31 de Dezembro de 1926, afim de isental-os de qualquer pagamento anterior á referida data, estabelecendo o prazo de cinco mezes, a partir de 1.º de Janeiro de 1928, para vigorar esta resolução, ficando nas condições anteriores aquelles que, deixando expirar o referido prazo, se mantiverem no proposito de não proporcionar o seu apoio ao Instituto. A directoria, achando que a proposta consultava a regularidade e organisacão da thesouraria, accitou-a e determinou-a. Em seguida o Exm. dr. Presidente traçando o perfil do illustre sergipano, dr. Gonçalo de Faro Rollemberg, em eloquentes palavra que traduziram o valor moral de sua nobre pessoa propoz que na acta se inserisse um voto de pesar pelo seu fallecimento, nesta capital, o que foi unanimemente acceito, propondo tambem ignaes votos pelas mortes dos grandes vultos intellectuaes de Teixeira Mendes e Capisfrano de Abreu, o que igualmente foram approvados. O consocio Epiphanio Doria propoz igual homenagem de um voto de pesar pelo passamento do nosso digno patricio, dr. Thales Ferraz, que foi acceito, salientando o proponente as qualidades moraes do extincto e sua correcção para com o Instituto, do qual era socio.

Em seguida foi presente á mesma uma proposta

de socios para serem acceitos pelo Instituto, apoiada na forma regulamentar, e que são os seguintes: dr. Alpheu Rosas Martins, dr. Lauro Hora, dr. Oscar Hora Prata, dr. Abílio de Vasconcellos Hora, dr. João Dantas Martins dos Reis, dr. José Dantas Fontes, dr. Leandro Maynard Maciel, Dezebargador João Dantas de Britto, João Maria Loureiro Tavares, drs. Carlos Alfonso Pires Filgueiras, Paulo Mello, Abelardo Cardoso, Manoel Xavier de Oliveira, Rosalvo Rosa Queiroz, João Firpo Filho, Dra. Maria Ritta Soares de Andrade e Humberto Olegario Dantas.

Esta proposta foi mandada a Comissão de admissão de socios.

E como nada mais houvesse encerrou o Snr. Presidente a sessão lavrando-se de tudo a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A. A.) *Nobre de Lacerda*
Eusebio Santiago.

Acta da sessão extraordinaria da Commemoração do Centenario do curso primario no Brasil.

Aos quinze dias do mez de Outubro de mil novecentos e vinte e sete, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica do Estado, com a presença dos representantes do Exm. Snr. Presidente do Estado e da Assembléa Legislativa, numero legal de socios, professores, director e alumnos da escola normal Ruy Barbosa, e pessoas gradas, o Exm. Snr. Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, Presidente do Instituto, ás quinze horas, declarou aberta a sessão, mandando ler a acta da anterior que posta em discussão foi approvada, sem que ninguém falasse sobre ella. Em seguida o Exm. Presidente, explicando os motivos patrioticos da commemoração que se celebrava, o centenario do curso primario no Brasil, em judicioso discurso discorreu sobre a importancia do acontecimen-

to, estudando-o sob o ponto de vista sociológico na formação da nacionalidade. Como sempre, deixando na assistência uma funda impressão, pela segurança de seus conceitos o illustrado consocio foi mais uma vez applaudissimo, ao terminar sua bella peça oratoria. Foi dada a palavra, então, ao orador do Instituto, Dr. Edison Ribeiro, que tratou do assumpto sob o ponto de vista historico, sendo applaudido.

Seguiu-se com a palavra o Director da Instrução Publica do Estado, professor Franco Freire, que discorrendo amplamente, estudou o effeito da instrução publica, os seus beneficios, enriquecendo o seu trabalho com varios pontos de estatistica, o que despertou grande interesse na assistencia.

O digno director deceu da tribuna, calorosamente applaudido. Antes de terminar a commemoração foi distribuida grande quantidade de bonbons ás creanças e, agradecendo a presença de todos, o Exm. Snr. Dr. Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, layrei a presente acta, que vai devidamente assignada.

(A. A.) *Nobre de Lacerda*
Enock Santiago.

Acta da sessão ordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, referente ao mez de Novembro.

Aos seis dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e vinte e sete, ás 19 horas, no salão do Instituto, presente numero legal de directores, o Exmo. Sr. Dr. Presidente, Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, abriu a sessão e mandou ler a acta da sessão anterior, que foi approvada, sem discussão.

Em seguida, lido o expediente, cartas, jornaes e revistas, foi mandado archivar e responder.

Na ordem do dia foi presente á mesa, preenchidas de todas as formalidades, a proposta de novos socios que a commissão de admissão vinha de entregar, sendo accetos os nomes propostos o Exmo. dr. Presidente marcou uma sessão extraordinaria para o dia 19 de Novembro, dia da Bandeira, quando aos novos associados seria entregue o respectivos diplomas, sendo elles festivamente recebidos no seio do Instituto.

Tratou-se ainda da construcção de um edificio para sede social, sendo designada uma commissão composta dos Drs. Presidente Nobre de Lacerda, Edison Ribeiro e Epiphanio Doria para pedir ao coronel Presidente do Estado e ao Intendente da Capital, a sessão de um terreno existente na avenida Arthur Bernardes, e que se acha em condições de satisfazer ás necessidades do Instituto, de ter uma sede propria. Por ultimo o consocio Enock Santiago pediu que se consignasse um voto de pesar pelo falecimento do consocio Manoel Joaquim Pereira Lobo, que fez parte outr'ora, da Directoria, o que foi approvedo. Nada mais havendo a tratar o dr. Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente acta.

(A. A.) *Nobre de Lacerda*
Enock Santiago.

Acta da sessão oextraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe para commemoração da data anniversaria da bandeira e posse dos novos socios.

Aos dezenove dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e vinte e sete, presente numero legal de socios, o representante do Exmo. Snr. Cel. Presidente do Estado, Cel. José Silverio dos Santos, Secretario Geral, grande numero de se-

nhoras, senhorinhas e cavalleiros, o Exmo. Sr. Dr. Presidente do Instituto declarou aberta a sessão e mandou ler a acta da sessão anterior, que foi approvada, sem discussão. Em seguida o mesmo, em vibrante discurso, falou da razão patriótica da solemnidade e ao mesmo tempo da aquisição dos novos socios que vinham engrossar as fileiras do Instituto, na grande causa a que elle se devota.

O dr. Alpheu Rosas Martins, terminada a oração do presidente, prestou o compromisso de socio effectivo, no que foi acompanhado pelos collegas, tambem recipiendarios: D. D. Quitéria Rolemberg, Elvira Guerra Fontes, Drs. Abilio de Vasconcellos Hora, Leandro Maciel, Lauro Hora, Manoel Xavier de Oliveira e Affonso Filgueiras. Os consocios recémadmittidos, Humberto Dantas, Desembargadores João Dantas de Britto e João Maria Loureiro Tavares enderecaram cartas de excusas, por não poderem comparecer, o mesmo fazendo, por telegramma, o Dr. Abelardo Cardozo. Pela ordem da casa foi dada a palavra ao orador official, Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, para saudar os novos socios, incumbencia de que se desobrigou com elegancia. Dada a palavra aos novos socios falou o Dr. Affonso Filgueiras, agradecendo a honra de ingressar para o Instituto e o Dr. Alpheu Rosas Martins que falou por si e pelos demais compaheiros, sendo grandemente applaudido.

Em ultimo lugar falou a professora Elvira Guerra Fontes, que frisou as conquistas da mulher na sociedade; vendo que ella vae a passos firmes ganhando posição de relevo em todos os meios. O presidente franqueou a palavra a quem mais a quizesse, não havendo mais quem a solicitasse, pelo que, agradecendo o comparecimento da selecta assistencia encerrou a sessão. E para constar levrei a presente acta que vae devidamente assignada.

(A. A.) *F. Nobre de Lacerda.*
Enock Santiago.



Permuta de Publicações

Recebeu regularmente o Instituto, no correr dos annos de 1926 e 1927, as seguintes publicações periodicas :

— Annaes do Museu Paulista, tomo III ; Brasil Ferro Carril — Rio ; Liga Maritima Brasileira — Rio ; Boletim de Informações do Instituto de Engenharia — S. Paulo ; Boletim do Instituto de Engenharia — S. Paulo ; Boletim do Museu Nacional — Rio ; A Informação Goiana — Rio ; Diario Official do Estado de Sergipe ; O Commercio — Maranhim ; Enciclopedia de Educacion — Montevideo ; Anales de la Instruccion Primaria — Montevideo ; Revista do Instituto do Ceará — Fortaleza.

Donativos de Obras

Entraram para a Bibliotheca em 1926 e 1927 as seguintes obras :

A Imperatriz Leopoldina, por Amilcar Salgado dos Santos, offerta do proprio autor ; Historia Geral dos Bandeirantes Paulistas pelo dr. Alfonso de E. Taunay, offerta tambem do autor ; A creação dos cursos juridicos no Brasil, confe-

rencia pelo dr. Alfredo Valladão, pelo mesmo offerecida; e Homenagem do Estado do Rio de Janeiro a Francisco Portella, pelo dr. Getulio das Neves, por este offerecida.

Numeração da Revista

Para melhor orientar os que quizerem organizar colleções da Revista resolvemos estabelecer uma numeração uniforme, a partir do presente volume que recebeu o n. 12, corresponde á decima segunda edição.

O n. 1, corresponde á 1.^a parte do vol. I; o n. 2, ás 2.^{as}, 3.^{as} e 4.^{as} partes (publicadas juntas) do vol. I; o n. 3 á 1.^a parte do vol. II; o n. 4 á 2.^a parte do vol. II; o n. 5 ás 3.^{as} e 4.^{as} partes (publicadas juntas) do vol. II; o n. 6, ao vol. III (publicado em um só fasciculo); o n. 7, ao volume especial consagrado á memoria do dr. Ignacio Barbosa; o n. 8, ao volume IV, (publicado em um só fasciculo); o n. 9, ao vol. V, (publicado em só fasciculo); o n. 10, ás partes I e II, (publicadas juntas) do vol. VI; o n. 11, ás partes III e IV, (publicadas juntas), do volume VI.

rencia pelo dr. Alfredo Valladão, pelo mesmo offerecida; e Homenagem do Estado do Rio de Janeiro a Francisco Portella, pelo dr. Getulio das Neves, por este offerecida.

Numeração da Revista

Para melhor orientar os que quizerem organizar colleções da Revista resolvemos estabelecer uma numeração uniforme, a partir do presente volume que recebeu o n. 12, corresponde á decima segunda edição.

O n. 1, corresponde á 1.^a parte do vol. I; o n. 2, ás 2.^{as}, 3.^{as} e 4.^{as} partes (publicadas juntas) do vol. I; o n. 3 á 1.^a parte do vol. II; o n. 4 á 2.^a parte do vol. II; o n. 5 ás 3.^{as} e 4.^{as} partes (publicadas juntas) do vol. II; o n. 6, ao vol. III (publicado em um só fasciculo); o n. 7, ao volume especial consagrado á memoria do dr. Ignacio Barbosa; o n. 8, ao volume IV, (publicado em um só fasciculo); o n. 9, ao vol. V, (publicado em só fasciculo); o n. 10, ás partes I e II, (publicadas juntas) do vol. VI; o n. 11, ás partes III e IV, (publicadas juntas), do volume VI.

PAGINA DE SAUDADE

Rende o Instituto sincera homenagem á memoria dos seus antigos socios falecidos em 1926 e 1927, a saber:

- Dr. Alcebiades Correia Paes, a 20 de Julho de 1927, nesta capital ;
Antonio Guimarães Chaves, a 7 de Outubro de 1926, na capital federal ;
Dr. Ascendino Angelo dos Reis, a 14 de Setembro de 1926, na capital paulista ;
Dr. Cyro Cordeiro de Farias, a 23 de Maio de 1926, em Aracaju ;
Dr. Cyro Franklin de Azevedo, a 16 de Janeiro de 1927, na capital federal ;
Dr. Floro da Silveira Andrade, a 27 de Abril de 1927, na cidade de Fortaleza, capital de Ceará ;
Coronel Francisco Monteiro de Carvalho Filho, a 20 de Agosto de 1926, na capital federal ;
Dr. Gonçalo de Faro Rollemberg, a 14 de Setembro de 1927, nesta capital ;
General Gonçalo Muniz Telles, a 13 de Outubro de 1927, nesta capital ;
Dr. Jesuino José Gomes, a 18 de Outubro de 1926, nesta capital ;
João Antonio Pereira Barreto, a 7 de Agosto de 1926, nesta capital ;
Professor João Hemeterio de Gouvêa e Silva, a 23 de Setembro de 1926, nesta capital ;
Dr. Joaquim Luiz Mendes de Aguiar, a 26 de Fevereiro de 1927, na capital federal ;
Dr. José Francisco da Silva Mello, a 24 de Dezembro de 1926, nesta capital ;

General Manoel Joaquim Pereira Lobo, a 7 de Outubro de 1927, na capital federal ;
 Dr. Thales Ferraz, a 27 de Setembro de 1927, nesta capital.

Rende tambem igual homenagem á memoria dos grandes brasileiros, glorias das letras patrias, Drs. João Capistrano de Abreu, fallecido no Rio de Janeiro a 13 de Julho de 1927 e Raymundo Teixeira Mendes, fallecido na mesma cidade a 28 de Junho do mesmo anno.

L

INDICE

A quem se deve esta revista, pagina	1
Município e Cidade de Simão Dias, por F. A. de Carvalho Lima Junior, paginas	9 a 33
O Quatorze de Julho de 1789, conferencia pelo dr. Helvecio de Andrade, paginas	35 a 63
A Poesia sergipana e os poetas sergipanos, conferencia pelo dr. Prado Sampaio, paginas	65 a 88
O elogio de D. Pedro II, pelo dr. Archimedes Pereira Guimarães, pags.	89 a 146
Documentos inéditos da Bibliotheca Publica — actas do Conselho do Governo da Provincia, de 24 de Abril de 1830 a 4 de Fevereiro de 1831, paginas	149 a 168
Actas das sessões do Instituto dos annos de 1926 e 1927, paginas	171 a 196
Permuta de publicações, pagina	199
Donativos de Obras, pagina	199
Numeração da Revista, pagina	200
Pagina de Saudade, pagina	201